

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**DO CAMPUS AO CAMPO: TECENDO A MANTA DA**  
**COMUNICAÇÃO NA MEMÓRIA DO PROGRAMA δMOMENTO**  
**RURALö**

**EDNA IZABEL CHÉRIAS**

**2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**DO CAMPUS AO CAMPO: TECENDO A MANTA DA**  
**COMUNICAÇÃO NA MEMÓRIA DO PROGRAMA ãMOMENTO**  
**RURALö**

**EDNA IZABEL CHÉRIAS**

*Sob a Orientação do Professor*

**Ramofly Bicalho dos Santos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ

Junho de 2015

630.710981

34

C521d

Chérias, Edna Izabel, 1961-

T

Do campus ao campo: tecendo a manta da comunicação na memória do programa "Momento Rural" / Edna Izabel Chérias. - 2015.

69 f.: il.

Orientador: Ramofly Bicalho dos Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2015.

Bibliografia: f. 64-67.

1. Ensino agrícola - Pernambuco - Teses. 2. Comunicação na agricultura - Pernambuco - Teses. 3. Agricultura - Estudo e ensino - Recursos audiovisuais - Teses. 4. História oral - Pernambuco - Teses. I. Santos, Ramofly Bicalho dos. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EDNA IZABEL CHÉRIAS**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

---

Ramofly Bicalho dos Santos, Dr. UFRRJ

(Orientador)

---

Lia Maria Teixeira. Dr. UFRRJ

---

Márcio Sales da Silva. Dr. UNIABEU

Dedico este trabalho a Maria José Chérias  
*ōin memoriamō* ... minha mãe...  
uma mulher à frente do seu tempo...  
que hoje reconheço:  
não desistiu de mim...

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por mais essa missão prazerosa e cumprida ...

Agradeço a Mario, Marta, Isaac Jr, Gabi, Thaís, Thaynná, Thiago, Daniela, Guilherme e Helena, minha família, minhas razões...

Agradeço a Profa. Maria José Sena que tornou possível essa realização...

Agradeço ao meu orientador Ramofly Bicalho dos Santos por me apresentar a história oral e seus encantos...

Agradeço a Conceição Martins que me concedeu os fios de sua sabedoria...

Agradeço a Suely Manzi pela eterna paciência e bom humor...

Agradeço a Suely Lima que acreditou ser possível...

Agradeço a Felipe Nicodemos a quem aprendi a amar e respeitar ...

Agradeço a Lana Cláudia pela cumplicidade... sempre....

Agradeço a Iêda Cabral que tornou essa caminhada agradável e prazerosa...

Agradeço aos Professores Paulo de Jesus e Mônica Folena que acreditaram...

Agradeço a Marize Setúbal e sua equipe pela compreensão e extrema paciência...

Agradeço aos sujeitos da pesquisa pela atenção e desprendimento, em especial aos homens rurais, pelos momentos de prazer genuíno, onde compartilharam suas histórias de vida...

Agradecer é sempre uma tarefa árdua, pois são tantos os que de alguma forma contribuíram e incentivaram que corremos o risco de esquecimentos imperdoáveis...

## RESUMO

CHERIAS, Edna Izabel. **DO CAMPUS AO CAMPO: TECENDO A MANTA DA COMUNICAÇÃO NA MEMÓRIA DO PROGRAMA "MOMENTO RURAL"**. 2015. 68 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica RJ. 2015.

Esta pesquisa teve como objetivo resgatar a memória do vídeo intitulado Programa Momento Rural, construído e veiculado no período de 1994 a 1996, que surgiu como ação de comunicação da UFRPE. Buscamos entrelaçar o passado rememorado com a atualidade das tecnologias dos meios de comunicação em contextos rurais no estado de Pernambuco. Verifica-se que diante de particularidades específicas mesmo inserido na zona rural nem todo homem é um pequeno produtor, mas se articula diferentemente com a dinâmica cultural urbana, possui seu modo específico de assimilar, produzir cultura e construir conhecimento. Diante dessas evidências persiste a necessidade da UFRPE direcionar suas pesquisas ao homem rural, especificamente no estado de Pernambuco, adaptando o texto científico à linguagem popular a fim de facilitar sua compreensão. Através da metodologia da História Oral (Thompson, 1988 e demais teóricos), resgatamos a construção social da realidade (Berger e Luckman, 2008) do Programa Momento Rural buscando suas lacunas e contribuições na percepção dos sujeitos envolvidos nesta ação de comunicação. Percebe-se que ao atuar como construtora do conhecimento direcionado à área rural, a UFRPE disponibiliza informações à população no âmbito urbano, acadêmico e científico, deixando de lado uma parcela da sociedade e o homem rural. Observamos a importância de repensar esse ambiente como propício para novas habilidades na arte de comunicar que cumpra o papel de socialização de uma manta de conhecimento oriundo da UFRPE à espera de circulação. Evidencia-se, até à atualidade, a necessidade da UFRPE direcionar suas pesquisas ao homem rural, especificamente no estado de Pernambuco. Passados vinte anos, reconstituir o projeto político e metodológico através da memória do Programa Momento Rural poderá se constituir como ação fundamental para elaboração de estratégias de acesso que visem a socialização do conhecimento produzido na UFRPE, direcionado ao homem rural como receptores finais de suas políticas de comunicação.

**Palavras-chave:** Comunicação, Memória, História Oral, História, Educação Agrícola.

## ABSTRACT

CHERIAS, Edna Izabel. **FROM CAMPUS TO FIELD: WEAVING A PLAID COMMUNICATION PROGRAM IN MEMORY "RURAL MOMENT"**. 2015. 68f. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica - RJ. 2015.

This research aimed to rescue the memory of the video named *Programa Momento Rural* built and aired from 1994 to 1996 that emerged as a communication action to UFRPE. We seek to interlace the past recollected with the current technologies of the media in rural contexts in the State of Pernambuco. It is verified in specific features even inside in rural zone, neither all people is a small producer, but they articulate differently with the dynamics of urban culture, so they have their own specific way to assimilate, produce culture and build knowledge. On the other hand, viewing these evidences, it persists the necessity of the UFRPE to direct research to the rural man, specifically in Pernambuco State, adapting the scientific text to the popular language in order to intend be more comprehensive. Through oral history methodology (Thompson, 1988 and others theoretical), we rescue a social construction of reality (Berger and Luckman, 2008) of *Programa Momento Rural* seeking for its shortcomings and contributions on subject perceptions involved in this action of communication. It is noticed that actuate as an acknowledgement constructor aiming the rural area, UFRPE offers information to the population in the urban, academic and, scientific framework, leaving aside a portion of society ó the rural people. We observed the importance of think again about this environment as propitious to new strategies of communication that fulfills the socialization role of a knowledge plaid arising from UFRPE waiting circulation. It is evident, nowadays, the requirement of UFRPE to head its research to rural people, specifically in Pernambuco State. After twenty years, rebuild a political and methodological project through the memory of *Programa Momento Rural* could constitute a fundamental action to elaborate strategies of access that aim socialization of produced knowledge at UFRPE, directing to rural man as final receptor of communication policies.

Key words: communication, memory, Oral History, History, agricultural education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCS	Coordenação de Comunicação Social
EMATER	Assistência Técnica de Extensão Rural
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
PNATER	Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PRONATER	Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUZINDO OS FIOS DA MANTA DA COMUNICAÇÃO</b> .....	1
<b>2 JUSTIFICANDO A MANTA DA COMUNICAÇÃO</b> .....	3
<b>CAPITULO I ó O PROGRAMA MOMENTO RURAL</b> .....	5
1.1. Entrelaçando os fios da metodologia da História Oral .....	5
1.2. Tecendo a manta da comunicação com os Teóricos.....	9
1.3. Universidade Federal Rural de Pernambuco ó Contextos .....	11
1.4. O projeto político do Programa Momento Rural.....	11
1.5. Fio a fio da tecelagem do Programa Momento Rural.....	13
1.6. Tecendo laços com a construção e transmissão do Programa Momento Rural .....	14
<b>CAPITULO II: CONTRIBUIÇÕES E LACUNAS DO PROGRAMA MOMENTO RURAL: SEUS SIGNIFICADOS E CORRELAÇÕES.</b> .....	23
2.1. Com os fios... os sujeitos e os canais de comunicação .....	25
2.2. Fiando com as opções dos meios de comunicação.....	27
2.3. Os teares em contextos rurais .....	28
2.4. As demandas e expectativas .....	30
2.5. Fiando com a memória e percepção .....	33
2.6. Lançando os fios dos sentimentos .....	37
2.7. O ranger tristonho da máquina de fiar dos anseios e frustrações.....	38
<b>CAPITULO III ó COMUNICAÇÃO... UMA TRAMA DE VÁRIOS FIOS</b> .....	43
3.1. Trançando o processo da comunicação.....	43
3.2. Entrecruzando os fios da atualidade da comunicação.....	45
3.3. Tecendo com a tecnologia dos meios .....	49
3.4. Entrelaçando passado e futuro do Programa Momento Rural.....	55
<b>3 AMARRANDO OS NÓS NAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61
<b>APENDICE</b> .....	65
<b>ANEXOS</b> .....	70

## 1 INTRODUZINDO OS FIOS DA MANTA DA COMUNICAÇÃO

*Para ter uma comunicação oral, é preciso que as pessoas falem umas com as outras. Por isso, a essência do nosso desafio é renovar a questão do diálogo. Essa questão significa, novamente, a luta por igualdade.* Alessandro Portelli. (2000, p.67)

De formatos, cores e texturas diferentes, inúmeros são os fios que tecem a manta de possibilidades e escolhas durante nossa existência e que nos permitem trançar uma urdidura. Os fios da nossa história se entrelaçam com o vídeo intitulado Programa Momento Rural em 1993, quando passei a desenvolver minhas atividades profissionais na Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

O Programa Momento Rural surgiu como ação de comunicação da UFRPE, através de um vídeo produzido nos anos de 1994 a 1996, com duração de 60 segundos, resultado de um convênio entre a UFRPE, REDE GLOBO RECIFE e a CENTER TVRÁDIOFOTO Ltda, cuja exibição ocorria nos intervalos da programação local da TV Globo Nordeste e visava socializar as pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico da UFRPE, direcionando-as ao público leigo, em linguagem simples, propondo sua assimilação. Com sua criação que tinha como um de seus objetivos a comunicação direcionada ao homem rural, detectamos algumas lacunas no que diz respeito ao seu alcance, uma vez que sua exibição se dava apenas na grade comercial destinada a região metropolitana do Recife e uma pequena parte dos municípios da Zona da Mata do estado de Pernambuco.

Direcionando o olhar para o feedback do Programa Momento Rural nos deparamos com mais uma lacuna da comunicação, que, embora tenha sido um projeto inovador e de longo alcance na região metropolitana, não houve, por parte da Instituição, uma avaliação com os sujeitos envolvidos, ou seja, a equipe produtora, os pesquisadores que tiveram suas pesquisas veiculadas no papel de emissor, bem como com o público em geral como receptor, respectivamente emissor e receptor (E/R), emissor e não receptor (E/NR) e não emissor e não receptor (NE/NR), que ficaram à margem de qualquer discussão no que tange as transformações socioculturais geradas por essa ação.

Verificou-se em estudo realizado em 2007, no Curso de Especialização em Administração com Ênfase em Marketing, que resultou na monografia intitulada *DO CAMPUS AO CAMPO: SOCIALIZANDO OS RESULTADOS DAS PESQUISAS DA CIÊNCIA VETERINÁRIA*, que tinha como objetivo identificar o conhecimento oriundo da academia em domínio público. Para tanto, tomou-se como recorte, por um lado, o conhecimento resultante do Programa de Pós-Graduação em Ciência Veterinária da UFRPE e por outro, um grupo de moradores da região de Jussaral, Município de Vitória de Santo Antão, Agreste do Estado de Pernambuco, composto por 56 membros, cujas necessidades de informação formaram o pano de fundo do estudo. Visualizamos que particularidades específicas do homem rural geravam interferências na socialização das pesquisas desenvolvidas pelo PPGCV junto a Jussaral, uma vez que as expectativas dos seus moradores confrontam-se com o vazio ao não terem acesso às essas informações em consequência do objetivo, do nível e do formato das pesquisas desenvolvidas no mencionado Programa.

Tornou-se evidente que mesmo inserido na zona rural, nem todo homem é um pequeno produtor, mas se articula diferentemente com a dinâmica cultural urbana, possui seu modo específico de assimilar, produzir cultura e construir conhecimento. Percebeu-se que ao atuar

como artesã de uma manta de conhecimento direcionado à área rural, a UFRPE não alcançou plenamente seu objetivo, uma vez que disponibilizava informações à população no âmbito urbano, acadêmico e científico, deixando de lado uma parcela da sociedade o o homem rural o que continua com pouco acesso às notícias veiculadas em jornais ou mesmo nos programas televisivos direcionados à zona rural, e, conseqüentemente, permanece à margem desse conhecimento. Evidencia-se, até à atualidade, a necessidade de direcionar também essas pesquisas ao homem rural, especificamente no estado de Pernambuco, adaptando o texto científico à linguagem popular a fim de facilitar sua compreensão.

Essas evidências nos motivaram a dar continuidade à pesquisa com o tema da comunicação no contexto rural, utilizando dessa feita, como recorte, o resgate do Programa Momento Rural, a partir de sua trajetória, memória e percepção do grupo coordenador dessa ação e da comunidade emissora e receptora (E/R), emissora e não receptora (E/NR) e não emissora e não receptora (NE/NR) do mesmo. Para este intento buscamos a Memória que trata do passado revivido e a Comunicação, inerente ao homem como ser social, através da metodologia da História Oral, com uso de fontes orais.

Assim esta pesquisa teve como objetivo geral reconstituir o projeto político e metodológico do Programa Momento Rural(1994-1996) identificando possíveis relações com as transformações socioculturais no contexto rural do Estado de Pernambuco com aos três objetivos específicos:

- Conhecer a metodologia adotada na transmissão de conteúdo e veiculação do Programa Momento Rural, enquanto agente de comunicação e indutor de transformações socioculturais;
- Revelar as contribuições e lacunas do Programa Momento Rural: seus significados e correlações;
- Compreender a comunicação no passado do Programa Momento Rural em perspectiva com a atualidade.

Passados vinte anos, reconstituir o projeto político e metodológico através da memória do Programa Momento Rural poderá se constituir como ação fundamental para elaboração de estratégias de acesso que visem a socialização do conhecimento produzido na UFRPE, direcionado ao homem rural como receptores finais de suas políticas de comunicação.

## 2 JUSTIFICANDO A MANTA DA COMUNICAÇÃO

*Comunicação é a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar... implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Paulo Freire (2013, p. 89)*

Comunicar é um fenômeno essencial do ser humano, estando presente no processo do pensamento, ideias e ações. Através da comunicação opera-se a troca de vivências, experiências e de sentimentos com os seus semelhantes, numa realimentação permanente onde conhecem e partilham códigos e significados comuns, através da linguagem. Na esfera acadêmica, a comunicação é um campo que envolve muitas variantes. Um público específico tem seu repertório cultural exclusivo e, portanto, receberá a informação segundo seu conjunto de particularidades e o emissor deverá agir de acordo com esses filtros culturais, visando minimizar os choques de comunicação.

Como uma manta de vários fios, a comunicação se traduz no intercâmbio de informações entre sujeitos. E como manta costuramos esses fios buscando o conceito de metáforas, que se trata da aproximação de dois seres ou coisas, passando as características de um para o outro. Conhecemos esse conceito em 2007, pelo olhar de Conceição Martins, orientadora da monografia construída no Curso de Especialização, que nos apresentou a comunicação como o resultado do entrelaçamento de fios, através da urdidura e a trama, num movimento vertical e horizontal do pente, sucessivamente de um lado para o outro. Tal procedimento se assemelha ao processo de interações comunicacionais, que vão sendo alimentados por novas informações, que como fios, se desenrolam, costuram, escapam e são reapropriados e constroem novos significados, trazendo a linguagem um campo visual.

Assim, através de metáforas buscamos a percepção do nosso público alvo visando detectar a forma eficaz de comunicar, acompanhar, corrigir ou melhorar essa ação de comunicação, onde o mais relevante é a reação do receptor diante da comunicação do emissor. Foi necessário que, através da história oral, buscássemos esse processo de retroalimentação, permitindo visualizar os efeitos reais, as mudanças ocorridas no receptor, provocada pela mensagem transmitida através do Programa Momento Rural. Essa inversão de papéis, onde o emissor passa a ser o receptor, o feedback assume os mesmos passos da comunicação original. Nessa busca das percepções através dos canais de comunicação de massa, foi possível comparar e aferir se os efeitos produzidos são os que inicialmente se desejava, alimentando ações de continuidade ou não dessa forma de comunicar.

No primeiro capítulo trançamos a memória e percepção dos idealizadores do Programa Momento Rural, no que se refere a construção e veiculação dos vídeos, enredados com as histórias de vida dos sujeitos, suas razões e emoções, potencializando a oralidade, trazendo a contribuição de teóricos clássicos e modernos da História Oral, da Memória e da Comunicação contextualizados na ruralidade como: Paul Richard Thompson (1988), Ramofly Bicalho (2007), Conceição Martins (2013), Alessandro Portelli (2000) Jacques Le Goff (1990), Paulo Freire (2013), Miguel Arroyo (1999-2015), Peter Ludwig Berger e Thomas Luckman (2008), Juan Díaz Bordenave (1998), Verena Alberti (2005) . No segundo capítulo tecemos com fios da construção social da realidade, como pensamentos e ações, concepções e ideias, proporcionadas pela utilização da história oral, utilizando a natureza intrínseca da oralidade, buscando a experiência de vidas das pessoas envolvidas e não envolvidas diretamente na temática histórica

do Programa Momento Rural. Nesse tecer agregamos aos teóricos já citados, novas dimensões de contextos, com os olhares dos teóricos: Peter Ludwig Berger e Thomas Luckman (2008), Juan Díaz Bordenave (1998).

No terceiro capítulo tratamos das percepções dos atores sociais compreendendo o vínculo da memória do Programa Momento Rural com a atualidade, seus limites e possibilidades, entrelaçando passado e presente, visando um futuro canal de comunicação de massa integrando a UFRPE e o contexto rural, entrelaçados com os olhares dos teóricos envolvidos nesta manta.

## 1. CAPÍTULO I é O PROGRAMA MOMENTO RURAL

*“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”* Paulo Freire (2013, p. 91)

Neste capítulo tratamos da construção e veiculação do Programa Momento Rural, com a visão de seus idealizadores, buscando através de suas memórias o passado e trazendo para o presente suas percepções entrelaçadas com suas histórias de vida, contextualizando com suas formações profissionais, atuações e perspectivas. Através de entrevista com Glauce Correia Diniz então Coordenadora de Comunicação Social da UFRPE, que participou do processo de criação do Programa Momento Rural e Cléo Nicéas, então Diretor Regional da Rede Globo Recife (NORDESTE), atores desta ação de comunicação, buscamos a construção, transmissão e veiculação referentes aos contextos sociais midiáticos, como forma de informar e transformar o cotidiano das pessoas. Nesses fios abordamos as pretensões do projeto político e a tecelagem do Programa Momento Rural.

### 1.1. Entrelaçando os fios da metodologia da História Oral

*“O desafio da história oral relaciona-se em parte com a finalidade social essencial da história”*. Paul Richard Thompson (1988, p. 21)

Para que os fios dessa manta da comunicação fossem amarrados de maneira uniforme e coerente, buscamos a Memória do Programa Momento Rural, através da metodologia da História Oral, como método específico das ciências sociais, que entrelaçam a vivência do passado e presente com expectativa de determinar o futuro.

Alistair Thomson, professor de História da School of Philosophical, explica que a História Oral ganhou força a partir da década de 1960, quando surgiram métodos de entrevista e análise utilizando fontes orais. Nesse sentido, Philippe Joutard alega que a história oral não está mais em suas primícias, *“chegou já à primavera e é cada vez mais reconhecida e compreendida nos círculos acadêmicos mais tradicionais. Os que contestam a fonte oral travam combates ultrapassados”*. (JOUTARD, 2000, p. 32)

Alessandro Portelli (2000) afirma que por seu caráter *qualitativo*, a História Oral visa resgatar através de suas memórias a reconstrução do passado dos sujeitos e se impõe como uma metodologia eficiente que aborda a compreensão dos fatos em tempo presente, desvendando sonhos e anseios das pessoas que presenciaram acontecimentos em sua época. Fontes orais *“contam-nos o lado psicológico emocional do povo, quanto não só ao que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”*. (PORTELLI, 1997, p. 31)

Verena Alberti (2005) é mais enfático e fornece a lógica da utilização da história oral como metodologia, alegando que uma de suas qualidades reside no fato de apenas ser utilizada em pesquisas de temas contemporâneos, ocorrências recentes, na medida em que a memória possa alcançar, entrevistando pessoas que viveram ou testemunharam os acontecimentos. Essa metodologia se traduz como um meio de buscar o conhecimento de determinado tema, ouvindo pessoas que têm algo a dizer sobre a questão e apreender as versões fornecidas pelos entrevistados sobre o objeto de análise.

Paul Richard Thompson professa que *os historiadores orais podem buscar a evidência de que precisam, ir procurá-la e obtê-la*, proporcionando uma ruptura da fronteira entre o acadêmico e o mundo, entre o profissional e o público comum, em detrimento dos *velhos catálogos bibliográficos*. (THOMPSON, 1988, p.25).

Surgem então novos meios e estímulos para essa prática metodológica. Nesse sentido, optamos pela abordagem da História Oral, através de fontes orais, objetivando resgatar a história a partir do conhecimento prévio do Programa Momento Rural, agregando novos olhares através da memória daqueles que participaram de sua construção e ou veiculação. Para essa reflexão a história oral encontrava-se em consonância com a proposta desta pesquisa, dirigindo nosso olhar na perspectiva de propor conhecer as percepções sobre o Programa Momento Rural, avaliando o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam, e, a partir daí descobrir, por meio das definições individuais, planos de ação de comunicação adequados a uma realidade contextualizada.

Essa metodologia tem a ver *com toda a discussão de História versus Memória* como declara,

Essencialmente, disseram-nos que uma memória individual é ideológica, mitológica, não confiável - razões pelas quais, aliás, eu a aprecio - mas isto é a memória. A história, no entanto, é propriedade de instituições e de historiadores profissionais. (PORTELLI, 2000, p. 66)

Pautados nas afirmações dos autores citados a utilização da História Oral permitiu acrescentar uma *dimensão viva*, colhendo novas perspectivas à história, permitindo construir um discurso de interpretação histórica com riqueza e complexidade.

Acolhendo esses fios no universo das investigações científicas, em geral utilizam-se vários métodos e técnicas quanto forem necessários ou apropriados para determinado caso. Assim empregamos dois instrumentos metodológicos para a coleta de dados, a *entrevista temática*, elaborada em blocos, com categorias de análise (Apêndice A) e a *entrevista com roteiro geral* (Apêndice B) colhendo depoimentos orais, buscando subjetividades, distinguindo gênero, idade, estado civil, formação acadêmica e profissão como um diferencial entre as categorias, utilizando esses dados no intento de compreender melhor o relato de sua experiência interligada com sua biografia. Salientamos que a escolha dos dois tipos de instrumentos de coleta de dados se justificou pela variedade sociocultural do universo que pretendíamos estudar e os objetivos distintos da pesquisa, no entanto, garantiu a convergência das questões oferecendo unidade de resposta.

A *entrevista temática* parte do pressuposto da posição e experiência do entrevistado diante do tema, denominando-os de *unidades qualitativas*. Definimos as *unidades qualitativas* a princípio, num total de quatro. No entanto, no decorrer da pesquisa verificamos que, tendo em vista o objetivo de entrevistar sujeitos diretamente envolvidos na construção do Programa Momento Rural, visando obter um olhar aprofundado da questão, foram efetivamente contatadas três unidades qualitativas. Segundo esse autor algumas circunstâncias podem alterar a escolha inicial dos entrevistados, sem que isso implique em prejuízo para a pesquisa, declarando que *a escolha dos entrevistados só é plenamente fundamentada no momento da realização das entrevistas, quando se verifica, em última instância, a propriedade ou não da seleção feita*. (ALBERTI, 2005, p. 32).

Nesse sentido definimos nosso universo amostral entrevistando 3 (três) sujeitos, Glauce Diniz e Cléo Nicéas, e num segundo momento Renata Leão, atual Coordenadora de Comunicação Social da UFRPE, que emprestou seu olhar de contemporaneidade, num esforço de construção de vínculos entre o passado e o presente da comunicação na UFRPE, que trataremos no Capítulo III. Todas as entrevistas temáticas foram realizadas mediante a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C), uma vez que estas se transformarão em documentos, catalogados e entregues à Biblioteca Central da UFRRJ e a UFRPE, sendo incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas por suas categorias de análise: reconhecimento, identidade, valorização de heranças familiares, vida cultural, memória, relações pessoais e sociais, formação, relação com a comunicação, educação e contextos relacionados ao Programa Momento Rural, onde suas histórias, repletas de memória possam ser conhecidas e reconhecidas, situando assim *õquem falaõ* e *õpor queõ* optou pela trajetória que o levou a participar do tema em questão.

Quanto a *entrevista com roteiro geral*, esta é utilizada como sistematização das perguntas e unidades das respostas do grupo entrevistado. Escolhidos por suas características frente ao tema, respeitando-se as categorias pré-determinadas de emissor e receptor (E/R), emissor e não receptor (E/NR) e não emissor e não receptor (NE/NR), entrevistamos um total de dez sujeitos. Utilizamos a técnica de contato direto, com caráter individual, que possibilita explicações, discussão e dúvidas sobre os objetivos da pesquisa, também acompanhados de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com garantia de anonimato (Apêndice D).

No entanto, no decorrer dessa trama, ponderamos que a história oral tem como particularidade resgatar a história dos sujeitos comuns, abonando a voz de quem nunca foi ouvido, e, assim posto, a condição de anonimato se opunha a essa essência. Pelas fontes orais a construção de seus depoimentos apontam proporcionar dignidade e sentido de finalidade ao rememorem a própria vida e contribuir com informações preciosas para gerações futuras. Segundo Portelli (1997) cada entrevista apresenta-se diferente, única e interessante pela subjetividade das pessoas com quem dialogamos, e transforma-se num espaço compartilhado de narração. Assim sendo, as palavras são propriedades dos sujeitos, aumentando a responsabilidade do entrevistador com o uso que se faz delas. Atendendo a essa questão, ou seja, representar os sujeitos com sua linguagem e construção, se insere a responsabilidade de saber de que maneira os mesmos querem aparecer na esfera pública e acadêmica. Diante desse pressuposto, retornamos aos sujeitos esclarecendo a profundidade da História Oral e oferecendo liberdade para escolha de seus pseudônimos<sup>1</sup> e apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos (Apêndice E).

No tecer de muitos fios o contato com os teóricos nos apresentou uma riqueza de informações referentes à metodologia da história oral, no entanto, apresentou-se como essencial a escolha de apenas alguns para aprofundarmos nos objetivos que nos propomos a observar. Deste modo, para estabelecermos a coerência da apreciação da *entrevista com roteiro geral* optamos basicamente pela análise e interpretação dos dados coletados com o olhar de Berger e Luckmann (2008), definindo *õrealidadeõ* e *õconhecimentoõ*, sob o tratado de em sua obra *õA construção social da realidadeõ*. Nessa tecelagem não entraremos nas questões mais profundas da sociologia do conhecimento, no entanto compactuamos que a *õfenomenologia socialõ* é um produto do homem e como tal acreditamos serem resultados de um processo histórico social de construção coletiva do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Pseudônimo é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome legal.

Como técnica de abordagem no contato inicial, reapresentamos e apresentamos os vídeos do Programa Momento Rural confeccionados nos anos de 1994 a 1996, num total de apenas quatro recuperados, uma vez que os equipamentos que realizavam a reprodução destes tornaram-se obsoletos e inoperantes, não permitindo o resgate de toda a produção, aproximadamente 56 (cinquenta e seis).

Atendendo a esses pressupostos, no caso dos homens rurais, o contato inicial foi realizado, primeiramente, com os sujeitos em posição social de destaque que se encarregaram de formalizar as apresentações na comunidade, ou seja, colocando em prática o *rapport*, capacidade de entrar no mundo de alguém, fazê-lo sentir que você o entende e que vocês têm um forte laço em comum. Esse contato tornou-se acessível tendo como uma das causas as raízes familiares na comunidade, através da figura do nosso avô paterno, João Caxiado, reconhecida personalidade no município de Paranatama, agreste do sertão pernambucano, por enfrentamentos armados com o Bando de Lampião e Maria Bonita.

Conferimos que as etapas de contato e realização das entrevistas haviam transcorrido de maneira satisfatória e prazerosa, estabelecendo-se uma relação de intimidade, afetividade e cuidado, permeada pela construção da ética, valorização e respeito. Essa dinâmica pauta-se em contribuições que afixam que este deve ser espontâneo e natural, aproximando entrevistadores e entrevistados e construindo relações de parceria e confiança, num diálogo horizontal, ressaltando que *õé nossa responsabilidade, enquanto educadores, estarmos atentos para os vários pronunciamentos dos sujeitos da pesquisa, percebendo a variedade dos discursos, suas semelhanças e diferenças*. (BICALHO, 2009, p.3)

Passamos às transcrições das entrevistas das unidades qualitativas na íntegra, procedendo-se a constituição do *corpus*. As mesmas foram retornadas para os entrevistados, visando sua aprovação ou correção, demonstrando, assim, questões éticas e um cuidado maior no trato da identidade e história das pessoas. No segundo momento, porém não menos importante, deu-se o tratamento dos resultados e as interpretações dos dados surgidos da aplicação da entrevista com roteiro geral, identificando-se as construções sociais da realidade e seus significados em contextos, que estabelecem relação com os objetivos desta pesquisa.

Durante as transcrições percebemos a riqueza impar da oralidade nas falas dos sujeitos, a experiência singular do texto oral dialogado, fruto de uma relação de conversação, como atividade básica inserida no cotidiano da comunicação entre pessoas, independente do seu grau de instrução ou nível sociocultural. Bordenave (1998) fornece um olhar voltado para a *õparalinguagem*, um anexo da mensagem central, também conhecido como *õcacoetes*, porém carregados de significativos que demonstram intimidade e familiaridade com o interlocutor. Destacamos alguns: *õnão é verdade*, *õsabe*, *õveja bem*, *õnão é*, *õestá me entendendo* que são marcadores da comunicação, e com contrações *-né?õ* *õéhõ* que apresentam um propósito definido, *õconceder uma fração de tempo para pensar o que vai dizer a seguir; dar-lhe uma espécie de poio aliviando a sua insegurança; enfatizar a importância do que está sendo dito*. (BORDENAVE, apud Flávio Di Giorgio, 1998, p. 28)

Deste modo, diante desta importância e particularidade da oralidade, optamos por realizar as transcrições mantendo os marcadores conversacionais, contrações e prosódicas, tais como hesitação e repetição. Essa opção surgiu do desejo de manter íntegras as falas dos entrevistados, preservando sua identidade e regionalidade que resiste e reinventa-se em tempos de mídia e sua condição de produção contextualizada. No entanto Portelli (1997) alega que

nesta etapa ocorre uma complexa questão, o respeito para com a expressão da oralidade, onde muito do poder da comunicação está inserido, e, o desejo dos sujeitos em não aparecer como incapazes de comunicar-se corretamente. Baseado nessa afirmação, no retorno dos depoimentos negociamos com os entrevistados, editando ou não, conforme suas determinações, por tratar-se de palavras alheias, que não nos pertencem, sem destruir no entanto o poder da oralidade. Este autor acrescenta ainda,

É, pois, um estilo de escritura que se situa numa linha entre o texto e a performance; entre palavras fixas, escritas, e palavras que se movem, palavras vivas, faladas. Não apenas isso, senão que o monólogo da escritura acadêmica é toda escritura, aliás, tende a ser monólogo ou se transmuta em um diálogo, em um coro, em que atuamos como diretores de orquestra, ou diretores de cena, que é expressão de uma pluralidade de vozes e de sujeitos. (PORTELLI, 1997, p. 5)

As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2014, no Recife, capital do Estado de Pernambuco e nos municípios de Carpina, Garanhuns e Paratambá, zona da mata e agreste, respectivamente, os demais Campi Avançados não foram contemplados tendo em vista os sujeitos envolvidos no tema não estarem mais presentes nas localidades. Para sua realização fizemos uso de um gravador de voz e máquina fotográfica para registro fotográfico dos entrevistados. A invenção do gravador vem contribuir com a História Oral dando-lhe respaldo e credibilidade, além de se apresentar como um instrumento auxiliar que nos torna capazes de *capturar a voz, em vez de nos contentarmos com as notas escritas, integrando, assim, em nossa análise, os silêncios, as hesitações, os lapsos*. (JOUTARD, 2000, p. 40).

Uma questão que se colocou nesta etapa trata-se da forma de apresentação dos resultados coletados através da entrevista com roteiro geral. Segundo Thompson (1988), em primeiro lugar, deve-se considerar as opções de como fazer e, em segundo lugar, avaliar e testar as evidências surgidas através da história oral. Considerando o tecer de uma manta, construída com novelos de muitos fios, os mesmos deveriam ser organizados e acondicionados de forma sistemática, para que não ocorresse um emaranhado confuso e caótico. Assim, construímos um grande armário imaginário, composto por sete gavetas, nomeadas de acordo com as intenções oriundas das questões contidas na entrevista com roteiro geral, onde em cada uma delas foram acondicionadas as percepções dos entrevistados. Salientamos que cada gaveta do armário foi composta por três divisórias, onde foram agrupadas as construções da realidade das categorias previamente estabelecidas, ou seja, emissor e receptor (E/R), emissor e não receptor (E/NR) e não emissor e não receptor (NE/NR). As gavetas foram abertas na mesma sequência das questões.

A entrevista se constitui uma relação entre pessoas, com contato face a face e visual olho no olho, suas competências de linguagem e de conversação, memórias e percepções, inseridas num cenário cotidiano, onde se fez necessário a criatividade do pesquisador. Essa experiência, embora investigativa, nos trouxe em seu bojo o caráter formativo, enquanto pessoas envolvidas, inseridas em seus contextos, num processo de crescimento recíproco, presente e específico da metodologia da História Oral pela qual se optou.

## **1.2. Tecendo a manta da comunicação com os Teóricos**

*Tecer a manta da comunicação é um exercício de reflexão acerca de fios imaginários.* Conceição Martins (2013, p.2)

Com um olhar contemporâneo alcançamos que o Programa Momento Rural foi exemplo de ousadia e inovação, rico em informações e imagens, num tempo e espaço delimitados e pretendia levar ao homem rural, seu público alvo, possibilidades para suas demandas através da comunicação. A comunicação se caracteriza em uma informação, na ausência do acontecimento que constitui o seu motivo e seu uso tem sido utilizado no domínio das ciências sociais, em particular, daquela em que a memória constitui, ao mesmo tempo, o material e o objeto da história. Coadunando com essa proposta trazemos a afirmação de Le Goff,

“Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual.” (LE GOFF, 1990, p. 205)

Trazer a história do Programa Momento Rural como objeto de perspectiva no homem do campo encontra ainda fundamentação na afirmação de Le Goff que declara *“as sociedades ditas tradicionais, especialmente as camponesas, não são tão estáticas como se julga”*. As sociedades constituídas recebem a inovação *“sob a forma de um regresso ao passado: é a ideia-força das renascenças”*. (Jacques Le Goff, 1990, p.213)

Entrelaçamos os fios da educação, através de ações como o Programa Momento Rural, enquanto canal de comunicação e veículo de conhecimento, sob a perspectiva de Freire (2013) que traz o modelo de educação dialógica, potencializando o poder criador do homem, alimentando sua criticidade, transformando o mundo, educando para a prática de liberdade.

A universidade deve ecoar Paulo Freire quando afirma que *“solidarizar-se com os oprimidos é algo mais que prestar assistência a trinta ou a cem, mantendo-os atados, contudo, a mesma condição de dependentes”*. A solidariedade é *“assumir a situação de com quem se solidarizou”, é “com eles lutar para transformação da realidade”* (PAULO FREIRE, 2005, pag.36).

Ainda segundo Freire, (2005),

[...] *“nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um tratamento humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, para a sua promoção”*. (Paulo Freire, 1987, p.41)

No tecer desses fios com Freire, a comunicação oriunda da UFRPE deve atuar como uma ação social, repensando as próprias formas de construção do conhecimento.

Tecemos com Arroyo que percebe o importante papel do educador, em tempos de mudanças, como *“tempo propício e oportuno para repensar a educação”,* diante das transformações que o campo no Brasil está vivendo. Como educadores é primordial entender que

*“(...)temos de ter sensibilidade para essa dinâmica social, educativa e cultural, e perguntar-nos que novos sujeitos estão se constituindo, formando, que crianças, jovens, adultos(...) que lideranças, que relações sociais de trabalho, de propriedade, que valores(...) nosso olhar não pode ser apenas a escola (...)temos de olhar e entender como nesse movimento social vêm se formando e educando(...)”* (MIGUEL ARROYO, 1999, p.14)

Nessa manta, portanto, entrelaçando os fios da comunicação com a Memória e a Educação, através da História Oral, apreendendo um campo inesgotável nas entrelinhas do social, através do resgate da memória do Programa Momento Rural, que buscava uma narração contextualizada, focando raízes e culturas do homem rural, trabalhando a questão do moderno e o tradicional, o regional e o globalizado, atuando como ação de transformação de identidades em contextos rurais, desprezando o alienante e priorizando a informação conscientizada.

### **1.3. Universidade Federal Rural de Pernambuco ó Contextos**

*õ... que se pergunte a si mesmo se realmente crê no povo, nos homens simples, nos camponeses. Se realmente é capaz de comungar com eles e com eles pronunciar o mundoõ. Paulo Freire (2013, p. 131)*

A Universidade Federal Rural de Pernambuco nasceu em 3 de novembro de 1912, como Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, célula mater da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sendo inaugurada em 01 de fevereiro de 1914, em prédio anexo ao Mosteiro de São Bento, em Olinda, Pernambuco, sob a ordem dos monges Beneditinos, com a direção do Reverendo Abade do Mosteiro de São Bento, Dom Pedro Roeser.

O curso de Agronomia foi posteriormente transferido para o Engenho São Bento, em São Lourenço da Mata, Pernambuco, permanecendo o curso de Veterinária em Olinda, compondo a Escola Superior de Veterinária São Bento. Em 1936 passou a ser chamada de Escola Superior de Agricultura São Bento. Por ocasião da estadualização através da Lei Estadual nº 2443 e Ato nº 1.802, passou a denominar-se Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP), sendo transferida em 1938 para o arrabalde de Dois Irmãos, no Recife, onde passou a ocupar as modernas instalações projetadas para o Reformatório de Menores, adaptado para receber a ESAP.

A Universidade Rural de Pernambuco foi criada pelo Decreto Estadual nº 1.741, de 1947, incorporando as Escolas Superiores de Agricultura, Veterinária, e a Escola Agrotécnica de São Lourenço da Mata, bem como o Curso de Magistério de Economia Doméstica Rural, sendo federalizada pela Lei Federal nº 2.524, de 1955, passando a denominar-se Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em maio de 1967.

Atualmente, suas atividades acadêmicas são desenvolvidas no Campus de Dois Irmãos, em Recife, e nos 07 (sete) *campi* avançados, distribuído no Litoral, Zona da Mata, Agreste e Sertão do Estado de Pernambuco. Possui 3 (três) Unidades Acadêmicas localizadas em Garanhuns (UAG) e Serra Talhada (UAST), e recentemente conta com a Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho, completando assim a totalidade de cobertura do estado de Pernambuco.

Oferece cursos nas áreas de Ciências Agrárias, Humanas e Sociais, Biológicas, Exatas e da Terra. Sua Pós-graduação atua com 32 cursos abrangendo Mestrado e Doutorado. Possui em sua estrutura organizacional (anexo A) a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) e em sua inserção político-acadêmico é um dos órgãos de apoio e assessoramento da Reitoria e Vice-Reitoria. É neste órgão que se inicia o contexto desta pesquisa.

### **1.4. O projeto político do Programa Momento Rural**

*õ... a educação não é própria e exclusivamente a permanência ou a mudança de algo. A educação, porque se realiza no jogo destes contrários que se dialetizam, é duração* Paulo Freire (2013, p. 116)

O Programa Momento Rural surgiu da necessidade de tornar público a interiorização da Universidade, diante das pressões por parte dos órgãos federais de Educação, mais precisamente, do Ministério da Educação, e particularmente, da Universidade Federal de Pernambuco, que oferece cursos exclusivos nas áreas de ciências humanas, para que a UFRPE fosse transferida para o interior do estado de Pernambuco, uma vez que na capital do Estado, só poderia comportar uma Instituição federal de ensino superior. A UFRPE por ser uma instituição ligada às ciências agrárias deveria ser transferida para Garanhuns, onde já havia instalada a conceituada Clínica de Bovinos de Garanhuns.

Nasce daí o projeto político de tornar público a atuação da instituição que encontrava-se sediada na capital, mas atuava em todo estado, através de seus Campi Avançados, espalhados pelo litoral, Zona da Mata, Agreste e Sertão e tinha como finalidade expandir a produção acadêmica, participando efetivamente do desenvolvimento do Estado de Pernambuco, através do ensino, pesquisa e extensão.

Para tornar efetivamente clara a participação da UFRPE nos municípios do Estado de Pernambuco, foi necessário divulgar os Campi Avançados, em número de 7 (sete) a saber:

1. Clínica de Bovinos, localizada no município de Garanhuns, fundada em 1979, em convênio entre a UFRPE, Ministério da Agricultura e a Secretaria de Agricultura do Estado de Pernambuco (Polo nordeste), recebendo apoio técnico-científico da Escola Superior de Medicina Veterinária de Hannover, Alemanha;
2. Coroa do Avião, uma ilha localizada em Igarassu, que tem como objetivo estudar e conservar os recursos ambientais costeiros, cartografia, engenharia de pesca e fontes alternativas de energia;
3. Estação Experimental de Cana de Açúcar do Carpina (EECAC), localizada no município de Carpina, PE, Mata Setentrional, com altitude média de 180 m, distante 56 Km da capital pernambucana, atua na região através de pesquisas nesse setor da cultura agrícola expressiva da economia do estado de Pernambuco, desenvolvendo seus produtos e subprodutos;
4. Estação Experimental de Pequenos Animais do Carpina (EEPAC), também situada no município de Carpina ó PE, realiza pesquisa visando proporcionar animais de qualidade genética superior nos criatórios de suínos, coelhos e aves (galinhas e codornas) com o objetivo de melhoramento dos plantéis regionais;
5. Estação de Agricultura Irrigada de Ibimirim (EAII), localizada no Sertão do Moxotó, a 340 Km da capital, tem entre seus objetivos realizar ações de cunho acadêmico referente a agricultura irrigada. Hoje Ibimirim se apresenta como um importante polo de exportação de frutas e mel para a Europa;
6. Estação de Agricultura Irrigada de Parnamirim (EAIP), localizada no município de Parnamirim, Sertão de Pernambuco e tem entre suas funções estimular a fruticultura e apicultura da região;
7. Estação Ecológica do Tapacurá localizada no município de São Lourenço da Mata, possui 776 hectares de mata virgem e destinasse a pesquisas na área de Botânica, Zoologia e Ecologia, desenvolvendo a conservação de recursos da flora e fauna da Mata Atlântica.



(Sede e Campi Avançados da UFRPE)

Evidencia-se que mesmo com sua sede na capital do Estado de Pernambuco, a UFRPE estava, e continua, presente e atuante em seus municípios, levando a construção do conhecimento para além de seus muros. Na trajetória dessa ação política as pesquisas desenvolvidas no âmbito da UFRPE faziam parte dessa socialização.

### 1.5. Fio a fio da tecelagem do Programa Momento Rural

*“A comunicação constrói a pessoa. Toda família, organização ou sociedade que reprima o diálogo e desconforme os homens pela indiferença radical, está conspirando contra a normal formação das personalidades”* Juan Diaz Bordenave (1998, p. 31)

Poucos meses após o sonho primeiro, que nasceu da necessidade de divulgar as atividades interiorizadas da UFRPE no estado de Pernambuco, foi assinado convênio com a Rede Globo Recife e a Center TVRÁDIOFOTO Ltda. que deu início a confecção e veiculação do vídeo intitulado Momento Rural, que foi produzido nos anos de 1994 a 1996 (Anexo B). O papel da equipe formada em jornalismo, relações públicas e comunicação social foi de extrema importância na construção dessa comunicação.

A confecção dos vídeos se dava em parceria entre a UFRPE e a CENTER que disponibilizava os equipamentos para captação de imagens, composto por uma filmadora profissional, fitas de vídeo, baterias, cabos e iluminação, mediante inspeção de checklist de funcionamento, tanto na retirada como na devolução do material.

Os vídeos foram produzidos tendo como atores os professores/pesquisadores dos diversos Departamentos da UFRPE no Campus de Dois Irmãos, Recife e dos Campi Avançados de Parnamirim - EAIP, Ibimirim EAII, Carpina - EECAC e EEPAC, Serra Talhada (hoje Unidade Acadêmica de Serra Talhada), os quais apresentavam temas a serem veiculados no Programa Momento Rural.

O contato com os Departamentos e Campi Avançados era realizado previamente, através do profissional de Relações Públicas da CCS da UFRPE, visando determinar a pesquisa que seria divulgada, e após esse agendamento, toda a equipe se dirigia ao local para a captação das imagens e do texto, através das informações fornecidas pelo pesquisador, destacando os pontos principais da pesquisa. Essas informações eram encaminhadas à Jornalista da UFRPE,

que produzia o *release* (texto prévio), com duração de 40 segundos, tendo-se o cuidado de construir as informações, sem prejudicar o entendimento do receptor. O *release* era então entregue a um locutor externo, contratado pela UFRPE, que gravava o áudio do texto na CENTER. O texto era elaborado em caráter *documentário*, que é um gênero que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade.

Mediante captações das imagens brutas e do *release* gravado, com agendamento prévio era reservada uma *ilha de Edição* na CENTER para a montagem do Programa Momento Rural. A duração do vídeo era precisamente de 1 minuto cada, com 10 segundos reservado para a abertura e mais 10 segundos para o fechamento, também denominada de *vinhetas* (artes gráficas), que eram compostos pelas logomarcas das três instituições, UFRPE, CENTER e Rede Globo Recife, restando 40 segundos para a veiculação da informação.

O efeito sonoro ficava a cargo de jingles musicais instrumentados de Léo Gandelman, saxofonista brasileiro, do acervo da CENTER. A Relações Públicas, juntamente com um *operador de ilha* faziam a *montagem de imagens* de acordo com o *release*. Finalizada a produção, eram confeccionadas duas fitas de vídeo, uma entregue a Coordenadoria de Comunicação Social da UFRPE e outra encaminhada a central de jornalismo da Rede Globo Recife para veiculação na grade comercial.

No tecer dessa manta de resgate da memória do Programa Momento Rural, a equipe, formada por pessoas muito jovens, não percebeu que se tratava de um instrumento de mudança da história da comunicação da UFRPE, que foi inovadora, precursora da UFRPE nas mídias sociais, direcionada a *comunicação de massas*, muito rica em conteúdo de imagens e mensagens e, no seu papel principal, o de *comunicar*, estávamos, *como pessoas*, desenvolvendo uma *ação para pessoas*, como forma inovadora na arte de *lidar com pessoas*, com o cotidiano e com a vida privada.

O Programa Momento Rural foi interrompido por uma decisão política. Na mudança de gestão foi alterado o foco da comunicação institucional e a equipe produtora foi espalhada para diversos setores da UFRPE. No entanto resgatamos um novo Convênio assinado em fevereiro de 1996, (ANEXO C) e 1 (um) Termo Aditivo em fevereiro de 1997 (ANEXO D), porém, neste período não houve confecção de novos vídeos, possivelmente pela ausência da equipe.

O Programa Momento Rural proporcionou a oportunidade de a educação sair de seus espaços institucionais para o mundo regional, tornando-nos mais conscientes do papel que representamos para a sociedade.

## **1.6. Tecendo laços com a construção e transmissão do Programa Momento Rural**

*As fontes orais num sentido mais geral, se traduz na experiência de vida das pessoas de todo tipo para que possa ser utilizada como matéria-prima, onde a história ganha nova dimensão* Paul Richard Thompson (1988, p. 25)

Para tecer os fios da memória da construção do Programa Momento Rural, buscamos a contribuição do grupo idealizador que atuava na Coordenadoria de Comunicação Social, da qual éramos integrantes e as circunstâncias da transmissão na Rede Globo Recife, utilizando

para essa ação a metodologia da História Oral, que tem o caráter de atribuir lugares centrais às pessoas, em seus contextos e representações.

Nos fios das vivências e convivências, buscamos a memória de Glauce Diniz, 52 anos, casada, mãe de dois filhos, que então desenvolvia suas atividades como Coordenadora de Comunicação Social e contribuiu na reconstituição do Programa Momento Rural, emprestando seu olhar. Optante do Programa de Demissão Voluntária (PDV) do Governo Federal, instituído em 1997, encontramos Glauce Diniz atualmente coordenando uma Banca de Estudos para crianças e adolescentes, com ênfase em distúrbios de aprendizagem.

Na outra ponta desses fios encontra-se Cléo Nicéas, casado, 57 anos, pai de seis filhos, à época Diretor Comercial da Rede Globo Recife (NORDESTE), que nos recebeu em seu atual escritório, onde desempenha a função de Presidente da Associação das Emissoras de Radiodifusão de Pernambuco ó ASSERPE, reeleito para o triênio 2013/2016.

Para o resgate de suas histórias de vida, que se fundem desde sempre com a Comunicação, apresentamos a entrevista temática, elaborada em Blocos que aborda questões sociais, profissionais e a construção de suas carreiras. Tanta experiência não poderia ficar à margem da comunicação, que permeia toda relação da sociedade, a reconstrução de um mundo rememorado, baseando-se na fala e não na habilidade da escrita, mais exigente e restritiva, concordando com a afirmação que *“utilizar a história para finalidades sociais e pessoais construtivas desse tipo vem da natureza intrínseca da abordagem oral e trata de vidas individuais e todas as vidas são interessantes”*. (THOMPSON, 1988, p. 41)

Optamos por iniciar nossa entrevista com ambos estabelecendo o diálogo, esclarecendo os objetivos da pesquisa, apresentando nossa proposta, acompanhado com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pauta das perguntas que seriam desenvolvidas em blocos. Vale salientar que a sequência não foi seguida à risca, entrelaçando as questões de um bloco a outro, num movimento de fios trançados, porém, sempre pautado num clima cordial e descontraído. O local foi escolhido pelos entrevistados, como opção de sentirem-se a vontade.

Buscamos em Glauce Diniz, através de sua história de vida, os motivos que a levaram a tecer suas trajetórias com a comunicação, que entremeadas com muita espontaneidade, deixa entrever seu caráter decidido, espírito guerreiro, enxergando o mundo de forma positiva, extraindo o lado bom de todas as situações e explicando:

õ... eu escolhi essa profissão em razão de ser muito comunicativa, desde pequena, desde criança, e...daí me encontrei... (...)E hoje, a Comunicação Social me ajuda em todos os sentidos. Eu não... não me perco no caminho. ÆEntende?ø Æpraø mim é a fonte de tudo, Æné?ø (...) ela abriu muitos horizontes Æpraø mim, dentro de todas as funções...

De Cléo Nicéas, percebemos uma grandeza humana que emana simplicidade, características dos grandes homens que trazem na consciência um propósito honesto na vida, baseado em constante autoexame, obedecendo regras por ele tidas como certas. Com esse clima de bem estar iniciamos nossa entrevista, com questões sobre sua formação acadêmica,

(...) eu digo que a minha formação profissional foi primeiro, ser filho de um cara de comunicação, Æehø... (...) Então, eu naturalmente nasci, quando eu nasci papai Ætavaøfazendo um teste Æpraøser locutor. (...)deixou eu e ela (mãe) ... mas ele priorizou fazer o teste Æpraøser locutor de rádio, então acho que a minha formação começou Æaíø Criou um drama, foi o primeiro atrito Æné? øE Ædaíø vieram vários outros atritos Æné? ø(Risos) Que minha mãe sempre foi razão e meu pai sempre foi emoção (Risos)

Nessa perceptiva da aprendizagem, percebemos que ambos se apropriaram do apreendido através da comunicação, aplicando o acervo do conhecimento da socialização primeira e transformando suas realidades. Ambos atuaram com o aprendizado apreendido e o colocaram a serviço de suas carreiras profissionais.

Glauce Diniz lembra, inclusive, que dividia sua gratificação com a equipe, como demonstração de desprendimento pessoal e união com a equipe, reconhecendo a parceria de inter-relacionamento do grupo envolvido nas atividades da Coordenação de Comunicação Social,

(...) o importante é dizer que tudo era feito em grupo, em conjunto...a gente viajava junto...a gente dormia junto... (...)quando eu percebi que, por exemplo, os meninos que eram jornalista e ganhavam aquela *mixaria*<sup>2</sup>, eu achei melhor que a gente distribuísse aquilo ali, *pra* ninguém ser melhor que ninguém e assim eu acho que funcionou... (...) a gente trabalhava com uma alegria muito grande...

Nesse resgate da memória e da trajetória desses homens e mulheres, percebe-se que na juventude dessa equipe, as atividades iam fluindo de forma extremamente agradável, num ambiente de cumplicidade. É imprescindível manter viva esta memória para que, rememorada, possa vir a ser revivida e reescrita, a fim de não se perder no tempo e no espaço. Cléo Nicéas também traz em sua memória os motivos que o levaram a ingressar na Rede Globo Recife (NORDESTE), *õpela necessidade da emissora de alguém para traduzir o mercado local, apesar do sucesso de liderança de audiência* buscando a recordação de sua pesquisa que gerou a filosofia da sua equipe, fortalecendo laços da cultura local,

Era Morro dos Peludos, na época os donos da... dos plantios de cana de açúcar, dos engenhos da mata Norte *né?* quando eles fugiam, eles se escondiam no morro, em Olinda, e eram escravos negros, peludos ... (pausa) E peludos... e como as fugas eram constantes... e porque o morro?, porque lá de cima eles viam quando as milícias vinham chegando *né?* Então eram resistentes, e lá na Globo a gente criou um espírito de *pra* resistir, no bom sentido, evidente, a essa coisa de preservar a nossa identidade cultural *né?* Quer seja no jornalismo, quer seja na produção, quer seja na comunicação social *né?*

*õPode-se esperar dos sistemas comerciais e oficiais de rádio e televisão, da grande imprensa de propriedade de grupos capitalistas, que se ponham a serviço da participação popular?* *õ*, interroga Bordenave (1998, p. 43). Cléo Nicéas demonstrando sua preocupação com a inclusão social voltada para o desenvolvimento local, conservando e apreciando suas raízes culturais, responde esse questionamento quando cria juntamente com sua equipe uma *õcomunicação alternativa* denominada *õintervalo do conhecimento*. Eis sua filosofia:

Então esse projeto da Rural fazia parte dessa filosofia... *é* ... de resistir e fazer uma coisa aonde, por exemplo, a televisão não tinha como entrar no mérito que era o intervalo, que eu chamo de *õintervalo do conhecimento*, *á* ia ter o que? ... a Universidade Rural, a Federal, a Católica... (...) então esse era o espírito... *á* eu subi o morro e fiquei lá, me instalei lá e não me arrependo, eu acho que é uma visão ainda estratégica, lá de cima... é o único morro privado da cidade *né?*

A comunicação alternativa se refere aos meios de substituir a comunicação comercial e estatal por comunicação horizontal que *õpermitem o acesso, a participação a até mesmo a*

---

<sup>2</sup>Mixaria: pouco dinheiro na linguagem popular nordestina.

*autogestão dos meios pela população organizada*, o intervalo do conhecimento está contemplado nessas ações. (BORDENAVE, 1998, p. 89)

Tecendo esses fios do social percebemos que as políticas de comunicação voltadas para a cidadania devem ser adaptadas a cada zona, status econômico, grau de escolaridade e faixa etária, ou seja, uma comunicação simplificada como o público leigo, que, visando atuar de forma mais democrática e mais popular, devem levar em conta a variedade de demandas da sociedade, onde essas requerem ações diferenciadas, propiciando um contexto nas inúmeras formas de comunicar.

Trazemos o acervo do conhecimento como capacidade de reconhecer a importância de outros saberes. Aqueles que detêm o conhecimento formal trazem consigo uma grande responsabilidade em buscar outros saberes para o enriquecimento individual e coletivo, distinguindo os valores, as histórias de vida, memórias e identidades, construindo o diálogo através da comunicação. Esses pressupostos coincidem com o que afirma Cléo Niveas sobre sua formação acadêmica no ensino fundamental quando solicitamos que pontuasse suas dificuldades na área de comunicação:

Olha... não... até agora não, porque eu sempre fui... a dificuldade eu sempre fui vencendo... (...) E eu por incrível que pareça... *é*... eu concluí o segundo grau na marra... claro que se tivesse um curso de comunicação como hoje tem, eu teria feito... (...) *é*... no Colégio Americano Batista, eu era o cara de... o inquieto da comunicação, eu sempre fui um rebelde... eu fiz um professor meu, Pastor de Igreja, fazer... dar uma aula de inglês cantado e imitando Doris Day. (Risos) *Aí* você imagina a repercussão disso, e a suspensão que eu levei... do colégio, 15 dias. Que o cara pegou, o Diretor do Colégio pegou o professor imitando o Doris Day, porque eu achava que eu podia aprender inglês, era mais fácil *pra* mim aprender ouvindo uma música do que ele mandando eu ler o mister zipe. (Risos)

Iniciando o segundo bloco de perguntas perguntamos qual era sua concepção entre Educação e Comunicação. Diante do silêncio de Cléo Nicéas, tentamos repetir a pergunta e com um gesto mostrou que havia entendido, esclarecendo que *o ... é que preciso às vezes exercitar a minha... a minha... eu tenho que começar a falar besteira pra poder raciocinar, que eu só consigo raciocinar falando.* *o* E prosseguiu em seus pensamentos recheados de lógica:

(...) Não... eu sou educado hoje, *pra* eu ser educado amanhã, eu preciso ... de um instrumento de comunicação para poder me mostrar como eu posso ser mais educado amanhã, se eu não tiver isso... *repare mesmo*... *pra* evoluir essa educação, no sentido do respeito, no sentido de tratar o outro com mais respeito, sem preconceito, *né?* *o* (...) *o* como *o* é a comunicação que faz *né?* *o* *ser* você já nasce *né?* *o* (...)

No sentido de respeito ao próximo, sua memória trouxe um novelo de fios que se desenrolaram ao sabor da oralidade e resgatou a reminiscência do seu avô que escrevia discursos para políticos, contra o domínio do poder e acrescentou:

Então... ele quase se ordenou Padre *né?* *o* (...) ele questionou o Pai (Deus) como modelo de gestor, era... houve um conflito ideológico, e ele passou a escrever discurso para políticos ... depois que casou *né?* *o* Que foi também um fiasco na família, porque o sonho (da família) é médico ou Padre, e ele largou tudo por amor, né? E por amor de uma filha de um lavrador, um negócio terrível *pra* época, *entendeu?* *o*

Nesses conflitos sua herança genética já trazia à luz a opressão exercida pelas classes dominantes sobre a massa, que, presa no exercício de não pensar, não se fazem problemas, não

se percebem, atados às falsas bondades, numa inversão de seus anseios da vocação puramente humana de buscar novas perspectivas. As ciências sociais, nela incluída a educação pode libertar o homem, torná-lo um ser crítico, capaz de reelaborar suas realidades na busca do ser mais e transformar o mundo. (Freire, 2013)

Para Glauce Diniz sua herança genética lhe trouxe a comunicação entrelaçada ao social, reconhecendo em seu pai ideais parecidos, *õmeu pai é muito voluntário, ñé?ø.. Muito voluntário, se ele vê uma pessoa passando... por exemplo, uma coisa que eu não esqueço, por exemplo, ... õA barragem de Tapacurá estourou! ö, aquele escândalo da barragem de Tapacurá estourou ... então ele correu, levou a gente, todo mundo para um alto, em Dois Irmãos mesmo, que eu morava dentro do campus, e ele pegou o carro e foi socorrer as vítimas...quer dizer ele poderia ter tido sequela, ser vitimado...ö e conclui:*

... então assim, eu acho que tem uma coisa de DNA, mas... ñéhø.. ou então mesmo de norte ñé?ø  
... porque a gente quando vai nesse sentido ... eu vejo hoje meu filho também, ele é muito voltado  
... agora quando teve a enchente de Palmares, ele tava junto comigo, dentro da lama em Palmares, tentando ajudar as pessoas... quer dizer... a comunicação social leva a umas áreas que a gente não tá ligada a comunicação diretamente, mas é através da comunicação que a gente se envolve ñé?ø... termina tendo um envolvimento social.

Essas perspectivas da comunicação entrelaçada com o social vêm demonstrar a necessidade que as instituições públicas de ensino têm em adotar uma nova postura diante da socialização de seu conhecimento, percebendo que o homem do campo não se articula apenas com o agrícola e agrário, mas está inserido em novos contextos culturais de comunicação e multiplicidade de informação, e, a partir daí criem um sistema de comunicação que se empenhe em elaborar e distribuir as mensagens visando o desenvolvimento local e regional onde encontram-se inseridos os sujeitos, num permanente movimento de realimentação.

É necessário que as instituições de ensino conheçam a visão de mundo do homem rural e possam enfrentá-la em sua totalidade, não ignorando o seu conhecimento frente ao seu contexto cultural, e alcancem que o conhecimento não se *estende* do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem, e se insiram nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoem na problematização crítica do mundo, que não se trata de extensão, mas é antes de tudo um processo de conscientização, permitindo a esse homem se apropriar do status que ocupam com os demais no mundo. (Freire, 2013)

Como educadores é primordial entender as transformações na dinâmica social e cultural, direcionando o olhar não apenas para as questões educacionais formais, mas entendendo que esses movimentos também se transmutam em educação (ARROYO, 1999). Essa crença na transformação do mundo se reflete nas demandas de informações presente nos indivíduos oriundos das lutas no campo, neste evento citado por Cléo Nicéas:

Eu fui numa reunião em Salgueiro (PE) de uma comissão de comunicação da Assembléia Legislativa ... e acho que eu... ñéhø.. ñáiø chegou uma líder comunitária dos Quilombolas... vai vir pancada em cima de televisão aberta ñé?ø.. ideologia... ñáiø ela disse assim: õeu queria fazer uma reclamaçãoõ... assim do jeito dela... \_ Pois não! E ela disse assim: õé que eu gostaria de saber o quê que o senhor tá fazendo ñpraø melhorar a velocidade da Internet na minha comunidade? ... (Risos) Menina... olha... deu foi um silêncio tão grande sabe... (Risos) Eu crente que ela ia falar de Che Guevara, ñsabe não?ø... não tão preocupado com isso não... eles querem é informação...

Contribuindo para essa visão de construção da realidade através do acervo do conhecimento trazemos a declaração afirmando que na conquista da autonomia em falar e cobrar seus direitos esses sujeitos *õprovavelmente tem um envolvimento prático maior à frente das negociações, pode ser protagonista de sua própria história, articulando seus conhecimentos a uma educação do campo* (BICALHO, 2007, p. 52) Nessa mesma percepção trazemos a afirmação que *õo campo está vivo, há mais vida na terra do que no asfalto da cidade e este ponto é fundamental*. (ARROYO, 1999, p. 14).

Abordamos o bloco específico do Programa Momento Rural, buscando em Glauce Diniz as razões do seu surgimento, confirmando nossos pressupostos que o convênio foi firmado para demonstrar a presença e atuação da UFRPE em todo estado de Pernambuco, como fica evidente:

Começou porquê...exatamente... a Universidade ... passou por um momento em que... a própria Federal queria que a Rural sai-se de Recife, porque só podia ter uma Universidade Federal na ... na capital... e ela (UFRPE) era pra ser no interior, então... a gente teve que mostrar que a central era em Recife, mas que ela trabalhava em todo estado de Pernambuco. Foi assim ... porque daí por diante a gente foi na Globo, conversou com ... Cléo Nicéas... (...) Chegamos atrasadas né? (Risos) ... É porque era lá no céu... (Morro do Peludo) (Risos)

Questionamos se Cléo Nicéas conheceu melhor o Programa Momento Rural como telespectador ou editor. Surpreendentemente, ele respondeu: *õmais como telespectador*. E relembra que através de sua filosofia do *õintervalo do conhecimento* havia uma expectativa de *õestabelecer um novo Pernambuco, uma televisão regional, e a gente sempre fez isso no sentido de sempre... a gente inovou nesse processo né? õ e nessa inovação está esse seu projeto, esse projeto da Rural*. õ Essas declarações são permeadas por visões voltadas para o desenvolvimento local e regional que coincidem com a intenção da UFRPE na combinação de esforços para o planejamento e construção do Programa Momento Rural, diante da necessidade de tornar visível suas atividades de ensino, pesquisa e extensão em todo estado de Pernambuco, não apenas no contexto urbano.

O homem firma sua estrutura pessoal e se pertence por meio das comunicações que pratica, seja ela realizada através de recursos verbais, ou não verbais, demonstrando que estes precisam se apresentar de maneira coerente e complementar para atingir a expressão plena, a comunicação mais efetiva. (Freire, 2013). Cléo Nicéas entrelaça comunicação e mudança social, onde a finalidade não se aplica apenas a informar e educar, mas principalmente construir relações com a sociedade local visando contribuir nas mudanças de estrutura de indivíduos organizados:

õTem tudo a ver com isso! Isto tem tudo a ver com uma semente que a gente começou a plantar lá na...dentro dessa visão local né?(...) A comunicação social que envolvia esse tipo de ação do Momento Rural... envolvia uma relação que nós criamos e cadastramos quinhentos líderes comunitários do Recife, Olinda, Jaboatão, quinhentos! (...) dentro dessa linha, um braço era com o meu *õintervalo de conhecimento*, o outro braço era ter com a comunidade uma relação próxima por conta de... de... como é que chama, fonte de informação... quer dizer, se tivesse um fato em qualquer comunidade, o primeiro veículo a ser informado seríamos nós...õ

Trabalhar com os fios da comunicação de massa é trabalhar também a relação de consumo com esse público receptor, que cria sua identidade a partir de mensagens recebidas através dos meios de comunicação, em particular, a televisão, e resignificá-las para a sua realidade, contribuindo para o desenvolvimento participativo da sua região. O *õintervalo do conhecimento* é uma ação que encontra respaldo nas ciências humanas, buscando estratégias

de socializar informações e o coloca como cidadão possuidor de preocupação social, que não se faz no ato de apenas construir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las em ação e comunicação, como homem e cidadão.

Acerca da competência textual que envolvia o Programa Momento Rural perguntamos a Glauce Diniz se a comunicação construída por um grupo de jovens, conseguiu transmitir de forma clara e objetiva as mensagens:

Sim! Acredito, principalmente a época, pela época, né? Pode ser que hoje, a gente vendo, a gente ache que ~~tava~~ um pouco retrógrado, né? ... as expressões e tudo. Então... assim... ~~pra~~ época a competência textual dele era perfeita. (...) Eu acho que a UFRPE focou muito em jornal. Em escrita... né? Ficou a ação só no papel. Éh... ficou a lacuna, ficou...

Cléo Nicéas discorda nesta questão da competência textual do Programa Momento Rural como capacidade de emitir mensagens de forma adequada ao contexto midiático, mas concorda com a tradição do texto escrito, alegando:

(...) não poderia ser, até porque foi uma ação inovadora. Quer dizer, o texto da universidade, era concebido ~~pra~~ o folheto do reitor, ~~pra~~ o jornal que circulava internamente né? ~~o~~ então a chegada da televisão como mídia né? ~~o~~ Como não tinha nada... se tivesse ficado no ar, o texto hoje seria um texto adequadíssimo para o atual meio, ~~entendeu não?~~ Percebi o seguinte, era muito mais um texto ~~pra~~ gráfico do que ~~pra~~ televisão, ~~entendeu não?~~ ... só que o texto ~~pra~~ mim, não está adequado ~~pra~~ o veículo né? ~~o~~

Por essa fala percebe-se que para que a transmissão de uma mensagem tenha sucesso, é necessário adotar alguns cuidados, como por exemplo, que o emissor conheça os pressupostos que envolvem os meios de comunicação, adaptando a linguagem de forma adequada. Outra questão que se coloca é o acervo do conhecimento cultural, ou mesmo a vivência do seu receptor para que se possa direcionar a mensagem de forma que a mesma surta os efeitos comunicacionais desejados.

Perguntamos a Glauce Diniz se havia nessa ação de comunicação um projeto político educacional relacionado ao Programa Momento Rural. E pondera *õna minha visão... havia ... com certeza... e daí a gente começou a ver muitas outras coisas, veterinário que ia fazer palestras no interior, orientar vacinação e ... e daí foi surgindo conhecimento... (...)a divulgação das pesquisas estava sempre como objetivo (...)*

Nesta perspectiva as mensagens do Programa Momento Rural tinham a intenção de decodificar as pesquisas em linguagem simples, destinada ao público leigo, apostando no processo de comunicação que consiste na reciprocidade, onde não há sujeitos passivos. A comunicação deve se caracterizar no diálogo crítico sendo, portanto, comunicativo e participativo. Cléo Nicéas afere a ação desses sujeitos idealizadores do Programa Momento Rural numa contribuição crítica com riqueza de detalhes e segue descortinando detalhes perceptíveis apenas para os profissionais de mídia:

Então é o seguinte... não... quer dizer, por exemplo, qual era o instrumento que ele tinha? Era sonho! ... você também sonhou, eu também sonhei, quer dizer (...) vou primeiro despertar ~~pra~~ esse novo universo que existe uma inteligência trabalhando ~~pra~~ ele né? ~~o~~ ~~pra~~ o público..., ~~pra~~ melhorar o campo... melhorar o conhecimento da agricultura...tal, pá, pá, pá... vamos dizer, cumpriu o grande...eu acho que o primeiro momento foi brilhante... devia ter o segundo... o terceiro e hoje está no ar... essa... (...)

Sancionando nossa percepção que o alcance do Programa Momento Rural ficou concentrado na região metropolitana e parte da zona da mata do estado de Pernambuco, devido a inúmeras dificuldades para chegar ao homem rural, seu público alvo, Cléo Nicéas demonstra com clareza na fala que segue:

(...) por que... porque naquela época você não tinha televisão no interior. Não! Não... pelo... eu não sei qual foi o ano... (...)Não, a gente não exibia lá não, a gente só... só exibia pra região Metropolitana, hoje você poderia até exibir... (...) a televisão não alcançava o nosso Estado como um todo, né? Não no Agreste, não no agreste que... Ibimirim, Parnamirim... acho que não! Ali é uma zona... ali é uma zona escura, nós não chegávamos... é mesmo... não chegava lá não... (referindo-se a Serra Talhada) Por conta da tecnologia ...(...)

Os atos de comunicação de toda instituição aliados aos recursos tecnológicos atuais devem contribuir para a melhoria do padrão de vida e bem estar da população, numa sociedade onde os sujeitos constroem suas representações e realizam suas práticas a partir da reinterpretação das informações obtidas, através das mensagens carregadas de intenções e sentidos, com base em suas experiências anteriores pontuadas de contradições e marcadas pela pluralidade social. Cléo Nicéas trança os avanços tecnológicos ocorridos nesses vinte anos nos municípios do agreste e sertão do estado de Pernambuco, proporcionado primeiramente pela chegada da energia elétrica e, conseqüentemente, o alcance das mídias:

Hoje você bota parabólica e quando você tem sinal precário, você prefere receber sinal de qualidade, porque o cara quer qualidade. Entendeu não? A televisão de Caruaru hoje já é digital... você teria uma... uma audiência rural, muito melhor, que naquela época você não tinha. Não! (...) mas naquela época eu tenho certeza que a repercussão desse trabalho foi fantástica, a gente também nunca fez pesquisa específica pra saber disso. Mas eu tenho certeza que foi, quando começou a aparecer, deve ter sido pancada. (Risos)

Revisitando a memória do Programa Momento Rural através das fontes orais, encontramos apoio na construção de Bicalho apud Le Goff (2007) que destaca ser inerente à memória o comportamento narrativo, que tem nas entrelinhas uma função social, afirmando que memória é um dos elementos mais importantes das sociedades desenvolvidas, das classes dominantes e dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, por sobreviver e por progredir, que não é apenas uma conquista, mas é também um instrumento e um objeto de poder. Nesse sentido trazemos de Glauce Diniz os silêncios e as emoções, ao final de nossa entrevista, perguntando o que gostaria de acrescentar ao tema:

Pra mim... pra mim foi um... Momento Rural foi um momento, uma época vivida né? Com várias pessoas assim que, algumas já até já se foram né? Motorista... Mais assim... foi uma época muito... eu acho que ninguém viveu uma época, nenhum de nós vivemos uma época, talvez agora... Ali! Então eu acho que foi, que valeu a pena né? eu acho que... que não tenho muito o que falar não! Mas que valeu a pena valeu, eu... e eu sai no momento certo... Eu falei pela primeira vez...

Peter Burke<sup>3</sup>(1992) vem justificar a história oral afirmando que *“a memória de longo prazo, especialmente em indivíduos que entraram naquela fase que os psicólogos chamam de revisão de vida, podem ser notavelmente precisas, o que torna os sujeitos poço de informações, alimentados por relacionamentos pessoais, dentro de um contexto social e formador de uma identidade que se insere aos historiadores sociais como a melhor forma de reconstruir os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam*

---

<sup>3</sup> Peter Burke foi um dos teóricos consultados

*realizar isso*. (BURKE, 1992, p. 191). Na fala de Cléo Nicéas percebemos o espelho da História Oral em sua essência, destacando a importância e a gratificação com o resgate de sua história e memória:

Olha... e se você não liga pra mim... repare mesmo... eu jamais iria me lembrar que um dia né? .. um veículo de comunicação de massa, mesmo que fosse pra região Metropolitana, abriu um espaço né? .. pra mostrar essa produção riquíssima que a Universidade tem ...eh... se você não me procura isso não ia, não ia fazer parte da minha memória, entendeu não? E a partir da sua ligação passou a fazer, quando você falou, eu nem lembrava de nada né? .. que eu não tenho consciência das coisas né? .. Então, eu não lembrava, depois que eu vi né? .. (...)

Percebemos que muito ainda havia para ser dito, as questões que envolvem as novas tecnologias, como passaporte para outras mídias, numa percepção da amplitude da comunicação, contextualizada com área agrícola e agrária, acrescentando valores na capacidade de assimilação.

No segundo capítulo tratamos das percepções colhidas através da aplicação das *entrevistas com roteiro geral*, num total de 10 entrevistados, distribuídos nas categorias de emissor e receptor (E/R), emissor e não receptor (E/NR) e não emissor e não receptor (NE/NR) apreendendo suas construções sociais da realidade.

## 2. CAPITULO II: CONTRIBUIÇÕES E LACUNAS DO PROGRAMA MOMENTO RURAL: SEUS SIGNIFICADOS E CORRELAÇÕES.

*Os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações socioculturais...* ò Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2008, p. 75)

Neste capítulo tecemos com a manta da comunicação com os fios da construção social da realidade, proporcionadas pela História Oral<sup>4</sup>, onde resgatamos a memória da experiência de vida das pessoas inseridas direta ou indiretamente na temática histórica do Programa Momento Rural, ganhando percepção em novas direções e focalizando as diferentes maneiras de ver e sentir.

Para essa finalidade utilizamos a teoria da construção social da realidade<sup>5</sup> no que se refere a dois pressupostos: a realidade, apreendida como fenômenos independentes de nossa vontade e a sociologia do conhecimento reconhecendo que esses são reais e específicos do homem.

A construção social da realidade apresenta como elemento essencial e exclusivo do ser humano a linguagem. Concebida como um sistema de sinais da sociedade, a linguagem é um conceito inerente apenas ao homem, onde ele pronuncia o mundo, tornando-se capaz de perceber seu universo de forma consciente e orientada, podendo construir sua realidade social através de valores, crenças e atitudes, atribuindo-lhe sentidos múltiplos, criando uma relação entre pensamento e contexto social.

Essa teoria aponta o senso comum como um conhecimento prévio, onde a partir dele, buscamos compreender a realidade, interpretando o mundo pela linguagem, onde os universos simbólicos podem ser consolidados através de processos de *objetivação, sedimentação e acumulação de conhecimento* sem, no entanto, deixarem de ser produtos do homem, possuindo, assim, um contexto. (Berger e Luckman, 2008)

No acervo do conhecimento essa acumulação é transmitida de uma geração a outra como um processo de liquidez que se molda à vida cotidiana e se apresenta útil ao indivíduo na medida que é comum do mundo. Vivemos num mundo constituído de senso comum onde contamos com conhecimentos específicos, permitindo ao homem sua localização na sociedade. Nas ciências sociais quando o foco da história recai apenas sobre a história intelectual, perde sua essência, que deve basear-se em tudo aquilo que é considerado conhecimento na sociedade.

Uma importante interação social da vida cotidiana encontra-se presente na situação face a face, criando um intercâmbio contínuo de expressividades, como forma de relacionamento social mais pleno da sociedade, onde os demais processos de interação são entendidos na categoria de remoto, como cartas, e-mail, telefones, face book e outros. De acordo com esses pressupostos tratamos da construção social da realidade através da metodologia da história oral, resgatando a memória de sujeitos comuns e seus conhecimentos da vida cotidiana, numa interação face a face, captando suas motivações e intenções, entrelaçadas com a arte da comunicação, onde se sobressai a oralidade.

---

<sup>4</sup> Com ênfase na oralidade, característica inerente da História Oral.

<sup>5</sup> Peter Ludwig Berger e Thomas Luckman, A Construção Social da Realidade.

Como mencionado anteriormente uma comunicação pode se apresentar de várias formas, assim, retomamos a construção do armário<sup>6</sup> composto por sete gavetas, de onde tiramos os fios da tecelagem da construção social da realidade. Neste intento, tal qual numa máquina de tear imaginária, buscamos nas gavetas o fio condutor das questões demandadas na entrevista com roteiro geral, entrelaçando ao seu redor as respostas dos sujeitos entrevistados, com a visão dos teóricos e amarrando com as nossas considerações.

Iniciamos com a apresentação dos entrevistados, distinguindo gênero, idade, estado civil, formação acadêmica e profissão como um diferencial entre as categorias, utilizando esses dados no intento de compreender melhor o relato de sua experiência interligada com sua biografia. Após a coleta dos referidos Termos de Autorização<sup>7</sup>, atribuímos os pseudônimos<sup>8</sup> para melhor identificação de suas falas, sempre associada a sua categoria de emissor/receptor (E/R), emissor/não receptor (E/NR) e não emissor/não receptor (NE/NR). Nosso primeiro entrevistado ATAULFO (E/R), masculino, 59 anos, casado e pai de 2 filhos, tem formação em Engenharia Agrônoma, com Doutorado e ocupa cargo de gestão na UFRPE.

Nosso segundo entrevistado identificado como MARQUES, 68 anos, casado e pai de 3 filhos, é Docente na UFRPE, também tem formação na Engenharia Agrônoma, possui Doutorado, e encontra-se na categoria de Emissor e Receptor (E/R).

Nossa primeira entrevistada na categoria Emissor e Não Receptor (E/NR) é CARMOSA, solteira, docente, Zootecnia por formação, com Mestrado. Nossa segunda entrevistada desta categoria é SICI, casada, com 3 filhos, possui segundo grau completo, telespectadora da Globo, e afirma *ôé porque eu não sou muito ligada em televisão não... -sabe? øö*, mas é assídua em *önovelasö* (Risos).

Para a categoria de não emissor e não receptor (NE/NR) escolhemos ouvi-los para conhecer suas lacunas do ponto de vista acadêmico, uma vez que alguns pertencem à Instituição, outros às comunidades rurais apreendendo seus significados e correlações, esclarecendo que não possuem nenhum vínculo com a construção ou transmissão do Programa Momento Rural.

O primeiro entrevistado desta categoria é AFONSO (NE/NR), 52 anos, casado e pai de um filho, possui formação como Médico Veterinário, com Doutorado, atualmente em cargo de gestão na UFRPE. A seguir apresentamos nossa segunda entrevistada

MARILENE (NE/NR), feminino, 49 anos, casada e mãe de um filho, também tem formação como Médica Veterinária, com Doutorado na área de Agrárias, ocupando atualmente cargo administrativo.

O terceiro entrevistado nesta categoria (NE/NR) é JOSÉ está inserido na comunidade rural, é masculino, 34 anos, casado e pai de um filho, não alfabetizado<sup>9</sup>, desenvolvendo atividades de agricultor. O quarto entrevistado é IZIDORO (NE/NR), 79 anos, casado, três filhos adultos, sem letramento<sup>10</sup>, agricultor. O quinto entrevistado LANDO, 47 anos, casado e pai de cinco filhos, alfabetizado, com pouco letramento, agricultor e criador. E finalmente, o

---

<sup>6</sup> Citado no Capítulo I

<sup>7</sup> idem

<sup>8</sup> Idem

<sup>9</sup> Não alfabetizado – não lê nem escreve.

<sup>10</sup> Letramento - focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Fonte: Brasil Escola.

sexto entrevistado da categoria PINHEIRO, 65 anos, casado e pai de 3 filhos, não alfabetizado, criador.

É importante lembrar que no início de cada contato com a categoria NE/NR foram explicados os objetivos da pesquisa, com esclarecimentos a respeito do Programa Momento Rural, para interação com o tema, apresentando os vídeos recuperados<sup>11</sup> e, a partir daí, colhemos suas impressões.

Com a intenção de facilitar o entendimento das questões levantadas pela entrevista com roteiro geral, retomamos a construção do armário com os temas tratados como fios de uma manta que se desenrolam ao sabor da oralidade para que não sejam apresentados de forma emaranhada. Em todas as gavetas foram guardados os fios das três categorias (E/R), (E/NR), (NE/NR) específicas, facilitando a análise correspondente ao objetivo de cada pergunta.

## 2.1. Com os fios... os sujeitos e os canais de comunicação

*“A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social”* Peter Ludwig Berger e Thomas Luckman (2008, p. 87)

Iniciamos abrindo a primeira gaveta, denominada de “Canal de Comunicação” que tratou das questões que objetivava conhecer suas preferências de canais de comunicação de massa e programação específica de contexto rural: “Que emissora de TV mais gosta?”, “O que você mais gosta de assistir?” e “Você lembra de alguma programação relacionada ao campo? Qual?”.

Nas três categorias identificamos como preferência a Rede Globo como canal aberto de comunicação de massa. Dos dez entrevistados apenas um tem a Record como favorita e outro não apresentou preferência, declarando que depende da programação. A Rede Globo se apresenta como signo icônico no imaginário regional, diante do seu poder de identificação por associação. O homem ao pensar em um objeto, na sua qualidade, ou mesmo, em um acontecimento, traz em sua memória a visualização referente ao mesmo, que é denominado como “referente”. Essa imagem mental sobre o objeto ou fenômeno é denominado “significado”, porém se o objeto faz parte do plano físico, denomina-se de “significante”. O signo icônico da Globo insere-se nesta questão como “referente” e “significado”, uma vez que ao pensar em televisão vem a imaginação a TV Globo como primeira opção e visualiza-se a logomarca da mesma, respectivamente. (Bordenave, 1998)

Nessa construção da marca como representação simbólica de uma entidade, a Globo se firma com identificação imediata. Formas simbólicas são construções significativas que exigem uma interpretação, são ações, falas e textos que podem ser compreendidas pelos homens, que as produzem e recebem, mas são também estruturas definidas e inseridas em condições sociais e históricas específicas (Thompson, 1998).

Nesse tecer observamos também que alguns entrevistados das categorias de E/NR e alguns NE/NR possuem na televisão a cabo sua preferência de signo icônico quando declaram “Globo News em Pauta”. Fica evidente essa construção na alegação “os meios de comunicação

---

<sup>11</sup> Quatro vídeos.

*aproveitam essa capacidade associativa entre um signo e outro para estimular associações relacionadas com as motivações básica humanas*ö, entre elas o status e prestígio, gerando novas experiências de poder. (BORDENAVE, 1998, p. 50)

A TV Globo traz em sua teia o programa Globo Rural como programação específica mais lembrada de contexto rural, com conteúdo direcionado a atividades agrícolas e agrárias. Algumas questões surgiram ao direcionamento do Globo Rural quanto às especificidades regionais dos conteúdos, destacando algumas exceções. Nestas construções podemos perceber que o Globo Rural detém a imagem de ícone associativo à ruralidade. Uma análise crítica do programa Globo Rural aponta que essa programação atende a lógica do mercado capitalista, se apresentando como mercadoria, antes de se constituir um instrumento de conhecimento. Nossa intenção foi considerar até que ponto o Globo Rural faz parte da realidade socialmente construída, dos sujeitos entrevistados.

As experiências retidas na consciência são aquelas que dizem respeito ao seu contexto de vida cotidiana e que estas são sedimentadas, ou seja, incorporadas ao acervo do conhecimento comum, trazendo a concepção de sentido a sua biografia e *öconsolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de ser lembradaö*, processo que ocorre através do sistema de sinais linguísticos, onde:

öA linguagem é a expressividade humana capaz de objetivações, manifesta-se em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum, permitindo que se estendam além da situação face a face em que podem ser diretamente apreendidas.ö (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 53)

Nesse sentido esses autores nos trazem o hábito ou rotinas como um processo mecânico, automático, repetido sem esforço como experiência da vida cotidiana. Embora existindo diversas maneiras de realizar uma atividade, o hábito o condiciona a apenas uma e pode ser repetido no futuro de forma semelhante. A esse hábito percebido como rotina da vida cotidiana de tipos específicos de atores, denominam de *öinstitucionalizaçãoö*. A televisão e o rádio fazem parte do hábito de praticamente toda sociedade brasileira. Em outras palavras, o hábito não necessita de decisões, determinando-lhe uma direção instintiva, e, como atividade automática, proporciona ganhos psicológicos. Nesse hábito encontra-se a institucionalização de assistir a um determinado programa televisivo que lhe aparece de forma interessante, com economia de esforço no sentido de precisar decidir por outra programação. Com essa articulação apreendemos a fala da entrevistada MARILENE (NE/NR) que incorpora na vida cotidiana o hábito de assistir a referida programação,

Éhø.. do Globo Rural. Éhø.. Aí tem várias... várias reportagens assim interessantes! Eu gosto muito de ver também porque é no domingo pela manhã né? Aí normalmente eu acordo ... já que você táø em casa aí toma... normalmente eu tomo café vendo o Globo Rural. Eu gosto muito. Porque também tem um linguajar também muito acessível, é muito gostoso as reportagens. Gosto muito! MARILENE (NE/NR)

Apreendemos porém, que apesar da unanimidade dos entrevistados associarem o Globo Rural como um programa de contexto rural, o caráter de familiaridade é mais presente nas classes socialmente mais informadas, incorporando inclusive em sua vida cotidiana, como parte dos hábitos das manhãs de domingo. O que vem confirmar que toda ação que se torna habitual, passa a ser incluído em acervo do conhecimento.

No contexto dos homens rurais, essa percepção não se apresenta como marcante ou rotineira, como verificamos na fala de LANDO (NE/NR) quando declara *õde õveiseõ em quando eu assisto Globo Rural, mas é muito difícil assistir Globo Ruralõ*. Confirmando essa percepção também destacamos:

–Éhõ.. eu... eu lembro õassinseõ aquele õnegóçoõ da... da pecuária do gado, õargumaõ coisa õassinseõ, que eu sou chegado lá no sitio. –Éhõ.. (pensativo) ...o Globo Rural. IZIDORO (NE/NR)

Esses fatos podem estar relacionados aos conteúdos apresentados na programação direcionada as atividades agrícolas comerciais de grande importância econômica, que pouco se identifica com as necessidades praticas das demandas de pequenos produtores, vendendo a perspectiva de uma vida próspera distante da realidade desses homens.

Percebemos que a TV Globo se firma como canal de comunicação de massa de maior alcance no estado de Pernambuco, e torna-se rotina seu acesso e conseqüentemente sua programação, que em última análise, muito embora não esteja inserida na categoria de TV Educativa, exerce influência na maneira de pensar e agir das classes populares.

## 2.2. Fiando com as opções dos meios de comunicação

*O que é realmente novo é o uso dos meios de comunicação para iniciar e apoiar a reflexão.* ò Juan Diaz Bordenave (1998, p. 96)

Nossa segunda gaveta nos trouxe a questão *õExiste atualmente alguma programação que atende as necessidades de contexto rural na sua região? õ*. E tinha como objetivo detectar a existência ou ausência de canais de comunicação que atendem de forma adequada a esse público específico. Essa gaveta foi denominada *õOpções dos Meiosõ*. Com exceção de apenas um dos entrevistados, os demais declararam que não tinham conhecimento de nenhuma programação específica para a região nordeste. O entrevistado da categoria NE/NR reconheceu um programa de rádio com conteúdo de excelência direcionado para o pequeno produtor rural, apresentado às 5 horas, que utiliza um vocabulário específico, eis sua percepção:

(...)E ele traz um gravador: õbom dia ouvinte do arraial do Gláucio Costa, aqui quem tá falando é (omitido), atendendo a pergunta de papiloma, o que deve ser feitoõ ... e aí eu falo. O índice de audiência dele... é um dos programas mais ouvido hoje... sem sombra de dúvida, nesse horário! Ele grava seis dúvidas e chega aqui grava...(õ) porque o rádio ainda tem... –ehõ ... poder de penetração muito grande... espetacular... esse é o programa...de comunicação de massa, esse é programa! AFONSO (NE/NR)

Nesse olhar insere-se o rádio que ainda se apresenta como canal de comunicação de massa de extrema importância para o contexto rural. Esses programas utilizam esse formato para promover uma ligação intersubjetiva com a comunidade local, estimulando os ouvintes a enviarem suas perguntas relacionadas aos problemas do seu cotidiano. Isto fica evidente na declaração que *õquando uma comunidade tem problemas crônicos, tendem a pensar que são parte da própria vidaõ*, no entanto, quando esses problemas são discutidos através de um canal de comunicação acessível a todos, esses meios atuam como *õespelhosõ* onde se enxergam sob uma nova luz, gerando uma autoconscientização. A conscientização grupal para diagnóstico e solução de problema não se apresenta como fato novo, residindo a novidade em utilizar os meios de comunicação de massa para favorecer essa atitude. (BORDENAVE, 1998, p. 95-96).

Assim o rádio na construção social da realidade possui a representação de um canal de comunicação de massa de longo alcance, atendendo a classes sociais distintas e mais especificamente às comunidades rurais, que em meio as novas tecnologias, conservam o hábito de ouvir a programação. Articulando a tecnologia com a arte de comunicar pondera:

“O rádio também tem desenvolvido uma arte muito especial de transmitir cenas e mensagens sonoramente. (...) eliminam hesitações e pausas, como também ganham maior realce por uma nova disposição das palavras e podem introduzir ruídos de fundo. (...) Os recursos técnicos do rádio, pode, por certo, tornar mais breves e mais eficazes as citações. (THOMPSON, 1998, p. 300)

A comunicação como alegado anteriormente pode ser apreendida como arte e tecnologia. Arte no sentido de não serem frios e impessoais, mas buscarem elementos de apreensão da percepção do homem, através das mensagens veiculadas em sintonia com a cultura local e seus padrões de linguagem. Tecnologia no sentido do desenvolvimento de técnicas nos últimos 20 anos iniciada com a popularização dos rádios transmissores chegando aos modernos aparelhos celulares.

A comunicação pode utilizar em sua *arte de comunicar* a evolução tecnológica para conquistar espaços de apropriação de conhecimento, que atendem as demandas de todas as sociedades, respeitando suas culturas e seus acervos de saberes, legitimando suas práticas cotidianas, seja através da televisão ou rádio, que se encontram postos na vida cotidiana das pessoas.

### 2.3. Os teares em contextos rurais

*“A História Oral é uma história construída em torno de pessoas.”*  
Paul Richard Thompson (1988, p.44)

Na terceira gaveta resgatamos os fios da questão “Quais as mudanças no meio rural que você observou nos últimos 20 anos?”, que visava desenrolar o contexto histórico pelo qual passou a sociedade nesse período, no mesmo recorte de tempo da criação e veiculação do Programa Momento Rural, que denominamos “Contextos Rurais”.

Assim tivemos a intenção de captar através de suas memórias os acontecimentos cristalizados como conhecimento, em relação aos seus papéis interpretados, enquanto educadores e homens rurais. Os papéis sociais ocorrem no contexto de um acervo de conhecimento de senso comum, conforme declaração “os papéis são tipos de atores neste contexto. (...) a construção de tipologias de papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta (...) e incorporam-se à experiência”. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 101-104).

Incorporando o papel social de educador o docente ATAULFO (E/R) nos trouxe as leis trabalhistas que alcançaram o homem rural, enquanto trabalhador:

(...) o que a gente observou nos últimos 20 anos, foi a criação e modernização de legalização trabalhistas (...) que dão apoio, bem estar e condições melhores de trabalho para o trabalhador rural (...) Hoje todo o pessoal é legalizado (...) tudo é cumprido e os avanços foram muito bons tanto para o trabalhador como para toda sociedade. (...) Hoje eles têm transporte, tem o horário da refeição, têm as instalações sanitária não é? Não é mais dentro dos matos. (...) Todo fardamento, todos os EPIs e foi uma evolução fantástica (...) ATAULFO (E/R)

Na construção social da realidade o Docente ATAULFO (E/R) cita os direitos adquiridos e respeitados para o homem rural, construído através dos sindicatos, pautados pelo diálogo com os trabalhadores e a sociedade como um todo. E declara que esses direitos têm contribuído para uma melhor qualidade da mão-de-obra rural, onde o homem se constrói através de seu trabalho. Nessa percepção dos direitos trazemos a declaração que as mudanças sociais, construídas através dos sindicatos e a sociedade organizada buscam o direito, e é contundente quando declara,

õ(...) o social nos situa no terreno dos direitos, vinculando educação com saúde, cooperação, justiça, cidadania (...) educação no terreno dos grandes valores da vida e da formação humana (...) terra, justiça, igualdade, liberdade, trabalho, dignidade, saúde, educação. (...) isso mostra quanto se reconhecem como sujeitos do direito (...)ö (ARROYO, 1999, p. 17)

Para o Docente MARQUES, entrevistado da mesma categoria (E/R) essa mesma questão traz outro olhar, ou seja, o da assessoria permanente para o pequeno agricultor, apontando a extinção de alguns órgãos específicos para a cultura da cana de açúcar, símbolo histórico da economia do Estado de Pernambuco, como uma lacuna junto a esse público específico, declarando que õ(...)nos últimos vinte anos... eu tenho... salvo o engano, foi... ðhø.. desativado aquele ... um Programa que tinha de Extensão Rural da EMATER, que no nosso entendimento foi uma coisa muito ruim pra região (...)ö. Declara ainda que apenas alguns setores da Universidade desenvolvem esse tipo de ação junto ao pequeno produtor rural e que, particularmente a cultura da cana de açúcar foi relegada a segundo plano, afirmando que:

(...)mas é como se não houvesse uma mudança... que a gente possa atribuir (...) Pra uma extensão rural... ðpraø o agricultor, ðpraø o pequeno agricultor. Assim... como a gente sente falta de um órgão específico... ðhø... de pesquisa de cana de açúcar, que é uma... uma cultura importante na região dentre outras. MARQUES (E/R)

Na declaração do Docente MARQUES (E/R), poderíamos entender o termo extensão rural como o modelo que Freire (2013) se opõe, onde o sujeito é o extensionista e o objeto, os camponeses. No entanto temos a argúcia para entender que o termo extensão rural utilizado é sinônimo de uma assistência qualificada ao pequeno agricultor, que se torna clara quando lamenta a ausência de um órgão específico para o agrícola e agrário. Segundo Freire (2013) qualquer que seja o momento histórico em que esteja uma estrutura social o trabalho básico do agrônomo-educador é tentar, junto com a capacitação técnica, a superação do senso comum por um conhecimento construído que transforme a realidade através da comunicação. Confirmando nossa percepção a entrevistada incluída em uma categoria distinta afirma:

Mas a gente vê que esse... esse produtor ao longo desses últimos 20 anos ele tá mais receptivo a informação ðné?ø ele tá mais receptivo, essa questão da... da própria... do próprio acesso de você ter a energia elétrica chegando na Zona Rural ðné?ø Você melhora a comunicação e isso faz com que ele vá também tendo ðéhø ... esse acesso e crescendo paralelamente. (...) MARILENE (NE/NR)

Nesses fios da comunicação entrelaçadas com educação destacamos essa mesma perspectiva citada nas construções sociais da realidade do entrevistado AFONSO (NE/NR) que empresta seu olhar, enumerando õa questão da infraestrutura... a questão do crédito agrícola... o fornecimento de cisternas... a questão da interiorização de cursos de escolas técnicas estaduais, da Universidade aqui, ðentendeu?ø ... isso é uma melhora... (...) o incentivo ao cooperativismo, as associações, ðentendeu? ø(...) ö E acrescenta:

(...) então ... o que ajudou muito, foi a iluminação, a iluminação rural... a iluminação deu um salto e tanto... você imagina morar num lugar que não tem luz... sem luz você não faz nada ... hoje isso ajudou demais... você não pode planejar sua vida, você não tem perspectiva de crescer, nada, entende? ... tudo que está relacionado ao seu bem estar e de trabalho também... isso melhorou muito. AFONSO NE/NR

A energia elétrica é um bem social, previsto na Constituição Brasileira como um serviço público essencial extensivo a todos os cidadãos brasileiros. A eletrificação rural do Estado de Pernambuco ocorreu pelas mãos do Governador do Estado Miguel Arraes, em seu segundo mandato em 1987, conhecido como grande defensor dos trabalhadores da ôpalha de canaô, até então excluídos das políticas públicas.

Confirmando esta importância a mesma percepção foi trazida pelos entrevistados rurais, como um bem que materializava sua construção social da realidade buscando em sua memória os benefícios oriundos da chegada da energia elétrica nas áreas rurais. Como apreendemos desta fala de JOSÉ (NE/NR) (...) *irrigação que ninguém ouvia falar, ñéra?ôÉ! Ah, é a riqueza, ñé?ô Porque uma bomba não podia usar ñéra?ô e agora tem poço e tem que ter a energia, ñé?ô Porque aí irriga. (...) antes a gente esperava ôpôraô chuva de inverno, ñé?ô*. O entrevistado IZIDORO (NE/NR) é mais detalhista ao resgatar os benefícios da eletrificação rural:

Mudou muito ñviu!ô Mudou muito porque ñóiô...no tempo, uns vinte anos ôatráisesô eu morava lá no sítio, ñós num tinhaô uma água encanada, ônumô tinha enégia. Hoje tem ôenégiaô lá no sítio. Fora a mudança que houve boa ñé?ô (...) Foi uma ñmioraô que nós ôtivemo pro pessoáô, que naquele tempo, ñóiô... era no carro de boi, na hora de ômeiô dia, um ôanimá carregáô água, ñé?ô E hoje ônumô tem isso, não foi uma ñmioraô? IZIDORO (NE/NR)

A eletrização rural traz no bojo de suas consequências o acesso à internet, encurtando as distâncias globais, se caracterizando também como desenvolvimento socioeconômico evitando assim o êxodo rural, como confirma o entrevistado AFONSO (NE/NR),

(...) É o cara educando seu filho, tendo seu carrinho, não querer ir para a cidade porque tem uma condição social tão boa quanto morar na cidade... tem um carro bom, tem uma televisão boa... e quando ñdá na doída<sup>12</sup> ir ñpraôpraia e volta, ñá entendendo? ô tira um dia (Risos) ... não! ... É a condição social do cara, isso é o lado dele. (...)

A energia foi citada espontaneamente por todos os envolvidos mais diretamente aos contextos rurais, o que vem reforçar a construção social da realidade nas percepções de maior destaque nas transformações da vida cotidiana. Aquilo que para a população do âmbito urbano está incorporado como rotina, no meio rural é percebido como grandes transformações. Através da eletrificação rural os canais de comunicação se multiplicaram nessas áreas, abrindo perspectivas antes restritas, originando um novo modo de lidar com o cotidiano, com a vida. A energia elétrica nas áreas rurais traz a cidadania vinculando a comunicação com educação, sendo percebida como fator de integração entre os povos, através das tecnologias como a televisão, rádio e internet que encurta as distâncias e alimenta as mudanças sociais.

## 2.4. As demandas e expectativas

*ôO conhecimento da vida cotidiana tem a qualidade de um instrumento que abre caminho através de uma floresta e essa*

<sup>3</sup>Dá na doida significa “decidir”, “resolver” de forma intempestiva no dialeto nordestino

Da quarta gaveta puxamos os fios das questões *õ*O que você acha que precisa melhorar no meio rural na sua região? *ö* e *õ*O que precisa ser feito para atender essas melhorias?*ö*, que buscava captar suas expectativas em relação ao atendimento de suas demandas. Esta gaveta é denominada de *õ*Demandas e Expectativas*ö*. Nestas apreensões surgiram diversos marcos relacionados ao contexto rural, no entanto, oferecemos os mais citados, percebidos como construções da realidade pelas distintas categorias:

*õ*Seria melhor... uma melhor assistência técnica. *æhø*.. que realmente o nosso agricultor se recente muito de informações técnicas (...)MARQUES (E/R)

Principalmente uma assistência técnica bem direcionada e bem presente. Porque a gente vai, sai daqui, vai no Sertão aí no ... no Agreste, até na Zona da Mata mesmo, dá uns cursos *æpraø* produtor e desaparece. Aí eles não vão seguir... não vão seguir. CARMOSA (E/NR)

(...) O lado nosso é ... ainda... o distanciamento da Universidade como unidade realmente de extensão.... *õ*há! A universidade faz extensão!*ö*.. Não faz extensão... você faz projeto de pesquisa, vai lá, colhe material, você executa um trabalho de pesquisa e morreu... *õ*muito obrigado; foi bom; gostei do senhor; o senhor agradeçiö ... isso é o que mata... não tem uma continuidade (...) AFONSO NE/NR

(...)da mesma forma que vem paralelo a isso a educação. (...) Que é justamente pra que? *æPraø* dar formação para esse jovem que já é da Região, que é do campo, muitas vezes filhos de produtores, e que tá tendo a oportunidade de ter uma formação técnica. Voltado para o que? Pros laticínios!! Tudo isso *æpraø*que? Pra que você melhore *æné?ø* toda essa condição para que haja realmente o crescimento da cadeia produtiva do leite, *æné?ø*Desde lá... do animal, da parte sanitária até o produto final... na mesa do consumidor(...) MARILENE (NE/NR)

Tivemos a intenção deliberada de colocar essas construções de forma sequenciada, visando colocar em evidência a percepção dessas categorias distintas que percebem na educação uma oportunidade de mudança social direcionada à comunidade rural. Na vida cotidiana alguns setores são mais rotineiramente apreendidos, como aqueles específicos relacionados ao trabalho. Como tipificação de educadores os atores apreendem que em sua atuação no mundo do trabalho, encontra-se a possibilidade de alterar o mundo através da educação e da comunicação, percebendo que na institucionalização *õ*assistência técnica*ö* residem mudanças de atitudes para o crescimento individual e da sociedade.

Esse crescimento está inserido na distribuição social do conhecimento, onde a comunicação, através da linguagem e do diálogo se presta como uma ponte onde *õ*as estruturas de conveniências cruzam as estruturas de conveniência dos outros em muitos pontos, dando em resultado termos coisas interessantes a dizermos uns aos outros*ö*, percebendo que *õ*não posso conhecer tudo*ö*. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 67)

Como esquema de tipificação o que se espera dos atores envolvidos com a educação rural é justamente suas preocupações com as questões sociais das comunidades rurais, onde sua institucionalização, ou seja, a assistente técnica, são compartilhadas por todos os membros. Berger e Luckmann (2008) reafirmam essa posição ao declararem que a instituição, nesse caso, a assistência técnica, através da educação, são ações do tipo X que serão executadas por atores do tipo X.

Ainda desta gaveta tiramos as construções de onde se espera que advenham a solução para as demandas apresentadas. Mais uma vez a realidade se apresentou de maneira semelhante entre as diversas categorias. O governo foi apontado pelos docentes e técnicos como a resposta principal ao desenvolvimento local de comunidades rurais, através de programas específicos, seja na questão da criação de órgãos de extensão rural, aos moldes da extinta Assistência Técnica de Extensão Rural - EMATER:

... essas melhorias vão muito por ação do governo e que é o maior responsável por isso. O governo está aí para melhorar as condições do povo, é quem coleta os impostos e tem que contribuir. ATAULFO (E/R)

A UFRPE também foi citada como órgão público direcionado ao desenvolvimento rural, seja econômico ou social, como citado por AFONSO (NE/NR):

(...) e a Universidade não faz esse papel... a extensão faz um trabalho de pesquisa, existe ilhas dentro da universidade que realmente faz um trabalho efetivo de extensão, mas são ilhas. AFONSO (NE/NR)

Nas mesmas questões passamos as falas dos sujeitos de contexto rural, que em quase sua totalidade não possuem letramento, conhecem o mundo de suas redondezas e são possuidores de pequenas propriedades. Thompson (1998) declara que *“uma série de entrevistas numa mesma localidade proporcionará inúmeras conferências entre elas a respeito de fatos”*. (THOMPSON, 1998, p. 307). Assim, no viés da construção social da realidade, apresentamos suas percepções a respeito de suas perspectivas de soluções para suas demandas:

Ah, se ... Porque a gente não tem ajuda. Tem que fazer uma coisa ócasö próprias mãos ñné? øSe não tiver õricursö da gente õmermoö não consegue. Aí a gente não tem oportunidade, ñné? ø (...) Financiamento. É! Uma coisa assim, é! Hum, hum! A gente õpercura os bancö, mais é õdifícilö demais õhomi! ö. Tem que ter terra maior pra, ñné? ø aí a gente com õpocaö terra não consegue. É! Hum, hum! O.. a pessoa tivesse uma ajuda, ñné? ø Tivesse um õtéccoö (técnico) ÷praø orientar a gente ñné? ø Que às vezes a gente tem algo, tem uma coisa mais não sabe õtrabaiarö ñné? ø Era bom se tivesse essa, esse apoio, õneraø? JOSÉ (NE/NR)

O PRONAFE... no começo, o primeiro, õnois faziaö em conjunto ñassinseö, uma mesa redonda. õNóisö fazia... o primeiro PRONAFE de, em cinco (...) Me saí bem... todo mundo se saiu, quem õsöbeö fazer, ñné?ø Então, veio uma seca, õfoiseö em 82, e quando eu cheguei lá no... com o gerente do banco, digo: õoiö seu Paulo, a gente paga seguro desse õnegócoö aí? Do PRONAFE? Ele disse: õse o õsinhö quiséö, a gente desconta aqui.ö Eu tenho essa lembrança. (...)Liquidei, de õ12 mil realö liquidei... com dois mil, õoitocentoö e quarenta e seis õcentavoö! Depois fiz outro, liquidei, já. õTöö na idade que õtöö... quando foi õessis ano aíö, eu fui lá õpedió minha conta, õoiö... õtöö sem débito no Banco do Nordeste. Mas o meu crédito tá lá, ñné?ø minha ficha. Eu achei bom, o PRONAFE (...) IZIDORO (NE/NR)

Ali pra õnoisesö... É uma coisa que eu õnumö sei o que precisa ali pra õnoisesö ali. Pela minha parte, não... Porque ali... não... Aqui todo mundo õfaizesö um financiamento aí desse, esse pessoal aí que õfaizesö financiamento de õnegócoö de banco, de õtiráö um õdinheroö no banco, ÷praøõnegócoö de criação de galinha, õotroö de porco, de gado... bode... É o õbinefíçoö que eles õfaizesö, ñné?ø õFaizesö, já õfaizesö já com o banco, é õnegócoö dágua, é da, dágua ou é da, como é o nome?, já õtöuö õisquecidoö como é o nome dele, é do, NAFE...(...) LANDO (NE/NR)

Na zona õruráö minha õfiaö é õchegáö chuva õpra saiö pasto e conforme õvöö criando aí... somente. õTöö criando. Tem lá uns õbichinö. Tem... tinha de corte, de leite. Aí eu tirei õus de corteö e tá uma vaquinha lá, só. Uma vaquinha. É ÷praø consumo õmermoö. ÷Praøvenda, nada.

Forneço quando tá, quando tá de ãnegócoö, aí eu forneço praø lá. Praø o, direto praø matadouro. É! Exatamente. PINHEIRO (NE/NR)

Analisando essas construções colocadas em sequência também intencional no sentido de atribuir ênfase, podemos apreender que o homem rural não se percebe necessitando de educação formal, que agregaria valores ao seu cotidiano, antes constroem suas demandas em termos de recursos financeiros. Essas colocações podem ter sido construídas pela tipificação do entrevistador, que se faz oriundo do governo federal, nascendo daí uma perspectiva de programas sociais financeiros, uma vez que toda comunicação, através da linguagem tem uma intenção intersubjetiva. A consciência tem sempre uma intenção, onde a *õcontinua produção de sinais vocais na conversa pode ser sincronizada de modo sensível com as intenções subjetivas em curso dos participantes da conversaö*. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 57)

Outro aspecto que se coloca é a distribuição social do conhecimento que diferencia a realidade por graus de aproximação e familiaridade, assim, os homens rurais se percebem com seu acervo de conhecimento específico, onde o ãsei que fazerö se apresenta de forma satisfatória para suas atividades da vida cotidiana, integradas com o seu mundo do trabalho, apreendidas como reflexos das ideias da cultura local. Freire (2013) trata da questão como ãresistência a transformaçãoö, à medida que os homens rurais possuem uma estrutura interna e social equilibrada da sua realidade. Reforçando essa questão buscamos a declaração *õa validade do acervo do conhecimento é suposta certa por mim e pelos outros até nova ordem, isto é, até surgir um problema que não pode ser resolvido nos termos por ela oferecidosö* (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 65)

Os homens rurais, em geral, transformam os sinais advindos através de mensagens adaptando-os à sua cultura local onde *õganham uma nova cor, uma nova significaçãoö*, sendo necessário que as instituições de ensino se aprofundem nessa percepção, buscando descobrir novas formas de substituir os *õprocedimentos mágicosö* por técnicas elaboradas e as formas de quebrar a resistência a essas técnicas, de modo que os mesmos construam seus próprios significados e os incorporem a sua realidade, não como uma invasão cultural, mas pela problematização e se convençam que são eficientes para o seu atuar na vida cotidiana, o que torna-se possível através da comunicação. Isso vem confirmar que *õqualquer esforço de educação popular, em qualquer nível de qualificação (...) deve partir do princípio da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homensö* (FREIRE, 2013, P. 34-39).

Nestas construções da realidade social dos homens rurais apresenta-se também a evidência de atitudes e condutas, valores gerais que se têm como verdadeiras na sociedade, que só pode ser percebida através da História Oral, apreendida em contexto, ou seja, o local e a classe social de onde emana as informações, com mais de um ponto de vista sobre a mesma questão, residindo nesta institucionalização a previsibilidade de ações e intenções dos homens. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 89).

## 2.5. Fiando com a memória e percepção

*õTomamos para nós esta emocionante tarefa e passamos a ouvir, ouvir, ouvir...ö* Conceição Martins (2013, p. 7)

Na quinta gaveta encontravam-se as questões mais específicas relacionadas ao Programa Momento Rural, *õConheceu o programa Momento Rural?ö*, *õO que você pode dizer*

sobre o Programa Momento Rural (objetivo, pontos positivos e negativos) e Se pudesse atribuir um nome ao Programa Momento Rural qual seria?, com a finalidade de resgatar a memória daqueles que tiveram sua história diretamente envolvida com os vídeos, visando apreender as contribuições e lacunas proporcionadas pela sua veiculação, balizando se essa atuação atingiu os objetivos propostos inicialmente. Evidentemente essas questões foram levantadas com os entrevistados da categoria não emissor/não receptor (NE/NR) com o intuito de entender suas percepções em torno dos vídeos como ação de comunicação. Denominamos essa gaveta como Memória e Percepções.

O Programa Momento Rural foi apreendido de diversas formas, o que colabora com a afirmação de que os significados são concebidos com o conhecimento e transmitidos como tais. Uma parte deste é julgada para todos, enquanto outra só interessa a certos tipos. Alguns são designados como transmissores, outros como receptores deste conhecimento. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 99). Nesta percepção apresentamos a realidade apreendida pelos docentes e técnicos, enquanto sujeitos envolvidos com o conhecimento oriundo de uma instituição educacional, que reconhecem a importância de um canal de comunicação voltado para a mudança social em contexto especificamente rural, onde é mostrar que existe uma instituição que está fazendo alguma coisa como rural, a essência disso... se é um fungo, se mexe com cana, tudo bem... a questão é que ela faz realmente alguma atividade para servir ao produtor, isso é fato! AFONSO (NE/NR).

Neste viés da contribuição social o Programa Momento Rural vem atender o Artigo 221, no Inciso III da Constituição Federal que estabelece a obrigatoriedade da regionalização da comunicação, onde as redes de televisão devem reservar um espaço de tempo para às questões locais e regionais, obviamente se tratando de temas de interesse econômico e social, como pondera ATAULFO (E/R):

O Momento Rural era uma inserção de uma Televisão de grande penetração. Então ela estava mostrando o Momento Rural, mostrando a peculiaridade da região onde uma Universidade Pública Federal tinha uma inserção, não só de ensino mas de investir e participar do desenvolvimento das Regiões. Ela estava presente, com a sociedade, a desenvolver a Região, é isso que o Momento Rural mostrava. ATAULFO (E/R)

Apreende-se nessa fala do Docente ATAULFO temas importantes e coerente com nossa perspectiva. Levanta a questão do poder de penetração da Rede Globo na região nordeste, confirmando nossa percepção de signo icônico. Traz em seu bojo a parceria entre o público e o privado, onde duas instituições não possuidoras de características aparentemente semelhantes se coadunam para um propósito comum: a construção do conhecimento direcionada para a sociedade, não se limitando ao saber acadêmico, numa evidente intenção de desenvolvimento regional priorizando raízes. Na construção social da realidade inserida nesta fala entende-se como participação democrática que encontra-se relacionada com o processo de comunicação humana, envolvendo o acervo do conhecimento, através da linguagem, onde o mundo é apreendido em confronto com o repertório das experiências individuais, suas crenças, valores e atitudes. Nessa perspectiva, podemos entender que quando maior for o seu repertório de linguagem, maior será o mundo percebido, num constante movimento de realimentação de conhecimento que se incorporam à sua linguagem e à decodificação desse mundo.

Na percepção do Docente MARQUES também se percebe a necessidade de um canal de comunicação que direcione as pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico da UFRPE, ou seja, um universo de conhecimento armazenado à espera de circulação, visando dotar a vida cotidiana de experiências e significados, incorporando, cristalizando e acumulando

conhecimentos através da comunicação, como sinal simbólico voltada para a ruralidade de fácil entendimento:

Eu só vejo pontos objetivos, serem exatamente atender... õéhö... alcançar o maior número de pessoas... com as informações... numa linguagem clara, a gente... não é difícil falar na linguagem do nosso agricultor, então seria atingir um número maior de pessoas com as informações que nós temos e que termina ficando guardadas nas prateleiras. MARQUES (E/R)

Nesse tecer do social da vida cotidiana apresenta-se a questão da linguagem como realidade interpretada pelos homens e dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. Esse mundo tem origem no pensamento e na ação dos homens comuns, onde buscamos os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. A entrevistada MARILENE (NE/NR) não participou da construção do Programa Momento Rural, mas percebe-se socialmente identificada com essa ação, objetivando-o como processo socialmente construído:

Então essa... essa participação... esse papel da Universidade perante a essa comunidade através dessa divulgação, o material audiovisual, uma coisa assim que você... o produtor tá vendo, ele entende, é uma forma fácil de você entender e até gostosa mesmo de ver, eu acho muito válido. MARILENE (NE/NR)

Nesse sentido o acervo do conhecimento se propõe para os diversos papéis que representamos na vida, seja como educadores e comunicadores do conhecimento, ou seja, especialistas, ou como homens rurais, dotados de um acervo de conhecimento conveniente para seu õaqui e agora. Será necessário que uma instituição de ensino problematize o cotidiano desses homens, receptores finais de suas políticas e, a partir daí, construam, em diálogo e sintonia, as soluções adequadas.

Berger e Luckmann (2008) afirmam ainda que a realidade por excelência da vida cotidiana está organizada em torno do õaquiö do corpo e do õagoraö do presente, sendo o foco da atenção. Porém não se esgota nesses imediatos, mas transcende fenômenos que não estão aqui e agora, encontram-se em diferentes graus de aproximação e distância, espaço e tempo.

Nessa percepção a linguagem possui a capacidade de transcender o aqui e agora, criando pontes e tornando presentes objetos e fenômenos que encontram-se espacial e temporalmente ausentes, *õposso falar de inúmeros assuntos que não estão presentes na situação face a face, inclusive assuntos dos quais nunca tive, nem terei experiência diretaö* (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 57). Baseados nesta explicitação apresentamos aos homens rurais os vídeos recuperados do Programa Momento Rural e apreendemos suas percepções como esta fala de JOSÉ (NE/NR) õPositivo. É! Hum, hum... Apesar de ser cana, é! (...) Nada negativo. Era bom, õnera? (Risos). O entrevistado IZIDORO (NE/NR) é mais pontual:

õMaisisö... não, não conhecia não. É bom! Entendi. Aquela õrrigaçãoö... É! Aquela õrrigaçãoö õpra aqueles coitadoö, que õnumö tinha condições e tão produzindo. E tão exportando lá ÷praõ fora. Arrumam o custo de vida dele e o pão. õNumö é? õNumö é? õNumö é isso? (Risos) Os pontos negativos? Não. Não. Foi tudo bom, ali, eu õnumö... É! Foi bom! IZIDORO (NE/NR)

O que se apreendeu da construção desses sujeitos primeiramente foi a timidez que aflorou da realidade desconhecida de sua vida cotidiana, tornando suas falas lacônicas e evasivas, apesar de almejarmos usar termos adequados reconhecendo as diferenças de antecedentes sociais, variando o estilo da entrevista com a linguagem local para realizar as perguntas únicas e complementares. Percebemos no tom de suas vozes que o distanciamento e falta de percepção com a identificação dos conteúdos dos vídeos com suas atividades rurais os

impediu de tecerem construções mais expressivas sobre a questão, apesar do uso de técnicas sugeridas por Thompson (1998), como insistência ãe os pontos negativos? õ, e provocação õo que acha? õ, como forma de induzir respostas significativas. No entanto obtivemos apenas construções que sugeriam não terem uma ideia clara sobre suas percepções, mas sim do que gostaríamos de ouvir, portanto não confiáveis ou duvidosas como evidência da construção da realidade referente ao Programa Momento Rural.

Berger e Luckmann (2008) percebem o mundo em que atuamos para modificar a sua realidade ou o mundo em que trabalhamos como *õaquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer*õ, onde outras zonas estão presentes, mas não acessíveis no imediato, onde meu interesse é menos intenso e certamente menos urgente. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 39). Esse distanciamento da construção social do Programa Momento Rural nos leva de volta a questão da linguagem, através da oralidade, como processo de sistema de sinais, apreendendo a urgência implícita na fala dos homens rurais para encerrar a questão, deixando evidente o estado õembaraçadoõ que se encontravam diante da perspectiva de construir conceitos em torno de uma realidade não pertencente a sua vida cotidiana.

Da mesma gaveta retiramos as sugestões de nomes que poderiam ser atribuídos ao Programa Momento Rural. Das categorias distintas surgiram as sugestões *õAções da UFRPE*õ, *õRural na Sociedade*õ, *õChamamento Rural*õ, *õRural no Campo*õ. Nossa questão tinha como finalidade buscar a imaginação e criatividade dos sujeitos, porém, além dessa expectativa, este momento se revelou recheado de espontaneidade e bom humor, acompanhadas de muitos sorrisos, quebrando a seriedade da entrevista e transformando-a em momentos rememorados de forma prazerosa e inesquecível, sem perder a consciência histórica dos falantes. No caso específico dos homens rurais, essa questão serviu para quebrar o constrangimento da questão anterior acerca das construções do Programa Momento Rural. Destacamos duas citações, uma da categoria (E/R) e sua associação complementar de NE/NR:

(Risos) Mas de repente talvez fosse melhor perguntar pra eles (agricultores). Como é que seria assim? ... (Risos). MARQUES (E/R)

E perguntamos,

Produtivo. ãNé?õ Produtivo Rural. Produtivo Rural, porque ele produziu aquilo ali, ãné?õ Numõ õtavaõ parado? Aquele sertão tinha o quê antigamente? Eu conheci lá, quando eu viajei ãpraõ São Paulo, inclusive Paulo Afonso, lá em Cabrobó, aquele sertão sem futuro. E hoje tá õnumõ movimento daquele, ãné? õ (Risos) õ Numõ é isso? É! Produtivo. Você conhece a õberaõ do rio, aquele mundo? (Referindo-se ao São Francisco) Não? (Risos) õ. IZIDORO (NE/NR)

Resgatamos mais uma vez Thompson (1998) que destaca a importância de õouvir as falasõ, õescutar o que dizemõ, tanto durante, quanto depois da entrevista, conservando a sua textura, a sonoridade do dialeto local, suas entonações *õque ajudam a tornar o texto legível sem perder nada da força expressiva*õ. Confirmando o que declara esse autor quando afirma que a consciência do entrevistador se insere nesse processo da História Oral, que como ser social,

*õ... também deseja intensamente partilhar com os outros os insights vívidos das histórias de vida que se apoderaram de sua própria imaginação. (...) A elegância da generalização histórica, ou da teoria sociológica, flutua muito acima da experiência da vida comum que está na raiz da história oral. A tensão percebida pelo historiador oral é a tensão básica: entre história e vida real. (THOMPSON, 1992, p. 305)*

De fato à medida que se escreve trazemos na memória e na consciência os momentos com os homens rurais, como sujeitos simples, despojados de subterfúgios, porém dotados de valioso conhecimento do senso comum aplicado na vida cotidiana.

## 2.6. Lançando os fios dos sentimentos

*... tudo de que se necessita nessa situação é uma reação simples e de solidariedade: expressar os sentimentos terá sido, por si só, positivo.* (Paul Richard Thompson (1998, p. 206))

Na sexta gaveta encontravam-se os fios da questão *“Como se sente contribuindo para uma pesquisa que visa resgatar um canal de comunicação entre a UFRPE e a comunidade de contexto rural?”*, que visava captar as intersubjetividades dos entrevistados, seus sentimentos em relação a atividade acadêmica, ou seja, o mundo do trabalho e o seu público alvo apreendendo o feedback do Programa Momento Rural e o seu público alvo. Em relação aos homens rurais visava potencializar seus valores enquanto pessoas e cidadãos do mundo. Denominamos esta gaveta de *“Os fios dos sentimentos”*.

Os *sentimentos* se traduzem pelos estados afetivos, as sensibilidades diante de ações apreendidas, que por seu estado de fluidez podem ser alegres ou tristes, mas sempre como resultado do pensamento do sujeito consciente e crítico. Um sentimento é um estado afetivo que se produz por causas que o impressionam e surge como resultado de uma emoção que permite que o sujeito esteja consciente do seu estado. Se fez necessário entender o sentimento como uma forma de evolução do homem de seu estado primitivo e instintivo, para um estado consciente de si mesmo e dos outros, possível apenas através da socialização tendo a linguagem como processo primário, pelo princípio básico que ninguém nasce sabendo. *“Nós, seres humanos, vivemos comportamentos, crenças e compartilhamos emoções, e nas entrevistas evidencia-se os sentimentos”* (BICALHO, 2007, p. 23).

A particularidade da história oral trazida por Thompson (1998) afirma que toda história tem uma finalidade social, sendo construída na antiguidade pela tradição oral passada de geração a geração e critica a pesquisa factual, buscando apenas o conhecimento pelo conhecimento, evitando qualquer envolvimento com as interpretações mais profundas, banindo questões como sofrimento social, crueldade, conflito, emoção e sentimentos. O método da História Oral pode e deve ser utilizado de maneira social, sendo aceita pelos padrões acadêmicos, constituindo-se inclusive um meio de quebrar barreiras entre as instituições educacionais e o mundo exterior.

Nesta questão detectamos a construção social da realidade por categorias, visando um melhor entendimento do olhar diferenciado de cada grupo. Na categoria de emissor e receptor (E/R) destacamos as construções dos sentimentos de gratificação, desejo de contar com um canal de comunicação direcionado para o desenvolvimento rural regional:

Como eu me sinto? ... Muito à vontade e até gratificado por ter sido procurado, por ter vivido a época em que tinha o Momento Rural, por ter assistido, por ter até contribuído com alguns deles (...) é gratificante, me sinto à vontade e me sinto até assim, animado agora, para que volte uma mídia dessas (...) ATAULFO (E/R)

Na categoria de emissor e não receptor (E/NR), destacamos as mesmas construções, potencializadas pelo bem estar e simplicidade *“Eu me sinto satisfeita, eu pra mim é uma*

*satisfação viu?, colaborar... eu me sinto satisfeita, sinto um... é um prazer pra mimö. SICI (E/NR).*

Na categoria de não emissor e não receptor (NE/NR), apreendemos os mesmos sentimentos, entrelaçados com a esperança de um canal de comunicação que venha atender a necessidade de socialização das pesquisas oriundas da UFRPE:

(...) Agora eu acho bastante interessante porque a partir daí vão ser resgatados as informações e, que eu acredito, vá poder contribuir bastante pra essa... pra essa melhor divulgação dessa informação que está sendo gerada dentro da Instituição (...). MARILENE (NE/NR)

Na categoria de não emissor e não receptor (NE/NR) específico dos homens rurais, incorremos na mesma questão citada anteriormente, onde suas construções da realidade se apresentaram distantes dos assuntos tratados. No entanto, apesar das respostas evasivas, a cordialidade e o bom humor continuaram presentes, como afirma IZIDORO (NE/NR) *õÁí eu ñôperdido, eu õnumö sei dizer. (Risos) Gostei! Foi boa a pesquisaö (Risos)* e JOSÉ (NE/NR) *õAh, coisa que a pessoa nunca viu, ñé? ö (Risos) É uma coisa muito boa. É. Hum, hum. (Risos) ö.*

Nestas construções tecemos essa rede de sentimentos, onde as categorias explanaram as emoções pela participação de uma pesquisa que visava resgatar um canal de comunicação entre uma instituição educacional voltada para o rural, fortalecendo a dedicação que os homens têm com os outros homens.

## **2.7. O ranger tristonho da máquina de fiar dos anseios e frustrações**

*õDesenredando as variações existentes, revelou-se também o complexo de outras influências... Paul Richard Thompson (1998, p. 331)*

Por fim abrimos nossa sétima e última gaveta, retirando os fios da questão *õO que gostaria de falar mais sobre o tema? ö*, de caráter aberto. Surpreendentemente desta questão surgiram as mais importantes construções da realidade entre todas as categorias, que mesmo sem terem vínculos diretos com o tema Momento Rural, se fazem importantes permeando suas percepções construídas em sintonia com suas vidas cotidianas através do mundo do trabalho, que passaremos a citá-las por tópicos de relevância. Denominamos essas gavetas de *õAnseios e Frustraçõesö*. A demanda do retorno de um canal de comunicação entre a Instituição e o homem rural foi citado pelas três categorias, oferecendo um quadro referencial de articulação de comunicação, evidenciado nesta fala de ATAULFO (NE/NR):

Não... é torcer que com a volta de um programa da nossa Universidade, que mostre à sociedade a atuação dela, os benefícios que ela traz. A gente pesquisa ensinando, formando profissionais e levando o conhecimento até os produtores da sociedade. ATAULFO (E/R)

Confirmando nossa percepção apreendemos as mesmas expectativas de MARQUES (E/R), pontuando suas esperanças quando declara:

Não. Só o desejar... desejar que você... consiga com seu trabalho, tipo assim... alertar... acordar... com relação a esse aspecto, a direção da Universidade, pra que ela trabalhe na direção, pra que ela trabalhe no sentido de a gente volte a ter essa comunicação... Resgatar esse contato do nosso trabalho com a comunidade rural. MARQUES (E/R)

Resgatamos também suas críticas e frustrações, pontuando as publicações exigidas aos docentes, como critério de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC), como as mais incisivas, que por decorrência, sobrecarrega o docente, ocasionando um distanciamento do homem rural, seu real público alvo, que conseqüentemente permanece à margem dos resultados de pesquisas desenvolvidas que visam de sanar suas demandas, como fica explícito na citação:

Uma coisa que aconteceu dentro no mundo universitário, dentro de uma política da educação, o indivíduo que não procura, não produzir uma (omitido) de um papel não tem valor, extensão não dá valor, porque não tem pontuação, você escalar dentro da sua avaliação... a cada dois anos, você foi de pós-graduação, você sabe disso... bendito curriculum lattes, avaliação, e tá aquela loucura, todo mundo atrás de papel, Plataforma Lattes, todo mundo tem que sair nem que uma gota de obituário que você mandou pro enterro de fulano e foi publicado num JEPEX... o que diabo foi... isso tem peso. Do trabalho que você fez com ADE (Atendimento de Extensão) de uma digestão não conta nada ôcara! ö...não conta nem uma grama... então o que é que... em função disso... porque trabalho de extensão demanda energia, demanda dedicação física, demanda muito tempo, demanda compromisso, isso pra mim é uma grande questão... a questão da atividade de extensão demanda é compromisso, não é compromisso de um mês... é compromisso de que você tem fazer entendeu? ... você tem que acompanhar... e não dá... mas não tem algo que resista se não reverte isso... ou seja nem em hora aula... você sabe disso... isso pra mim é muito irritante... pra gente o que é que conta? ... É nosso papel, mas não conta nada ðá entendendo? ø (...) e a universidade ela culpada disso... porque é culpada? Porque é modelo do MEC... sim... mas ðôø.. (Risos...) Reivindicar! Entendeu? ... o que tá acontecendo com a extensão nesse país? ðEntendeu? øAFONSO (NE/NR)

A mesma questão é levantada pelo docente MARQUES (E/R) demonstrando que independente da sua posição diante das categorias, essa avaliação aponta questões frustrantes em suas vidas cotidianas, onde o mercado capitalista e de produção sufocam seus princípios norteadores enquanto educadores e homens sociais:

... o professor ele fica muito preocupado em publicação, e a tal ðfamigerada publicaçãoö, que eu sou frontalmente contra, essa publicação em série, então eu acho que o professor, de repente, se ele gastasse menos tempo se preocupando em publicar e ðdê-seö (no sentido de oferecer) mais tempo na prática com o agricultor, que está nas suas proximidades, teria um efeito muito melhor pra sociedade pernambucana, estou falando em função da nossa Universidade. (...) Então, isso nós temos convicção e temos tanta convicção e objetivando melhorar ou informar a comunidade que nos cerca, que particularmente nós nos sentimos mais realizados aonde temos possibilidades de publicar um trabalho em português do que um trabalho em inglês (...) então no nosso entendimento se as nossas publicações são em inglês, elas vão servir muito mais para fora do nosso país do que para nosso país, pra nossa comunidade, essa é minha opinião, muito particular, e... mas que eu tenho convicção absoluta que o meu trabalho, eu prefiro que ele chegue aqui no seu José do lado do que ao doutor Hans de lá não sei aonde... (...)MARQUES (E/R)

Outra questão surgida com forte percepção diz respeito ao papel da Pró-Reitoria de Extensão, que traz entre suas competências: coordenar as ações de extensão, cabendo a ela, fomentar, acompanhar, avaliar, articular, registrar e divulgar as ações de extensão no âmbito interno e externo da UFRPE; integrar o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, buscando o comprometimento da comunidade universitária com interesses e necessidades da sociedade, em todos os níveis, estabelecendo mecanismos que relacionem o saber acadêmico ao saber popular; democratizar o conhecimento acadêmico e a participação da UFRPE junto à sociedade e incentivar a prática acadêmica de forma que contribua para o desenvolvimento da

consciência social e política, formando profissionais-cidadãos.<sup>13</sup> Essa missão identificada da Pró-Reitoria de Extensão é questionada pelas categorias dos (E/R) e E/NR, numa cobrança de integração e atuação de forma mais incisiva, realizando seu papel de mediador entre a UFRPE e a sociedade em geral, que em última análise providencia sua manutenção através de seus impostos:

Eu acho que o tema, como você está também fazendo algo com esse intuito de resgatar a extensão... ðéð... ðéð... opiniões construtivas e assimilar isso ðentendeu? ø... (...) ... porque isso precisa, isso é um crédito vago que tem na Rural, é a Comunicação e Extensão... é crônico isso, entendeu? É crônico... (...)a Rural não só tá fadada a acabar a Pró-reitoria de Extensão pela tradição, porque ela é bem antiga e por ser a Rural uma rural... mas ela tem que rever isso ðaraø ... ela tem que rever ðaraø (...)sim... sim... porque tu tá fazendo um trabalho de assistência da extensão... sim ... e eu agradeço a você por estar fazendo uma tese numa área dentro de problemas da rural... AFONSO (NE/NR)

Nessa perspectiva o Docente MARQUES (E/R) agrega a essa cobrança de atitude da Pró-Reitoria de Extensão ações que visam uma proximidade do agricultor local, revertendo em benefício para toda sociedade, que consome os produtos oriundos da agricultura regional:

(...) ðéð ... seria... seria uma... uma aproximação maior da própria Universidade com os agricultores, provavelmente através da... da Pró-Reitoria de Extensão, que a Pró-Reitoria de Extensão se informasse melhor, interagisse de alguma forma com as demais... demais setores da Universidade, ðpraø tentar levar os nossos produtos, que realmente nós temos produtos, informações que poderiam ser levadas, dentro de um programação prévia (...)MARQUES (E/R)

A História Oral tem a capacidade de fornecer conexões nas distintas áreas da vida cotidiana fornecendo interpretações dos indivíduos, contextualizadas com a cultura. Igualmente nas falas dos homens rurais percebemos como fatores de destaque a falta de trabalhadores para suas terras e a esperança que os filhos continuem suas atividades. Atribuem essa escassez de mão-de-obra aos programas sociais dos governos como aposentadoria e bolsa família. Conscientes ou não esses homens expressam as contradições mais profundas das mudanças sociais ocorridas em seu cotidiano, e esse ressentimento emerge de suas histórias de vida:

ÕÓiö... sobre agricultura minha õfiaö a agricultura já era. Agricultura já acabou. A gente vai, tem local de õtrabaiáö mais õnumö pode por causa õdas idades né? õ E se eu inventasse de õtrabaiáö outra õvezesö no pesado quer dizer que õos dia era mais curtoö, ðné? ø ðÉhø.. então assim, õnumö tem quem õtrabaiæö. Tem não! õNum quereö mais õtrabaiaremö! O moço! O moço! õUs idosoö, sempre, sempre, eu fiz crença. Que eles õse amarraö nos bolso õus idosoö e fica consumindo dele, da aposentadoria. Não é fazendo õisfoçoö ðpraø õtrabaiáö, é consumindo, consumindo õus idosoö, termina lavando até õus idosoö pelo dinheiro dele. Quer ganhar, acompanha isso aí õnas televisão né? õ Mata um idoso por dinheiro. Aí quer õdizêö que é onde, é pra roça que eles devem ir, mais eles õnumö procura uma agricultura, procuraessa õroça<sup>14</sup>õ aí. Essa õroçaö eu acho que é mais õfáciö pra eles, ðné? ø Quando o idoso chega com o õtrabaiö dele, õeles meteö a mão, carrega o dinheiro e vai jogar. E quando chega em casa já vão meter o cacete õnus idosoö. Se ele não tiver mais. õÓiaö aí, quando a geração õus idosoö acabar? Como vai ser? Aí eu õtôuö achando que o mundo pega fogo. (Risos). PINHEIRO (NE/NR)

---

<sup>13</sup> Site da UFRPE.

<sup>14</sup> Terra onde se roça mato; terra cheia de mato.

Nessas colocações percebemos que há conflitos na dinâmica da mudança social ocorrendo nas áreas rurais, nas relações entre gerações, construindo percepções alteradas da realidade. Diante das mudanças sociais, econômicas e estruturais surgidas seja pela educação, comunicação de massa, ou mesmo através de estradas que encurtam as distâncias, como formas de interagir com o mundo, os jovens não mais se sujeitam ao trabalho pesado do *õroçado*<sup>15</sup>.

Esse *õnegóço* de... De se *õaposentãõ*. O avô é aposentado, a avó recebe... aí dá um *õdinheirínõ* *õproõ* neto... ele *õimõ* vez de ele ir *õtrabaiãõ*, ele diz: *õah*, minha avó me fornece. *Ñé?* *õEu* acho que é isso aí, *ñé?* *õAté* precisa de gente que *õtrabaieõ*... *É!* Gente tem! Aí eu *õnumõ* sei nem... nem dizer. Esse bolsa *õfamíãõ*... essa bolsa *õfamíãõ* ajuda muito... *ñpraõ* pobre que *õnumõ* tinha *õcondiõisesõ*, recebe aquele bolsa *õfamíãõ*, eu *õnumõ* vou dizer nem *õfalãõ* contra... Eu acho que... (...) (balança a cabeça negativamente) *õMaisesõ* pior se *õnumõ* fosse, *ñnum é?* *õÉ!* Aí o *õcausoõ* sabe o que é? O *õcausoõ* é esse... Lá na cidade, um *õcasãõ* que pensa, arruma *õdois* fioõ parou! E depois disso aí... *õóiõ*... *õarrumãõ* *õfioõ* *ñpraõ*pegãõ aquele... (risos) Quem tem *õdeizisõ* *õfioõ* quanto eles *õnumõ* derruba, *ñé?* *õ* (Risos) IZIDORO (NE/NR)

Nesse sentido os programas sociais cumprem seus papéis, ou seja, através da educação e assistência social, fornecem condições para que os jovens possam buscar nas cidades próximas mais desenvolvidas o ensino médio formal ou tecnológico, agregando novos valores e perspectivas de vida.

Não obstante reconhecemos também a importância dos canais de comunicação disponíveis nas comunidades rurais fornecendo elementos que contribuem para o desejo e desafio na vida desses jovens, proporcionando novas perspectivas e horizontes. Declarando ainda que diversos aspectos interagem nas decisões a nível individual, um deles, os meios de comunicação de massa, fomentando novas configurações nas maneiras de se perceberem, implicando na transformação de vida percebidas a cada história, moldando o *õrumo e a direõõõ da mudança social mais amplaõ*. (THOMPSON, 1998, p. 329-330).

Observamos outro fator interessante, o uso de mão-de-obra especializada em serviços municipais, como enfermeiras, dentistas, assistentes sociais, entre outros, ocupados por jovens da localidade, que retornam com formação acadêmica, e absolvem remuneração condizente ao mercado. Muitos desses jovens encontram-se hoje empregados também em indústrias dos derivados de leite, que se instalaram nas redondezas atraídos pela logística e mão-de-obra qualificada. O Serviço Nacional do Comércio o SENAC também está presente nessas localidades prestando assistência aos empreendedores rurais, promovendo cursos e palestras, interagindo junto a instituições financeiras incentivando o desenvolvimento local.

Essa percepção colhida entre os entrevistados através da História Oral coincide com a afirmação de Thompson (1998) a respeito da intervenção dos órgãos públicos, que apesar de ter reconhecida sua importância, são por si só incapazes de interferirem em decisões de cunho individual.

O desenvolvimento econômico e social chegou nas áreas rurais, impulsionada pelas intervenções dos programas sociais, porém, a cultura permanece interiorana, de vida pacata, com sensação de bem estar e familiaridade entre os sujeitos, que não querem a vida das grandes cidades e seus percalços veiculados pelos mesmos canais de comunicação. Berger e Luckmann (2008) afirmam que o corpo do conhecimento *õestá diretamente ou indiretamente adequado ao seu papel. O que implica uma distribuição social do conhecimento, que acha-se estruturado em termos do que é geralmente relevante e do que é somente relevante para papéis*

<sup>15</sup> Terra onde se roça mato; terra cheia de mato.

*particulares* E isto é interessante uma vez que esses jovens rurais absorvem dos canais de comunicação aquilo que lhes convêm como projeto de vida e mesmo sem um letramento digital adequado para estarem em contato com as mídias virtuais, demonstram apreender as informações que se apresentam adequadas aos seus anseios de uma mudança social. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p, 107).

Para o terceiro capítulo trataremos das construções sociais da realidade entre o Programa Momento Rural e a atualidade, no sentido de buscar coerências com suas perspectivas de comunicação voltada para o homem rural.

### 3. CAPÍTULO III ó COMUNICAÇÃO... UMA TRAMA DE VÁRIOS FIOS

*õA comunicação é, pois, um processo natural, uma arte, uma tecnologia, um sistema e uma ciência social. Juan Diaz Bordenave (1998, p. 119)*

Neste capítulo tecemos com os fios da comunicação na atualidade, com os novos modelos na arte de comunicar, em tempos de globalização, não esquecendo o regional e o local, trazendo o olhar da atualidade através da história oral de Renata Leão, atual Coordenadora de Comunicação Social, trançadas com as percepções de Glauce Diniz e Cléo Níneas e algumas contribuições dos sujeitos das categorias de emissor e receptor (E/R), emissor e não receptor (E/NR) e não emissor e não receptor (NE/NR).

#### 3.1. Trançando o processo da comunicação

*õO mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicaçãoö. Paulo Freire (2013, p. 86)*

O processo da comunicação através da linguagem é uma particularidade essencialmente humana que permite forjar a consciência, onde o homem é capaz de distanciar-se de si mesmo, õexteriorizaçãoö, em um processo de reflexão, a õobjetivaçãoö e retorna a sua realidade, a õinteriorizaçãoö, no qual o mundo é reintroduzido na consciência no curso da sua socialização. A construção social da realidade está ancorada neste tripé. As outras coisas, inclusive as outras formas de vidas são enquanto o homem existe.

Essa existência humana, através da linguagem, torna o mundo um conjunto ordenado e coerente de tudo aquilo que tem nome. Através da linguagem o homem cria e significa o mundo, emprestando sentido a todos os conceitos e construções que permeiam as atividades humanas. Essa construção traz em seu bojo o conhecimento prático da vida cotidiana, apreendido através da linguagem, onde o homem atua de forma õdesembaraçadaö. Conhecimento que habilita o homem a viver o seu cotidiano de maneira prática e eficiente.

Para se comunicar os seres humanos utilizam um sistema simbólico complexo e cada processo de comunicação utilizado corresponde às necessidades específicas de cada grupo cultural e encontra-se adaptado aos vários contextos. O ser humano está permanentemente a se comunicar, mesmo que não tenha consciência disso. Sua maneira de vestir, modo de atuar, tom de voz, um gesto, um sorriso, através da linguagem verbal ou não verbal estão sempre a transmitir as mais variadas mensagens. Esses fenômenos da comunicação estão presentes à sua volta, tanto como emissor, como no papel de receptor. A comunicação é, pois, um processo ininterrupto e permanente.

Esse processo nos mostra que através da percepção que o homem tem do meio ambiente, e, baseado em seus repertórios, ou seja, seu acervo de conhecimento, ele interpreta o mundo e, a partir daí, transforma-os em novos em significados, em procedimento de decodificação. Em interação com outros homens surge o diálogo, por meio de mensagens, ocorrendo a convergência de significados. Nesse processo de comunicação insere-se a intenção, que se apresenta como õbásicaö, onde espera-se que o outro selecione, compreenda, aceite e aplique a mensagem recebida. (BORDENAVE, 1998).

A comunicação humana vista como um processo, principalmente através da linguagem como habilidade cognitiva, é tão importante quanto o autocontrole do corpo e das emoções e capacita o homem no desenvolvimento de outras habilidades, permitindo agregar ainda conhecimentos intuitivos, por exemplo, segurança e autoconfiança.

Cada receptor ou interlocutor troca informações baseadas em seu repertório cultural, sua formação educacional, vivências e experiências, emoções e percepções, que também é conhecido como "bagagem". Um público específico tem seu repertório cultural exclusivo e, portanto, receberá a informação segundo seu conjunto de particularidades e o emissor terá agir de acordo com esses. Visando minimizar os choques culturais, surgem ferramentas e meios de múltiplas utilizações que passam a ser usadas na comunicação interpessoal. Como exemplo destas ferramentas, podemos considerar a fala, a mímica, a escrita, a linguagem, os telefones, os computadores, o rádio e a televisão.

Uma boa comunicação deve envolver objetivos, adequação de linguagem e criação de uma interação pautada no respeito ao acervo do conhecimento do interlocutor, dando-lhe oportunidade de contrapor e ouvir o que o outro tem a dizer. Comunicar é estar em comunhão com o ambiente onde há convivência entre pessoas. Toda mensagem é formada por estruturas organizadas de signos contendo intenção, conteúdo e sentido, emitida por um emissor e decodificada por um receptor. Como produção do homem, as mensagens e os signos encontram-se presentes na construção social da realidade através da linguagem e da consciência.

A transmissão de uma mensagem clara e objetiva envolve diversos fatores, um deles é conhecer a particularidade dos ouvintes, para que estes possam elaborar e reapropriar essa comunicação também de forma eficiente. O conhecimento construído não é estático ou definitivo, assim, nessa fase de análise dos dados percebemos que inúmeros assuntos foram abordados, porém, cabe destacar os de maior relevância para o tema, num processo de interpretação que exige flexibilidade e imaginação no tratamento dos assuntos de maior interesse para a pesquisa. (THOMPSON, 1988, p. 320-321).

Coube-nos apreender a comunicação como ação social, que se firma no direito do cidadão não apenas ter a informação. Nesse viés de comunicação social nasce também a orientação para que os meios de comunicação de massa se comprometam com os efeitos das mensagens sobre a grande massa.

Para entendermos a comunicação de massa, foi necessário apreender o surgimento da massa. Com as classes populares, definida como agrupamento de indivíduos que apresentam características similares, nasceu a massa, que desarticulou as formas tradicionais de participação e representação da sociedade, afetando a vida, o pensamento e a própria fisionomia da cidade. Essa massificação afetou a todos, principalmente ao homem rural que teve que aprender a pegar ônibus, retirar documento de identidade e agora, inserir-se nas mídias globais.

Entretanto, para a massa houve mais ganhos que perdas, pois nasceu também a possibilidade de ascensão social, através de bens e serviços que até então tinham sido privilégio de poucos. Foi necessário entender o surgimento da massa para analisar então a comunicação de massa. Assim, a comunicação de massa é entendida como a disseminação de informações através de jornais, televisão, rádios, cinema e também agora pela internet, os quais se reúnem em um sistema denominado mídia, que tem como característica principal chegar a uma grande quantidade de receptores ao mesmo tempo, partindo de um único emissor.

Nesse contexto de mídia trazemos a questão dos conteúdos como direito do cidadão a informações de qualidade. Nesse sentido foi necessário refletir as grandes questões da comunicação de qualidade, onde conhecimento é a organização de informações, que desarticulada torna-se mutilada. Em tempos de multimídias cabe às instituições educacionais pensar o ser humano como ser complexo, devendo primeiramente ensiná-los a serem críticos, tornando-os capazes de escolher conteúdos selecionados.

Os agentes da educação em todos os níveis, nela incluída a UFRPE, devem buscar na prática de comunicar o seu primordial papel, o de envolver o receptor pela mensagem. A concepção da educação, da comunicação e do diálogo é um exercício pleno no ato de amar, que segundo Freire (2013) encontra-se interligado com o amor que constrói, sem os quais o diálogo seria uma farsa.

### **3.2. Entrecruzando os fios da atualidade da comunicação**

*“O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação.” Paulo Freire (2013, p. 103)*

Todo processo de comunicação que vise a construção do conhecimento apresenta como condição ímpar a conquista de espaços, necessários para que se possam ampliar horizontes e dar início a um importante processo de inter-relação.

Isto sugere que não se trata apenas do ato de informar. A comunicação é um processo de partilha, multidirecional, que possibilita a existência das relações interpessoais e dos seus desdobramentos. Assim sendo o processo comunicativo consiste na passagem da esfera individual à esfera coletiva e encontra-se no cerne das satisfações básicas, ou seja, necessidades de afeto, autoestima e realização, sendo essencial ao desenvolvimento do ser humano, estando presente em todas as construções de códigos gerados no seio dos grupos sociais.

Bordenave (1998) esclarece que o processo da comunicação é uma das formas que os homens utilizam para se relacionarem, e a informação é apenas um aspecto, que define-se como um conjunto de elementos que se relacionam e se influenciam. Nesta pesquisa tratamos de dois aspectos do processo comunicacional: o do ser humano e da organização social. Deste modo, a comunicação sofre variações, constituindo-se nos comportamentos vividos comunicados e adaptados entre si, de modo que cada grupo se identifique com os seus grupos de pertencimento.

Nesse sentido a comunicação se faz entre pessoas, que para tornar potente o processo de produzir, enviar e receber mensagens, passou a lidar com as novas tecnologias como uma aliada. Nos fios desta atualidade como transformação ocorrida na vida das pessoas, a história oral foi utilizada nesta pesquisa para aproximar o passado e o presente em perspectivas, acrescentando uma terceira dimensão: o futuro. Trançar essa história é trazer à luz das considerações o passado do Programa Momento Rural, criando uma perspectiva de retomada para o futuro, com definições que viabilizem um papel social importante para o homem rural. Nesta ideia fundamentada na proposta de que o campo não é tão estático como se julga, buscamos uma colaboração na declaração,

*“O termo consciência de que hoje onde há mais vida no sentido de movimento social, onde há mais inquietação é no campo.” Arroyo, (1999, p. 14).*

Nesse tecer procuramos assimilar as construções da realidade entre os olhares das unidades qualitativas Glauce Diniz e Cléo Niceas, que contribuíram com o passado rememorado e com as experiências adquiridas pela ação da comunicação, acrescentando o presente através da jornalista Renata Leão, que empresta sua experiência em tempos de multimídia, percebendo que todo mundo tem algo a dizer. Através das construções sociais da realidade desses sujeitos, buscamos as novas e dinâmicas linguagens marcadas pela cultura digital, em contexto com a educação e construção de conhecimento.

Resgatar a história a partir da memória e da identidade social, implica em um dos principais compromissos como pesquisadora, uma vez que a entrevista é uma relação social entre pessoas, com memória viva, intensa e com percepções próprias. Seguindo essas orientações e concluindo a etapa da aprovação do *corpus* das entrevistas pelas *unidades qualitativas*, iniciamos um diálogo com os teóricos e os sujeitos da pesquisa, identificando a pluralidade de percepções expressas pela oralidade.

A jornalista Renata Sá Carneiro Leão e Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, se identifica como *õtextualõ*, por sua facilidade em elaborar textos, sua entrevista foi extremamente pontual e prática, e iniciamos com um paralelo entre sua formação acadêmica e a atividade que desempenha frente a CCS:

Então, eu me sinto realmente muito à vontade na função que desempenho, por conta da formação. Desde que eu era adolescente, assim..., na verdade, 12 anos, eu já sabia que queria fazer (...) Porque sempre gostei muito de ler, ñé?ø e de escrever, de fazer redação na escola... Então... eu achava maravilhoso trabalhar com texto. (...) então, foi por isso que eu me identifiquei com Jornalismo. Pela parte escrita.

A escrita se apresenta de extrema importância no processo de comunicação para as instituições em geral, uma vez que toda decisão organizacional é transformada em documentos que as tornam oficiais, constituindo-se assim uma técnica que necessita de formalidade, domínio gramatical, reflexão e conhecimento do público alvo. Thompson (1988) contribui esclarecendo que *õa linguagem escrita é elaborada, precisa e objetiva, enquanto que a fala é gramaticalmente primitiva e cheia de redundância. Esse contraste não está presente apenas nesses dois tipos de modalidade, mas se impõem também nas diferenças dos indivíduos destacados pela educação, classe social e regionalidade.* (THOMPSON, 1988, P. 310). Portelli (2000) acrescenta com a declaração de que a escrita e a oralidade se complementam mutuamente, cada uma apresentando características e funções próprias, exigindo instrumentos de interpretação próprios. Respeitando, portanto, suas diferenças inerentes, fontes escritas são baseadas na oralidade, assim como a oralidade está impregnada da escrita.

Qualquer organização precisa selecionar suas prioridades e planejar o que se deseja transmitir e através da comunicação convencer em seu contexto. Nesse contexto Renata Leão traz em sua bagagem profissional, com o viés da extensão, o perfil didático para a organização, onde a boa comunicação visa a transmissão da mensagem a um receptor, seja ele interno ou externo aos seus membros. A transmissão adequada de uma mensagem é um dos fatores essenciais para o sucesso de um indivíduo, uma organização ou uma nação, quando o receptor compreende o significado pretendido pelo emissor.

Renata Leão pontua o mercado restrito de atuação no jornalismo, como uma das preocupações dos profissionais da área, oriundas das mudanças ocorridas nos meios de comunicação, onde as publicações físicas estão cedendo lugar para as virtuais, *õpor causa daquele terror de que o mercado de trabalho é restrito. De fato é, ñé?øE hoje em dia, que a*

*gente vê os jornais físicos, ñé?ø... se acabando, as redações demitindo...ö Acrescenta que o ambiente de redação não combina com a criatividade exigida para composição de um texto, mas se diz gratificada com a diversidade de tarefas e esclarece:*

(...) Então, a gente tem essa, essa questão de correr sempre contra o tempo, e ter que produzir muito rápido, e muitas demandas. (...) É você fazer uma tarefa que é de criatividade, de criação... (...) Eu tenho a chance, mesmo num ambiente corporativo, institucional que é mais fechado, você tem um, uma brechinha ou outra, ñpraø fazer uma coisa diferente, ñpraø criar um veículo novo, quando pode, ñné?ø quando deixam, quando o tempo deixa, quando a gestão concorda. Mas por outro lado é um pouco instigante ñpraø quem gosta de uma ação. (Risos)

Nesta fala apreendemos a diminuição dos espaços de atuação de profissionais jornalistas, nos moldes da comunicação escrita em jornais físicos. Percebemos, também, que nesta construção social da realidade a percepção de criatividade na comunicação encontra apoio em Bordenave (1998), que sugere que cabe aos intelectuais *õarticular as demandas já evidentes do povo para que os meios de comunicação e sua tecnologia respondam melhor aos anseios de auto expressão, relacionamento, participação e prazer estéticoö. (BORDENAVE, 1998, P. 82).*

As dificuldades apontadas na área da comunicação na percepção de Renata Leão, aborda a falta de valorização, onde as instituições insistem em não perceber, nesses espaços, a necessidade de pessoal qualificado e de infraestrutura, declarando:

As dificuldades, realmente, a falta de valorização. ñNão é?ø (...) A comunicação dentro das corporações e das instituições, principalmente as instituições mais antigas, não é tida como prioritária, embora, no mundo hoje, nessa era que a gente vive, é a essência. (...) Mas é tido, realmente, como uma atividade secundária, quando não é. (...) ñNão tem investimentos na área. Às vezes falta equipamentos, ñnão é?ø Principalmente pessoal.

Trazemos a percepção de Glauce Diniz, que coincide com essa visão sobre as dificuldades encontradas na área de comunicação, num espaço de tempo delimitado em vinte anos, relacionando as dificuldades técnicas em exercer as atividades, que pensativa responde:

Senti dificuldades por informações...(...) hoje... eu percebo que a gente lutou com ... com as unhas. Entendeu? A expressão é essa! (...) Isso é muito ruim... financeira... dificuldade de material... aos poucos a gente foi descobrindo que através da Receita Federal a gente conseguia. Isso tudo foi em descoberta mesmo, ninguém parou ñpraø sentar e ensinar a gente não... Mas... realmente eu sempre acreditei (...)

Percebemos nestas fontes orais a história contada não apenas de um povo ou um indivíduo, mas de uma classe específica de profissionais, que apresentam suas expectativas e demandas. Nestas falas os entrevistados demonstram seus anseios em relação a suas necessidades diante de um setor que poderia ter um valor destacado dentro da Instituição, percebendo que se trata de um canal de comunicação de extrema importância, tanto para o público interno como externo.

Nesse olhar, a percepção de Cléo Nicéas sobre as dificuldades se apresenta em termos mais profundos e declara a preocupação com os conteúdos das mensagens difundidas através das mídias, particularmente o rádio, onde domina o avanço tecnológico:

(...) nós que estamos nesse mundo, eu acho que nós, no ponto de vista tecnológico, a gente está na ponta (...) tem os melhores equipamentos, os melhores microfones, a melhor tecnologia, todas vão migrar pro digital, nós temos uma ligação agora, ñéhø nós não temos é õconteúdoö... (...)

Na questão da competência dos conteúdos das mensagens veiculadas pelos canais de comunicação de massa, são inúmeros os críticos da televisão, que denunciam a decadência cultural que ela representa e acarreta. Aos poucos se colocam propostas de uma elevação cultural desse meio. Diante do exposto fica claro que os meios de comunicação de massa podem ser usados tanto para fornecer informações úteis e importantes para a sociedade, como para alienar, determinando um modo de pensar e induzindo comportamentos.

Neste sentido Bordenave (1998) sugere uma leitura crítica dos meios de comunicação, propondo potencializar seus efeitos, uma vez que seu acesso pode se apresentar de forma positiva, estendendo horizontes e enriquecendo a percepção de mundo, mas pode também ser apreendido de maneira tendenciosa. Segundo esse autor o mercado capitalista prioriza as veiculações que dão IBOPE, em detrimento de conteúdos educativos, muito embora se perceba que os conteúdos da televisão que se propõe não educativa predominam como tal, por seu alto poder de penetração, e, assim, influenciam a construção social da realidade em questões de hábito, consumo e atitude. Por outro lado o homem comum pode obter nesses novos sistemas de tecnologias o acesso ilimitado a informações e direcionar seu interesse aos conteúdos de qualidade vai depender das mudanças nas estruturas individuais e sociais.

Solicitamos a Renata Leão que pautasse o que chama mais sua atenção na área de comunicação, sendo assinalada a prestação de serviço como ponto principal,

Na área de comunicação... Tem muita coisa... A prestação de serviços pra mim é o foco da comunicação hoje, na sociedade da maneira que a gente vive. (...) sem querer ligo o rádio, né?... (...) e ouço uma notícia dizendo que abriu um posto do SEBRAE não sei aonde, e que vão fazer um curso gratuito de pequeno empreendimento. Então, já foi uma perspectiva. (...). Então, o principal da comunicação pra mim é a prestação de serviços. É o forte.

A educação deve se fazer crítica e libertadora, através dos canais de comunicação disponíveis, buscando conteúdo produtivo com características sólidas sem ser hermética e, a partir daí proporcionar oportunidade de ser utilizada na construção do conhecimento concreto, permeando a vida cotidiana da sociedade. Glauce Diniz oferece sua percepção sobre o que mais chama sua atenção na comunicação como sendo o ato de divulgar:

É a divulgação mesmo...da...da...a divulgação de coisas muito importantes que não ... que não ... ninguém toma conhecimento né? ... Pesquisas que são feitas ao longo de Pernambuco que ... a população não tem conhecimento nenhum que a Universidade está ali presente. As vezes tem uma única pessoa, mas existe alguém trabalhando lá, naquele setor, produzindo ...

A legitimação do papel de educador se firma na percepção que transformação social se faz pelo conhecimento, utilizando a linguagem como processo legítimo de comunicação, onde todos os universos são socialmente construídos e forjados sobre a ação concreta dos seres humanos.

Apreende-se o conhecimento como processo inacabado e, portanto, passível de modificações que visam a mobilidade social de toda sociedade, onde o conhecimento não é para ser guardado e sim institucionalizado para novas gerações. (BERGER E LUCKMANN, 2008, p. 56-57). Concordando com essa visão, Cléo Niceas também apresenta o conhecimento entrelaçado com o social:

(...) o que me chama atenção na profissão é o fundamento principal dela: é o texto, é a fala, é a forma! (...) a gente prioriza muito as tecnologias... o efeito especial, uma maquiagem (...) mas a essência está nessas coisas do conhecimento, do texto, da emoção né?... sem emoção pra

mim (...) o resultado não é o mesmo, "entendeu?" (...) ninguém entendia a comunicação como técnica "né?" e hoje todo mundo entende... (...) é necessário "pra" qualquer tipo de atividade, (...) a essência da minha profissão, é a sua... o seu conteúdo... a sua responsabilidade social, enquanto indivíduo, eu acho que o que me fascina na minha profissão é... é você poder usar o teu conhecimento... "é" ... "pra" você fazer o outro evoluir "né?"

Verifica-se ainda nesses olhares em relação as instituições formais *o que faz falta é uma filosofia participativa e dialógica naquelas pessoas que ocupam posições de poder e autoridade, tanto no Estado como nos grandes meios de comunicação*. (BORDENAVE, 1998, p. 97-98).

Renata Leão também percebe o viés social que deveria emanar da UFRPE, quando declara os conflitos enfrentados à frente da CCS e nos apresenta um quadro do cotidiano em lidar com pessoas, declarando que nessas mediações entre o público interno e a imprensa em geral, enfrenta obstáculos, ressaltando que a função do pesquisador é oferecer um retorno para a sociedade, que em última análise, aprovisiona os recursos da pesquisa pública. Justifica que a função do pesquisador enquanto sujeito que tem como objetivo principal descobrir soluções para demandas, através de ações de execuções, metodologias, cronogramas e prazos, envolvendo o caráter burocrático que essas atividades acarretam, torna-se menos criativo e humanista, interferindo e dificultando a socialização de suas descobertas:

(...) por exemplo, o repórter diz "Preciso de um pesquisador que fale sobre pragas. E o pesquisador diz "eu não falo com jornalista (...) não quero falar "pra" imprensa (...) ou "não é o momento certo de divulgar minha pesquisa" (...) E você sabe que o pesquisador tem uma função que..., ele ganha uma bolsa "pra" produzir, e essa produção tem que fazer algum efeito "pra" sociedade. E a grande imprensa é uma maneira de você tornar visível esse trabalho do pesquisador, não é? Mas às vezes, nem sempre tem a compreensão, então às vezes tem esse tipo de conflito. (...)

Essa fala potencializa a necessidade que, diante de novas conformações sociais, as Instituições de Ensino repensem suas práticas comunicacionais, como cabeça pensante do país onde se destaca, entre outros objetivos, a responsabilidade de formação de novas gerações, assumindo o compromisso do papel do intelectual da comunicação, que "falam por" e "dão voz a", determinando que tipo de patrimônio e sociedade vai construir.

É primordial na comunicação institucional o cuidado e a preocupação que os emissores devem ter na transmissão dos dados oriundos da academia nas informações geradas de suas pesquisas. Propondo obter sucesso na forma de comunicar suas pesquisas para um público leigo, levar em consideração não apenas a mensagem transmitida, mas, principalmente a compreensão por parte deste público, de forma objetiva e clara no ato de comunicar.

### **3.3. Tecendo com a tecnologia dos meios**

*...os meios de comunicação agem como espelho onde a sociedade se enxerga sob uma nova luz...ö* Juan Díaz Bordenave. (1998, p. 95)

Com o avanço da tecnologia dos canais de comunicação de massa incidiram duas grandes mudanças: a primeira foi transformar a liberdade de expressão em direito positivo como bem social e a segunda do direito de ter informação de fatos relevantes.

Com o século XX surge a era das comunicações de massa na perspectiva das tecnologias. No Brasil a inovação tecnológica ganhou força a partir de 1998, com a privatização da Telebrás, em setores como telefonia fixa, móvel e longa distância. E isso permitiu os avanços tecnológicos voltados à digitalização via cabo e satélite. Destacando-se os progressos ocorridos nos meios de comunicação de massa nos últimos vinte anos, distinguindo como recorte o rádio e a televisão, classificados respectivamente, como mesomeios, quando possuem cobertura local e regional e macromeios quando de ampla cobertura nacional de um país, esses podem ser percebidos como um fio invisível unindo o cidadão comum à construção de sua realidade.

Observa-se que os fatos e acontecimentos presentes na realidade, são escolhidos pelos meios de comunicação que os selecionam, decodificam, reestruturam, recodificam e os difundem através de mensagens. Bordenave (1998) reflete sobre os papéis que os meios de comunicação de massa representam, em especial, os macromeios que podem ser postos ao dispor da participação democrática e social.

Nessa perspectiva insere-se a necessidade de perceber a importância dos meios de comunicação de massa e seus conteúdos, tornando-se impossível pensar numa sociedade sem a informação que molda a vida cotidiana individual e social e seus comportamentos.

As transformações tecnológicas que surgem de forma quase que instantâneas, além de produzir a configuração de globalização, contribuem para modificar os padrões de produção de conhecimento. As instituições de ensino podem, através do papel de construtores do saber, ultrapassar os limites espaciais e utilizar os múltiplos meios de comunicar, apresentando novas configurações de realidades virtuais.

Atualmente quando pensamos em comunicação nos vêm automaticamente computadores, internet e celulares multimídias, no entanto, a arte da comunicação já estava presente e acessível para o homem das cavernas através de sinais e gestos. No entanto, apesar de toda tecnologia, persiste a necessidade de um canal de comunicação direcionado para o homem rural, expondo a necessidade de letramento digital, uma vez que mais que descartar a passividade do receptor, despertando inquietude em um sistema comunicacional, o educador deve colocá-lo como sujeito ativo, capaz de provocar mudanças no próprio emissor pelo prazer de aprender. O emissor educador deve se posicionar no mesmo nível horizontal dos receptores, numa via de mão dupla, num processo de realimentação, onde o emissor tem muito a aprender com o receptor pontuando *o respeito e valorização do conhecimento prático e das experiências vividas*. (BICALHO, 2009, p.3)

Percebe-se que a UFRPE encontra-se presente nas mídias sociais como Face book e WhatsApp utilizados por toda sociedade acadêmica numa comunicação horizontal, transmitindo atualizações das ações ocorridas em tempo real, bem como nos sites institucionais, onde são divulgados cursos, palestras e editais, apreendido como canais de comunicação tecnológicos. Os usos das tecnologias nos meios de comunicação, mais precisamente no rádio e na televisão, incluindo-se atualmente a internet, com seu poder de penetração e potencialização, são diversos, entre eles estão *o multiplicação do número de pessoas que podem ser atingidas pelas mensagens; aumento da velocidade de difusão da mensagem, proporcionando oportunidade de realimentação e diálogo*. (BORDENAVE, 1998, p. 62). Sobre essa questão Renata Leão nos esclarece-se a presença da UFRPE nas mídias sociais como o *Face book, e Instagram*:

Face book, Twiter, Instagram e o ... e o site institucional, não é? (...) Mas já existia. Mas era uma coisa que quando dava tempo fazia, não é? É! Não dá pra fugir. Hoje, a nossa página

oficial, né? Da UFRPE, né? ela tem quase 27 mil seguidores. (...) Então é mais do que a comunidade da gente. (...) Ignorar um espaço desse que todo mundo tá... e fingir de conta que não aconteceu com a gente, deixar só no site institucional? A gente precisa dialogar. E esses e esses meios de comunicação surgiram pra isso, pra maior interatividade (...) Agora, com as redes, o fluxo é contínuo. Você é emissor e receptor. Você vai lá e lança uma coisa, provoca. (...) Então, essa ferramenta... não deu pra gente ignorar e a gente realmente se concentrou, mesmo com pouca gente, em estabelecer esse vínculo mais direto de... de comunicação com as pessoas...

Renata Leão apreende a comunicação virtual como um espaço importante dentro da Instituição, conectada com a atualidade dos canais de comunicação, apropriando-se desses novos canais como nova modalidade no processo de comunicar, que se constituem como parceiros, numa realimentação constante integrando os contextos educacionais e comunicacionais, que fazem parte da nova sociedade e atuam sobre a rotina de todos. No âmbito acadêmico não poderia ser diferente, uma vez que pensar em educação e comunicação significa reconhecer a influência dos meios de comunicação atuais, que alimenta o fluxo de informação nesse processo de socialização de informações. As instituições escolares, em qualquer nível devem abraçar a multiplicidade dos meios, ampliando a construção social da realidade, tornando-se mais interessante para os discentes, modificando sua maneira de interagir com os meios de comunicação, aderindo as novas tecnologias.

Ampliamos aqui o contexto para reconhecer a existência de um intenso debate sobre o papel dessa cultura digital no processo educacional principalmente entre crianças e jovens. Os que se colocam a favor do uso desses canais de comunicação midiáticos defendem que é necessário apropriar-se das novas tecnologias e linguagens virtuais e fazer uso dessa nova ferramenta, numa expectativa de inclusão, que não se coloca mais como uma possibilidade, mas como opção já delineada de construção de conhecimento, reconhecendo que as mídias apresentam um potencial educativo. Os que se opõem a essas novas tecnologias dentro da educação vão de encontro ao processo de globalização e as novas formas de relações sociais, e podem incorrer no erro de comprometimento de projetos educativos que objetivam a construção e o exercício da cidadania em última análise, como construção de um espaço de apropriação e reapropriação do conhecimento que os sujeitos, enquanto professor e aluno, constroem recíproca e ativamente. As novas formas de interação social, contextualizada com a educação podem dinamizar o cotidiano em sala de aula, inter-relacionando os processos de ensino-aprendizagem.<sup>16</sup>

No entanto apesar da era tecnológica e da sociedade rural encontrar-se em condições estruturais de acesso as mídias eletrônicas, há ainda a necessidade de um letramento digital para que possam desfrutar desses espaços de descobertas e de construção do conhecimento através das informações disponíveis. O homem rural encontra dificuldades de lidar com as novas mídias, isentando-se de uma análise crítica de conteúdo, não reconhecendo que podem ser ferramentas eficazes para a construção do conhecimento.

Discordando de Renata Leão na questão da modernidade trazemos a construção da realidade de Glauce Diniz quando afirma que *“hoje a Rural tá muito nas mídias, né? Você ela não no Face, nas redes sociais ela não na internet, ela não em todo canto. Sim, mais quem não tá? Até traficante tá.. mas assim... um canal de comunicação de massa ... eu não percebo, você percebe? Entendeu? Que é com ação social, com contexto! ö.*

---

<sup>16</sup> Intercon. (Recife, junho/1993)

Essa percepção solicita que se lide com as novas tecnologias no processo de comunicação e educação através de uma análise crítica do uso desses meios e nas dinâmicas inseridas nessas transformações através dos conteúdos, percebendo-as como parte dos processos sociais que impulsiona o homem enquanto ser social. É necessário reconhecer a educação como um processo transformador, com produção infindável de conhecimento, onde as Instituições de Ensino se colocam como mediadores, contextualizando as realidades numa retroalimentação, apreendendo as mídias e seu uso em consonância com a comunicação em contexto social.

Nesse processo os agentes da comunicação de qualquer Instituição educacional podem e devem ampliar horizontes para além dos muros escolares, reconhecendo que a sociedade encontra-se envolvida em sua vida cotidiana com a comunicação midiaticizada, necessitando de um direcionamento para os conteúdos de qualidade.

Não podemos esquecer Freire (2013) quando declara que as áreas rurais estão sendo atingidas pelas influências urbanas através do rádio, da televisão, da internet, porém conservam núcleos básicos em sua forma de estar sendo. Glauce Diniz questiona a modernidade como solução para todas as demandas da comunicação, percebendo lacunas entre a UFRPE e os sujeitos em contexto rural diante de uma programação específica para o público rural e, lamentando, declara:

Não... tem os programas... nacionais, né?... nacionais. Não específico das universidades né?... (...) e hoje em dia a gente não sabe... Pelo menos eu não tenho conhecimento de nenhum tipo de programa, nem divulgação, nem de panfleto, nem jornal. Existe jornal? Agora eu que pergunto a você? (...) Eu acho que ficou essa lacuna, porque pra mim a Comunicação Social, ela é visual... ela é escrita, e essa relação, essas ... elas são de massa. (...) O último foi o Momento Rural... nenhum outro programa substituiu(...)

Renata Leão nos traz a contemporaneidade ao responder com entusiasmo sobre os canais de comunicação de cunho educacional: *Ah... milhões de possibilidades!* E descreve diversos formatos de programação direcionado a transmissão de conteúdos disciplinares específicos como Telecurso de 2º Grau, Tecendo o Saber, Telecurso 2000, direcionados para educação formal e para uma geração específica, com interesse voltado para os vestibulares e a Educação a Distância, voltada tanto para formação de nível superior como técnica.

Bordenave (1998) também ressalta a multimídia e o multicontextualismo como duas noções-chave para a redefinição dos sistemas de comunicação de massa, onde os contextos de identidades locais e nacionais persistem apenas se uma comunicação se apresentar também em contextos múltiplos, tornando-se assim uma coprodução. Fazer uso dessas tecnologias apresenta-se como recurso possível na divulgação das pesquisas desenvolvidas na UFRPE, pelo seu caráter instantâneo e simultaneidade de alcance, através de equipamentos que estão disponíveis ao homem rural. É necessário que a UFRPE e a sociedade desenvolvam competências comunicacionais, através de modelos ecléticos de comunicação, onde instituição e público se sintam escutados, propondo sugestões de atuação, análise e reflexão, facilitando a tomada de consciência e promovendo a autoestima. Sobre a mesma questão, Cléo Niceas define o mundo virtual acrescentando:

Eu só conheço um site que é de um amigo meu chamado... saiu da Globo agora, criou um site ãNordeste Ruralõ, Duda Amaral, mas pra você ter uma ideia da demanda reprimida, ele está com esse site há dois meses, segundo ele me disse ontem no almoço, ele recebe 100 mil...

acessos por mês. Veja se não tem mercado pra isso? Nós é que somos preconceituosos, sabe? Acha que o rural não existe, porque tem seca, porque o homem não domina ... domina! ... o que falta a ele lá é a gente levar o conhecimento e eles aperfeiçoam.

Justificando essa visão de Cléo Niceas trazemos para esse tecer um fio condutor desta manta, a educação voltada para o homem rural. E para esse fim, apresentamos o discurso do estudioso Miguel Arroyo com sua visão de que pela educação é primordial entender que o social busca o direito, que se vincula com saúde, cooperação, justiça e cidadania no terreno dos grandes valores da vida e da formação humana. E sugere que uma educação participativa será aquela que *o seja inclusiva, democrática, igualitária, que trate com respeito e dignidade as crianças, jovens e adultos no campo, que não aumente a exclusão dos que já são excluídos*. (ARROYO, 1999, p. 29).

Visando a comunicação de massa voltada para um público rural, perguntamos a Renata Leão que tipo de ação de comunicação contextualizada com a Educação poderia atender as demandas. A entrevistada declara que:

Para chegar ao público das populações rurais... Não é fácil. Primeiro pela distância, né? Segundo porque nem todo veículo vai ser assimilado... vai ser bem aceito ali, por aquelas populações, não é? Então, assim, eu acredito que... antes disso deveria ser, poderia ser feito um estudo, realmente, pra saber qual seria o mais adequado. Mas, tendo em vista o que eles já têm hoje, não é? Seria rádio e TV. Não é? Embora alguns, claro, muitos, muitos já têm um contato com internet, mas assim, realmente, rádio e TV é o que a gente mais vê, que já sabe que são instrumentos que eles têm, que eles usam, já tá lá. Não teria que implantar. (...)

Nas questões dos meios de comunicação citados pelos entrevistados, tanto nas entrevistas temáticas como nas entrevistas com roteiro geral surgiram o rádio como referências constantes na comunicação direcionada para o homem rural, nos impelindo a tecer com essa tecnologia nas formas de comunicar. Glauce Diniz cita o rádio como um canal de comunicação de grande alcance nas áreas rurais, confirmando a tendência de opções de mídias citadas por Renata Leão, respondendo que:

Pro mundo rural? Não... veja só... o rádio, até hoje... ele é o maior... éh... o maior índice de comunicação de massa é o rádio. Tá? Então... a gente tinha um programa da Universidade Rural... sobre barragem, sobre seca, sobre uma série de coisas, e lá (no interior do Estado) ... isso saía no rádio a Voz do Sertão. (...) Hoje... que eu saiba... isso não existe mais! Não da Rural em si... Entendeu? (...) Mas isso aí ninguém vê mais. (...)

Aliado a esta questão encontra-se a arte de comunicar que Cléo Niceas traduz através de uma rádio local no município de Afogados da Ingazeira, *o nome dele é Bebo Mundo. Menina... é uma linguagem completamente diferente, mas espetacular o cara, toca aboio<sup>17</sup>... é um cara que toca aboio, entendeu? E a rádio do cara é uma rádio boa danada, fantástica... fantástica*.

Trazemos a contribuição de AFONSO (NE/NR) que pontua o alcance do rádio, citando a tecnologia que agrega ao telefone celular outras funções, contextualizando com a arte de comunicar *porque o indivíduo vai com telefone celular, tudo tem rádio, ele fica com ele no*

---

<sup>17</sup>**Aboio** é um canto típico do Nordeste brasileiro, que consiste em um canto sem palavras cantado pelos vaqueiros quando conduzem o gado pelas pastagens ou para o curral.

*bolso, o rádio ali bipado... cortando capim, ordenhando vaca, derrubando vaca, tudo bipado... e completa:*

(...) existe o programa do meu amigo Gláucio Costa, rádio, 5 horas da manhã, ele é forrozeiro que usa a linguagem do matuto rural, diz que eu vou comer um cusuz lá... (...) respondendo à pergunta de seu José Mariano do Sitio Mochila, atendendo a pergunta de papiloma... (...) ãestamos aqui com dr. (omitido) comendo um cusuz...vai sair um guisadinho daqui a pouco...enquanto isso ele vai responderö ... (risos) Rapaz... isso tem um poder de penetração espetacular...espetacular... (...) não tem coisa melhor para a Universidade um elemento... um veículo (...) Você chega em qualquer vacaria hoje, tem um rádio ligado, e eles dizem...escutei o senhor hoje doutor.... Escutei você, viu? (...) eles já conhecem... (...) não tem coisa melhor para a universidade um elemento, um veículo (...) AFONSO (NE/NR)

AFONSO (NE/NR) elenca exemplos de interesse do mercado capitalista aliado a grandes empresas de insumos ligadas ao meio rural (...) *Esse é bem interessante... e só praø se ter uma ideia, esse programa era num horário assim...morto. E a princípio era assim, o que você ganhar é lucro... hoje não tem como colocar mais anunciante...é Ferreira Costa, é Bom Gosto, a Rancho Alegre... que é uma grande empresa, você sabe... Ferreira Costa que tem máquinas agrícolas e tem interesse e Bom Gosto que é o laticínio... Pronto! É nesse nível que ele está. ö*

Isto vem sugerir que o rádio pode se apresentar como ferramenta alternativa da construção do conhecimento, buscando os meios tradicionais do povo, numa orientação a redescobrir a cultura, abrindo espaços e valorizando as práticas do cotidiano do homem rural num processo de integração dos sujeitos, criando uma relação de permuta de temas próprios, enriquecendo através de mensagens os múltiplos saberes. Nessa compreensão de manta com vários fios, buscamos Cléo Níceas que confirma a fala do entrevistado AFONSO (NE/NR), quando declara:

(...) ãquando eu falo de uma das rádios, pode dizer praø..praø moça lá... diga: olha, pense em incluir o rádio, que o rádio ãéhø.. eu ... ela com um material só eu mando praø 80 emissoras. (...) e tem audiência... e tem audiência... esse... é o canalö.

Nesta perspectiva do uso educacional do rádio, destacamos a participação interativa do público alvo rural nesta ação, como processo de realimentação, quando emissor e receptor constroem conjuntamente o conhecimento. Bordenave (1998) justifica que não há razão para não incluir os grandes meios de comunicação como rádio, TV e jornal, desde que estes modifiquem sua estrutura interna e sua metodologia de programação, na função social de levar conhecimento, dentro de uma estratégia comunicacional, abrindo espaço para a participação da população. Entende-se como participação popular as relações de troca de informações através de mensagens onde esses canais podem ser considerados agentes do diálogo com a sociedade, onde os meios apresentam uma ideologia própria, assumindo um papel de construtor da realidade. Concordando com essa visão de comunicação contextualizada o entrevistado AFONSO (NE/NR) pontua:

Você tem que ir na linguagem do cara... não adianta você falar a atividade de pesquisa da rural que alcança... que conversa... você tem que ir na linguagem... dicas dos seus problemas ai na zona rural... tu liga... (Risos) problemas do homem do campo... (Risos)... como diz Gláucio... ãpobremaö do homem do campo... (Risos) ãôøcom ãpobremaö... é assim a linguagem do cara... quando você vai falar... a minha preocupação não é ter uma linguagem técnica que ele entenda... é ter um padrão de linguagem técnica que ele entenda... a minha linguagem tem que chegar a

ele... eu não posso falar na concepção do esteio da.. do *Enterolobium* ... pô! o que é isso... (Risos) tem que falar ã *planta da orelha de negro, meu amigo, se comer vai dar uma gastroenterite, se comer demais vai matar... tenha cuidado*.. AFONSO (NE/NR)

A escolha dos meios de comunicação e a utilização das ferramentas adequadas devem ser observadas. Uma vez transmitida a informação, o receptor a processa e, segundo seus objetivos transforma-a em conhecimento. Cléo Nicéas exemplifica a importância de alcance do rádio, como uma alternativa de comunicação que não deforme as múltiplas identidades, a cultura local e os laços comunitários:

Por sinal tem uma professora lá, brilhante, de vez em quando eu escuto ela em... na rádio em Geraldo Freire ãné?ã acho ela espetacular, porque ela, ela não deixa de falar de Macaxeira que é fundamental ãpraõsaúde da gente, porque se a gente perder essa perspectiva local, nós vamos ser igual... Eu digo sempre o seguinte, nós não somos japoneses! Né? (...) (risos)

A UFRPE enquanto instituição pública de ensino, pode estimular a sociedade a refletir sobre as condições de vida e buscar novas formas de acesso da população aos seus conhecimentos, tendo como alvo a sociedade não informada. Como centro de pensar e repensar o saber, a Universidade pode e deve procurar canais de comunicação que associem sua imagem à promotora de um espaço de soluções aos problemas da sociedade.

### **3.4. Entrelaçando passado e futuro do Programa Momento Rural**

*õEncaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você "recorda" a história, mas memória "como" história.ö. Alessandro Portelli (2000, p. 66)*

Nessa perspectiva de passado e futuro a história de vida no papel cumulativo dos indivíduos se apresenta de fundamental importância, reconhecendo que as diversas formas de comunicar são apreendidas com base na construção social da realidade forjada pela experiência do meio social e educacional. Comunicar é o nosso instrumento de exploração do mundo e também é, ao mesmo tempo, um precioso instrumento com o qual o mundo nos explora. Através deste jogo formamos gradualmente nossas opiniões, conceitos e juízos que nortearão nossa vida direcionando o rumo e amplitude da mudança social mais ampla.

Buscando as relações entre passado e futuro, iniciamos o bloco específico sobre o Programa Momento Rural, perguntando se Renata Leão teria conhecido o vídeo e em que circunstância, e aferimos que *õsim, porém não na televisão, sendo apresentado por alguém na UFRPE, através de algumas fitas que foram resgatadas*ö. Questionamos se o Programa Momento Rural poderia ser incluído na categoria de ação social e Renata Leão respondeu que,

É... Pode. Pela prestação de serviço. Não é? Não é uma ação..., não é uma ação de responsabilidade social, por exemplo, ãné? õÉ!...pode ser considerada uma ação social pela prestação de serviço que a Universidade presta à..., à sociedade. Não é? Então, é uma ação social. (...) Então, é uma prestação de serviço. Uma ação social por conta disso.

O processo comunicativo assenta nas características e necessidades individuais de cada ser humano, bem como está relacionado com a sua experiência pessoal. E isto nos permite apreender a conexão que Glauce Diniz revisitando o Programa Momento Rural sob a perspectiva das mudanças sociais quando questionada se o mesmo poderia ser incluído na categoria de ação social:

Com certeza! Sem dúvida nenhuma! É uma ação social sim, porque... *“é... se você, por exemplo, pega um adolescente e começa a divulgar os cursos... eles... Não é só o menino querer chegar aos 18 anos e entrar no Exército e acabou. Não! Eles começam a ter um interesse maior em ser engenheiro, em ser um agrônomo, em ser um veterinário... Então... eu acho que eles começam a vislumbrar uma vida melhor. Um futuro melhor, pra sociedade. Então... É uma ação social! A mudança de vida é uma ação social.*

Ter consciência dessa imagem social da UFRPE faz parte da ação corajosa de quem buscou uma comunicação plena, mais efetiva, mais completa. Somos percebidos pela maneira de comunicar no que diz respeito às formações sociais, profissionais e culturais, libertando e proporcionando liberdade no ato de expressão, transformando pensamentos pela arte de se expressar.

Envolvendo a competência textual do Programa Momento Rural solicitamos que Renata Leão nos descreve-se suas impressões, e apreendemos:

*Acho que... que, pelos que eu pude assistir, era um... foi um, uma, um discurso, não é?, voltado exatamente pra... pra... pra sociedade, pra população, principalmente do campo, mas também poderia ser mais simplificado. (...) de agricultores etc. e tal, poderia ser um pouco melhor traduzido, não é? (...) Mas... mas é um texto interessante pela... pelo tamanho, é um texto pequeno, agradável, rápido, não é? Só que se hoje, a gente fosse fazer hoje em dia, ia tentar deixar essa linguagem mais... (...) Adaptada. Mais acessível pro todo mundo, não é? pra não haver esse ruído, né?*

Como em todo processo de comunicação, os ruídos existentes devem ser minimizados para que o emissor possa transmitir a informação de forma clara e o receptor poder se portar da maneira mais aberta para receber a informação em questão. O objetivo maior do Programa Momento Rural era comunicar a pesquisa científica para o público leigo e Cléo Nicéas concorda que o texto poderia ser melhor adaptado, esclarecendo as diferenças entre o escrito e o falado, *“repare mesmo... algo que possa tornar o produto mais agradável, pra você não usar o zap e mudar... numa linguagem aonde o cabra que tá em casa entenda, ele pode não... não compreender totalmente, mas ele entenda e seja provocado a buscar esse tipo de informação detalhada. Pronto!ö*

Thompson (1988) como já citado anteriormente, pondera que a linguagem escrita apresenta uma gramática elaborada, precisa, concisa, diferentemente da fala que é em geral primitiva, empática e subjetiva, apresentando fortes contrastes, principalmente quando se leva em conta as diferenças entre indivíduos, tom e sotaque carregados de regionalidade, perpassando pelo nível educacional, classe social e gêneros masculino e feminino. Cléo Nicéas segue descortinando, numa clara definição, a experiência da UFRPE com o didático e o textual, acrescentando que:

*A experiência maior é de gráfica, era de coisa impressa... não tem erro, o português tá correto, né? não sei se a ... a narração poderia ser um pouco diferente (...) um pouco de sonoplastia, um pouco de música pra abrir, pra fechar, pra ilustrar melhor o produto, entendeu?*

Assim a narrativa deve ser adequada aos meios de comunicação onde se deseja difundir as mensagens, conhecendo seu público alvo, as intenções da mensagem e os efeitos da comunicação. Quando a comunicação através de mensagens apresenta qualidades de conteúdos as ideias e pensamentos materializados conseguem ser transmitidas com inteligência, elegância,

empatia, segurança e sensibilidade. E isso pode assegurar mais excelência nas relações comunicacionais, gerando maior aceitação do receptor. Um dos objetivos do Programa Momento Rural era comunicar, e bem, através de diálogos entre os atores envolvidos nessa ação de maneira sóbria, eficaz, buscando a compreensão nessa travessia entre Comunicação e Educação, entrelaçados com a mudança social, visando também ser vistos, ouvidos e lembrados.

Perguntamos a Renata Leão quais os pontos positivos do *Programa Momento Rural*?

Ah... eu acho que todos os pontos positivos, não é? A rapidez do programa que dá o recado. Um... um tema de cada vez, a diversidade de temas, né? Que uma... que uma universidade tem, e que nem sempre a gente pode mostrar, né? (...) e você via a Universidade como uma parceira, na prestação de serviços, e ao mesmo tempo como lugar de sabedoria, de ciência, né? Então, do ponto de vista do marketing institucional, só tem pontos positivos, não é?

Facilitar a arte do diálogo, que não é um simples despejar de palavras, é ir ao encontro, gerando um clima de confiança e bem estar, utilizando a empatia na busca do processo de sinergia, e através desta busca simultânea, conseguirmos construir verdadeiras relações, com mais propriedade, causando impacto nos vários grupos sociais deve ser a missão de uma instituição de ensino. Glauce Diniz confere a forma como o Programa Momento Rural se apresentava em sua percepção apontando seus pontos positivos:

(...) que é ... ação social com contexto, curto... isso é importante. Tem que ser curto mesmo. Não precisava ser uma coisa grande. Tem que ser curto mesmo porque a pessoa liga e òtufö... É uma coisa muito rápida, não dá tempo nem de trocar de canal porque então você absorve a informação. A pessoa assiste um programa e passa a manhã todinha e cansa... é cansativo... mas o nosso era um segundo no campo, né?

Nessa linha de pensamento Cléo Nicéas também elenca os pontos positivos do Programa Momento Rural, esclarecendo que até o presente, há ações cotidianas advindas dessa comunicação, elencando um feedback pessoal, afirmando *õeu tenho o testemunho de meu cunhado que ganhou dinheiro cinco anos, seis anos com a abelha lá* né?, conferindo autenticidade em relação as transformações socioculturais geradas por essa ação, proporcionando mudanças no receptor das mensagens e percebe a necessidade do resgate de um canal de comunicação voltada para o homem rural:

O positivo pra mim foi...foi só, quer dizer... o fato de você criar uma comunicação nova no ar foi positiva, e segundo, eu acho que ajudou manter a pesquisa sobre isso né? a conceituar a Universidade, entendeu não? (...) o ideal é se você retoma esse processo, e hoje tem, você tem instrumento pra fazer isso com muita facilidade (...) Eu acho, eu chego até a sonhar (...)ou seja, trabalhar no ... trabalhar na atividade rural é uma coisa boa, é uma coisa que me engrandece, existe Doutor!

Glauce Diniz tece suas considerações confirmando a fala de Cléo Niceas no que tange as tecnologias atuais, facilitando a retomada desse canal de comunicação *õpor exemplo, a internet hoje vai ajudar muito a fazer o próprio programa. A gente não tinha como canalizar...õ*

A comunicação oriunda de instituições educacionais podem e devem se colocar a serviço do povo e construir uma relação de comunhão entre os homens, visando seu desenvolvimento social, mudando suas estruturas de reconhecimento, num intercâmbio de experiências. Nessa nova configuração de comunicação voltada para o social, as instituições de ensino devem perceber suas responsabilidades no papel de difundir o conhecimento produzido

através de suas pesquisas, tecendo com as várias formas de comunicação, para estar em constante relação com outros homens, pronunciando o mundo. É fundamental organizar o conhecimento produzido através das pesquisas desenvolvidas e divulgadas para revistas científicas, decodificando-as em linguagem simples, dirigindo a disseminação ao público leigo.

Neste viés, Renata Leão tece com os pontos negativos do Programa Momento Rural respondendo que:

õNão. Eu não... não diria que teve um ponto negativo, não... não é?, a não ser ajustável, que seria essa questão da linguagem científica... mais... um pouquinho mais leve, mas... eu não vejo como um ponto negativo, não!ö

Cléo Nicéas não percebe os pontos negativos do Programa Momento Rural, no entanto, lamenta a descontinuidade dessa ação acrescentando õ*Nenhum... nenhum, o principal ponto negativo é não ter a continuidade. Isso é ... isso é de uma tristeza... (...) Negativo eu só vejo a não continuidade. A equipe... era tão sonhadora, não é?*ö

Glauce Diniz é mais enfática ao destacar a responsabilidade da UFRPE com a descontinuidade do Programa Momento Rural declarando:

Hoje... há pouco tempo eu soube que é uma reitora. (...) Por quê? Porque eu ãvivendo noutra... noutra área, ãné? ø Mas se tivesse passando o Programa, eu não saberia não? Saber! Com certeza! (...) Então... quer dizer... quem tinha interesse maior era a própria Universidade. Então...

Sobre a questão õ*Que outro nome daria ao Programa Momento Rural?* Renata Leão pondera õ*eu acho um nome apropriado porque o rural tanto serve praø RURAL praø Universidade Rural, como pro ambiente RURAL ãné? ø Momento Rural mesmo. Não mudaria não!*

Perguntamos o que Renata Leão gostaria de acrescentar ao tema e respondeu em relação ao estudo que está sendo levantado nesta ocasião, demonstrando interesse nos canais de comunicação disponíveis para a divulgação da Instituição,

Éhø.. de maneira geral, ãéhø.. eu acho que... que é por aí mesmo, ãné? ø que deve aprofundar essa questão da comunicação com educação, ãné? (...) Por que perder a oportunidade de você usar, ãné? ø De se utilizar de um espaço importante, relevante como a televisão (...) Então, eu jamais abriria mão, se fosse na minha época. Não é? É uma forma de você produzir, de dar visibilidade às ações da instituição e num espaço maior. Porque por mais que os nossos veículos fossem, naquela época... devia ter um jornalzinho, não é? O Quinzena Rural, não era? Tinha um jornal ou outro, tinha uma coisa ou outra, mas nunca ia ser do alcance da TV (...) que é um veículo de comunicação de massa com grande audiência. (...) Através dos veículos de comunicação de massa e uma parceria entre instituição e empresa, ãné? ø

A parceria entre uma instituição educacional e os canais de comunicação se apresentam de extrema validade na construção do conhecimento, através da divulgação de conteúdos válidos, onde a educação seja um comum a todos.

É evidente que muitos fios foram necessários para a tecelagem dessa manta da comunicação, entrelaçados com a História Oral, numa construção da evidência científica. Torna-se necessário que, agora, os nós sejam amarrados com as considerações finais.

### 3 AMARRANDO OS NÓS NAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*õMesmo com fios que podem arrebentar à evocação de tempos passados e de momentos vividos, acreditamos que essas memórias... direciona nosso olhar utilizando uma nova lente através da qual começamos a enxergar a ação, o cotidiano, as regras não ditas, a vida. õ Conceição Martins (2013, p.2)*

Como uma manta de muitos fios no tear imaginário chegamos ao fim de sua urdidura e amarraremos os fios soltos tecendo algumas considerações. Nessa tecelagem a arte de comunicação e a riqueza da memória nos proporcionou a construção do conhecimento do homem em sua essência.

No amarrar dos fios foi possível concluir que atingimos nossos objetivos propostos nesta tecelagem da comunicação. Conhecemos a metodologia da construção e veiculação do Programa Momento Rural, suas intenções e contextualizações propostas na ação de comunicação direcionada ao público leigo. Apreendemos suas contribuições e lacunas através do feedback dos emissores e receptores (E/R) e emissores e não receptores (E/NR), numa riqueza de detalhes revividos através da memória entrelaçados com seus significados e correlações.

Compreendemos a comunicação no passado em perspectiva com a atualidade, em tempos de multimídias articulando pensamentos numa união de saberes, podendo construir conhecimentos para novas gerações. Foi possível perceber ao longo dessa tecelagem que divulgar e socializar os resultados de suas pesquisas visando uma mudança social junto ao homem rural constitui tarefa da comunicação social que, praticada, pode suprir e atender a demanda das sociedades em contextos rurais.

Entre os múltiplos fios foi possível perceber, também, que num intervalo de 20 anos persiste a insuficiência de ações voltadas à disseminação de resultados, fato que gera descompasso entre os princípios que norteiam a UFRPE enquanto instituição de educação pública, voltada aos problemas rurais e o que esse homem rural espera dos mesmos.

Quanto ao Programa Momento Rural apreendido como uma ação de comunicação de massa, aos moldes de sua metodologia de construção, direcionado ao homem urbano e rural à margem da sociedade acadêmica, se impôs, a luz da atualidade, a necessidade de uma melhor compreensão de suas mensagens, que, conscientes ou não, à época, envolvia uma teoria com objetivos e meios para torná-la acessível ao público leigo.

Nos fios dos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão e o rádio, torna-se necessário que a UFRPE se configure como agente reflexivo e transformador, idealizando condições de estruturas produtivas com o objetivo de pronunciar e reciclar as demandas dos seus públicos rurais. No Programa Momento Rural a comunicação na UFRPE passou a entender o receptor com potencial para reelaborar produtos culturais veiculados segundo o seu contexto doméstico-produtivo e os seus próprios valores, onde õum textoõ não é aceito passivamente pela plateia ou pelos leitores, mas como sujeitos que interpretam e fundamentam outros significados.

Nestas construções sociais da realidade podemos concluir que os processos comunicacionais devem servir ao propósito de colocar-se à disposição do diálogo e participação intercomunicativa. Apenas a imaginação é o limite para a utilização de recursos na

comunicação, que poderá ser utilizado de modo adequado as diversas realidades do homem, com espírito fortalecido sob as asas do social, elemento essencial da construção do conhecimento, que leva em consideração o contexto histórico da sociedade e da região, entendendo o moderno como produção de ações, invadindo a vida cotidiana do povo, um tornar-se social.

A comunicação é, pois, um processo contínuo e permanente. Um educador humanista utiliza o poder da comunicação para transformação, respeitando valores e convicções, buscando a libertação pela educação. (Freire, 2013).

Em relação aos avanços tecnológicos dos meios de comunicação Thompson (1998) traça o perfil dessas transformações que ele chama de organização social e poder simbólico. Procura mostrar que o desenvolvimento dos meios de comunicação, desde a mais remota forma de impressão até as recentes comunicações eletrônicas, surge como parte integral da sociedade moderna. Para esse autor essas transformações dos meios de comunicação se entrelaçam, de maneira complexa, com outros processos, de tal forma que, considerado em sua totalidade, constitui o que se chama òmodernidadeö em contextualização social. Neste sentido o universo simbólico das construções sociais da realidade abraça os indivíduos e a sociedade com a historicidade da vida cotidiana e toda a sua construção é realizada através das objetivações sociais onde o indivíduo se localiza envolvido.

Desenvolver pesquisas, forma, ao lado do Ensino e da Extensão, a tríade da Universidade e essência da produção do conhecimento. Em paralelo, a comunicação pode ser objeto da instituição no sentido de oferecer à sociedade cidadania e qualidade de vida, que vem no sentido da construção do desenvolvimento local, que é promover a mudança social a partir do potencial endógeno e promover a auto sustentabilidade econômica e social nas comunidades e municípios.

Os resultados nos mostram que o panorama atual das tecnologias da informação podem contribuir e aliar novos formatos na arte de comunicar, socializando a riqueza de conhecimento construído na Instituição.

Em princípio o que se espera da UFRPE é que através da comunicação se construam percepções sólidas junto ao seu público em geral, e ao homem rural em particular, através de pesquisas transmutadas em linguagem simples, gerando assim uma tomada de decisões, em conjunto, organizando, orientando e mudando a vida cotidiana das pessoas. Nesse sentido passa pela Coordenadoria de Comunicação Social a socialização das informações científicas para as comunidades rurais, com o objetivo de transformar a realidade cristalizada desses indivíduos, influenciando nas atitudes e ações numa associação entre comunicação e educação.

Amarrando os nós deixando um fio solto para que a UFRPE no papel de construtora de saberes possa buscar novos formatos de comunicação, que visem a socialização do conhecimento em todos os meios disponíveis, seja televisão, rádio ou internet, onde possa mediar a adequação dos conteúdos numa realimentação de troca desses saberes.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV. 2005.
- AMADO, J. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 145-155, abr. 1997.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica no Campo, 1999. (Coleção por uma educação básica do campo, n. 2). Disponível em: <<http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/944.pdf>> Acesso em: 23 fev. 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. 28. ed. Petropolis: Vozes, 2008.
- BICALHO, R. **Histórico da educação do campo no Brasil**. Apresentado no eixo temático: Educação do campo, trabalho e movimentos sociais. [2012?]. Disponível em: <<http://educampo.ufsc.br/wordpress/seminario/files/2012/01/Bicalho-dos-Santos.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2014.
- \_\_\_\_\_. História oral: limites e possibilidades. **Cadernos da FaEL**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-9, jan./abr. 2009. Disponível em: <[http://www.unig.br/cadernosdafael/vol2\\_num4/ARTIGO%20CADERNOS%204%20RAMOFLY%20BICALHO%20NO%20FORMATO%20REVISTO.pdf](http://www.unig.br/cadernosdafael/vol2_num4/ARTIGO%20CADERNOS%204%20RAMOFLY%20BICALHO%20NO%20FORMATO%20REVISTO.pdf)>. Acesso em: 23 fev. 2014.
- \_\_\_\_\_. **O projeto político pedagógico do movimento dos trabalhadores rurais sem terra: trajetórias de educadores e lideranças**. 2007. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, 2007.
- BORDENAVE, J.E.D. Além dos Meios e Mensagens. Comunicação como sistema e ciência. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998
- BUARQUE, C. **Parabólicos e metabólicos**. In: CAVALCANTI FILHO, J. P. (Org.). **Informação e poder**. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 71-77.
- BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 7-37. (Biblioteca Básica).

CALHOUN, C. **Comunicação como ciência social (e mais)**. Intercon ó RBCC, São Paulo, v.35, n.1, p. 277-310, jan/jun. 2012.

CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, Rio Grande, v. 16, p. 7-24, 2004.

CHERIAS, E.; MARTINS, C. **Do campus ao campo**: socializando os resultados da pesquisa veterinária. 2007. Monografia (Especialização em Administração com Ênfase em Marketing) ó Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2007.

COMPARATO, F. K. **Nótula sobre o direito à comunicação social**. In: CAVALCANTI FILHO, J. P.(Org.) **Informação e poder**. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 65-70.

DIAZ BORDENAVE, J. E. **Além dos meios e mensagens**: introdução a comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUARTE JUNIOR, J.-F. **O que é realidade**. 10. ed., 6. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros passos).

**FONTE ESCOLA BRASIL**. Conceito de Letramentos. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com>> . Acesso em: 15 abr. 2015.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42ª Edição

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

INTERCOM ó Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande, MS. Disponível em: <[www.portcom.intercom.org.br](http://www.portcom.intercom.org.br)>. Anais. Acesso em: 20 mar. 2015.

IZIQUE, C. O novo rural brasileiro. **Revista Pesquisa Fapesp, São Paulo**, ed. 52, abr. 2000. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2000/04/01/o-novo-rural-brasileiro/>>. Acesso em: 24 set. 2013.

JOUTARD, P. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (Org.). **História oral**: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 30-45. Disponível em: <<http://books.scielo.org.>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Cap. 6, p. 43-62.

LADEIRA, J. M. A convergência recente entre os setores brasileiros de comunicação de massa e de telecomunicações. INTERCON ó RBCC: **Tecnologias, redes sociais e convergência**. São Paulo. v. 34, n. 2, p.219-235, jul./dez. 2011.

LE GOFF, J. **História e memória**. / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão[et al.] Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LESSA, R. Subnutrição intelectual, anemia cívica. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 39, n. 231, p. 1, out. 2006.

LOPES, C. **Memória da imagem**: o testemunho do telespectador. 2001. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) ó Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U. 2013.

MAIA, P. L. **O abc da metodologia**: métodos e técnicas para elaborar trabalhos científicos (ABNT). 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Leud, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, C. **Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**: baú de memórias. [Recife]: [s.n.], 2009.

\_\_\_\_\_. **No tear imaginário, fios e tramas de memórias**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: < <http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1474/1475>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Saudade de uma pioneira da agronomia pernambucana, saudade da mãe da acerola no Brasil**. 2012. Disponível em: <[http://www.ufrpe.br/ruralnamidia\\_ver.php?idConteudo=11409](http://www.ufrpe.br/ruralnamidia_ver.php?idConteudo=11409)>. Acesso em: 14 fev. 2014.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, RS, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: < <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONSERRAT FILHO, J. O direito à informação qualificada. In: CAVALCANTI FILHO, J. P. (Org.). **Informação e poder**. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 94-99.

NOVAIS, W. Informação e cidadania. In: CAVALCANTI FILHO, J. P.(Org.) **Informação e poder**. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 80-91.

OLIVEIRA, V. L. Projetos de desenvolvimento rural: trajetórias e concepções. In: BRACAGIOLI NETO, A.; GEHLEN, I.; OLIVEIRA, V. L. **Planejamento e gestão de projetos para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p. 11-17. (Série

Educação a Distância). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad013.pdf>> Acesso em: 16 fev. 2014.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. Cap. 2, p. 67-72. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>> Acesso em: 22 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. História Oral e Poder. **Anais ANPUH**, Fortaleza, CE, jul. 2009. Disponível em: <<http://alessandroportelli.blogspot.com.br/2010/12/fonti-orali-e-potere-una-conferenza-in.html>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, abr. 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2008.

SALOMÃO, A. O preço da ignorância. **Revista Exame**, São Paulo, ano 40, n. 19, p. 20-30, set. 2006.

SELAU, M. S. História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 217-228, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887>>. Acesso em: 20 jul. 2014

SILVA, J. S. **Produção da informação impressa para produtores rurais da Paraíba: o caso do suplemento JP Rural (1993-1994)**. 1997. 192 f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) ó Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1997.

SOUZA, O. M. F.; MARTINS, C. Lindalvo Farias: reminiscências da trajetória de um engenheiro agrônomo. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, Recife, v. 5-6, p.19-31, 2008/2009.

THOMPSON, P. R. A voz do passado: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, A.; FRISC, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Cap. 6, p. 65-89. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. Cap. 6, p. 65-89.

## APENDICE A

### Ficha orientadora de entrevista ó Programa òMomento Rural ó Sua Memóriaö

Entrevistado \_\_\_\_\_ E-mail \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_ Hora \_\_\_\_\_ Local \_\_\_\_\_

Tipo de entrevista: \_\_\_\_\_ Forma de Registro: \_\_\_\_\_

Classificação: \_\_\_\_\_ (UNIDADE QUALITATIVA)

Bloco I ó

Nome:

Qual sua Formação Profissional?

Qual a importância da sua formação profissional para atividade que desempenha?

Bloco II ó Memória

A) Atuação na Comunicação

Já atuou em comunicação antes?

Onde?

Em qual cargo?

Por que escolheu esta profissão?

Sentiu dificuldades?

O que mais chama sua atenção na profissão?

Quais as dificuldades enfrentadas?

Quais os conflitos mais frequentes na sua profissão?

O ato de comunicar é ao mesmo tempo um ato político?

Em quais situações?

Como comunicador, qual o principal objetivo da comunicação como ato social?

Existe alguma fundamentação teórica na sua atuação comunicativa?

Bloco III - Sobre Comunicação e Educação

Qual sua concepção entre educação e comunicação?

Qual sua percepção da importância da comunicação de massa?

Através da comunicação de massa como vê os contextos históricos da sociedade e da região e sua relação com a produção de ações sociais?

Quais as programações que atendem as necessidades de contexto rural na sua região?

Conhecendo seu público alvo nos contextos rurais, que tipo de ação de comunicação de massa voltada para educação poderia atender suas demandas?

Quais as possibilidades de atender as demandas educacionais através comunicação de massa?

O que você acha importante na área de comunicação?

Bloco IV ó Programa Momento Rural

Conheceu o Programa Momento Rural?

Em que condição (Telespectador, Editor, Autor)?

O Programa òMomento Ruralö pode ser incluído na categoria de ação social?

Quanto a sua competência textual o que poderia descrever sobre o Programa Momento Rural?

Quais os pontos positivos do Programa Momento Rural?

E os pontos negativos?

Que outro nome daria ao Programa òMomento Ruralö? O que gostaria de acrescentar ao tema?

## APENDICE B

### Ficha orientadora de entrevista ó Programa ãMomento Rural ó Suas Memóriasö

Entrevistado nº \_\_\_\_\_ Local \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Gênero: Masculino Feminino Idade \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_ Profissão \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Filhos? Sim Não

1. QUE EMISSORA DE TV MAIS GOSTA?
2. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE ASSISTIR?
3. VOCÊ LEMBRA DE ALGUMA PROGRAMAÇÃO RELACIONADA AO CAMPO?  
QUAL?
4. EXISTE ATUALMENTE ALGUMA PROGRAMAÇÃO QUE ATENDE AS  
NECESSIDADES DE CONTEXTO RURAL NA SUA REGIÃO?
5. QUAIS AS MUDANÇAS NO MEIO RURAL QUE VOCÊ OBSERVOU NOS ÚLTIMOS  
20 ANOS?
6. O QUE VOCÊ ACHA QUE PRECISA MELHORAR NO MEIO RURAL NA SUA  
REGIÃO?
7. O QUE PRECISA SER FEITO PARA ATENDER ESSAS MELHORIAS?
8. CONHECEU O PROGRAMA MOMENTO RURAL?
9. O QUE VOCÊ PODE DIZER SOBRE O PROGRAMA MOMENTO RURAL  
(OBJETIVO, PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS).
10. SE PUDESSE ATRIBUIR UM NOME AO PROGRAMA MOMENTO RURAL, QUAL  
SERIA?
11. COMO SE SENTE CONTRIBUINDO PARA UMA PESQUISA QUE VISA  
RESGATAR UM CANAL DE COMUNICAÇÃO ENTRE A UFRPE E A  
COMUNIDADE DE CONTEXTO RURAL?
12. O QUE GOSTARIA DE FALAR MAIS SOBRE O TEMA?

## APENDICE C

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa *Do campus ao campo: tecendo a manta da comunicação na memória do Programa Momento Rural*, dissertação de Mestrado, na linha de pesquisa *Educação e Gestão no Ensino Agrícola*, sob a responsabilidade da pesquisadora Edna Chérias, que pretende analisar o Programa *Momento Rural* e sua contribuição nas transformações socioculturais a partir de sua recepção nos contextos rurais. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista temática, através de Blocos relacionados ao tema, com o objetivo de promover um resgate da memória do Programa Momento Rural. Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se o Sr. (a) aceitar participar, estará contribuindo para uma pesquisa que visa resgatar um canal de comunicação entre a UFRPE e a comunidade de contexto rural. Se depois de consentir em sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá custo de qualquer natureza e sua participação será inteiramente gratuita. Os resultados da pesquisa formarão um acervo de depoimentos, que serão depositados na Biblioteca Central da UFRPE, e será disponibilizado para consulta de outros pesquisadores e elaboração de trabalhos para publicação. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Av. Dom Manoel de Medeiros s/nº - Dois Irmãos - Recife - PE - Fones (81) 3320.6388 ou 3320.6391, e-mail: [cherias@ta.ufrpe.br](mailto:cherias@ta.ufrpe.br), ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa - UFRPE no mesmo endereço.

<b>Termo de consentimento</b>	<b>Nº</b>	<b>Data:</b>
-------------------------------	-----------	--------------

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não terei ganhos financeiros e que posso sair quando quiser. (Este documento será emitido em duas vias, devendo 1 (uma) via ficar com o entrevistador e 1 (uma) com o entrevistado).

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Entrevistado

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Entrevistador

## APENDICE D

### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa *Do Campus ao campo: Tecendo a manta da comunicação nas memórias do Programa Momento Rural*, sob a responsabilidade da pesquisadora Edna Chérias, a qual pretende Analisar o Programa *Momento Rural* verificando sua contribuição nas transformações socioculturais a partir de sua recepção nos contextos rurais. Sua participação é voluntária e se dará por meio de questionário de múltipla escolha e livres e entrevista, com o objetivo de promover um resgate do Programa Momento Rural. Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se o Sr. (a) aceitar participar, estará contribuindo para uma pesquisa que visa resgatar um canal de comunicação entre a UFRPE e a comunidade de contexto rural. Se depois de consentir em sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá custo de qualquer natureza e sua participação será inteiramente gratuita. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Av. Dom Manoel de Medeiros s/nº - Dois Irmãos ó Recife ó PE ó Fones (81) 3320.6388 ou 3320.6391, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa ó UFRPE no mesmo endereço.

<b>Termo de consentimento</b>	<b>Nº</b>	<b>Data:</b> ...../...../.....
-------------------------------	-----------	--------------------------------

#### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não terei ganhos financeiros e que posso sair quando quiser. Este Documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Data: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Impressão do polegar

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

## APENDICE E

### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE AGRONOMIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COM AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa *Do Campus ao campo: Tecendo a manta da comunicação nas memórias do Programa Momento Rural*, sob a responsabilidade da pesquisadora Edna Chérias, a qual pretende analisar o Programa *Momento Rural* verificando sua contribuição nas transformações socioculturais a partir de sua recepção nos contextos rurais. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista direcionada e não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se depois de consentir em sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá custo de qualquer natureza e sua participação será inteiramente gratuita. Ao mesmo tempo, libera a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, dissertações, teses, slides e transparências), em favor da pesquisadora, onde os resultados da pesquisa serão analisados e publicados com identificação de nome próprio após revisão da transcrição. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço Av. Dom Manoel de Medeiros s/nº - Dois Irmãos ó Recife ó PE ó Fones (81) 3320.6388 ou 3320.6391 ou pelo e-mail [cherias@t.ufrpe.br](mailto:cherias@t.ufrpe.br).

Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não terei ganhos financeiros e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

<b>Termo de consentimento</b>	<b>Nº</b>	<b>Data:</b> ...../...../.....
-------------------------------	-----------	--------------------------------

Assinatura do Participante

Impressão do polegar

Assinatura da pesquisadora